

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, MESTRADO EM HISTÓRIA

RICA/BENDITA; POBRE/ MAL-DITA: AS CORES DA MULHER EM  
JOSÉ DE MESQUITA (1915-1961)

**Luiz Renato de Souza Pinto**

CUIABÁ – MT  
JANEIRO – 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, MESTRADO EM HISTÓRIA

RICA/BENDITA; POBRE/ MAL-DITA: AS CORES DA MULHER EM  
JOSÉ DE MESQUITA (1915-1961)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFMT, sobre a orientação do Professor Doutor Oswaldo Machado Filho, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em história.

CUIABÁ – MT  
JANEIRO – 2006

## FICHA CATALOGRÁFICA

P659r Pinto, Luiz Renato de Souza  
Rica/bendita; pobre/mal-dita: as cores da mulher em José de Mesquita (1915-1961) / Luiz Renato de Souza Pinto. – 2005.  
129p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2005.

“Orientação: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Oswaldo Machado Filho”.

CDU – 396(817.2)(091)

### Índice para Catálogo Sistemático

1. Mulheres – Aspectos sociais – Cuiabá (MT)
2. Mesquita, José de – História e crítica
3. Mato Grosso – História
4. Literatura Mato-grossense
5. Mulheres – Raça
6. Mulheres – Religiosidade

---

Professor Dr. Paulo Celso Miceli  
Departamento de História / UNICAMP

---

Professora Dra. Yasmin Jamil Nadaf  
UFMT

---

Professor Dr. Oswaldo Machado Filho (orientador)  
Departamento de História / UFMT

---

Professora Dra. Lenny Caselli Anzai  
Suplente

Cuiabá, 01 de setembro de 2005

## RESUMO

Delimitar a representação da mulher na obra de José de Mesquita foi uma experiência surpreendente. Estruturar o trabalho em capítulos que apresentassem-na sob a ótica das cores e do patrimônio monetário foi uma das primeiras intenções. Social e racialmente falando, temos dois perfis definidos que, erigidos à época do governo de Dom Aquino Corrêa, atravessam a primeira metade do século XX.

Transcendendo as questões de gênero, procuramos demonstrar seu papel durante a gestação do Estado Novo, na criação de entidades filantrópicas, nas irmandades católicas, bem como em toda a amplitude social e cultural, a exemplo do Grêmio Júlia Lopes e seu estandarte: *A revista Violeta*.

Mesquita buscou eternizar, através do fazer literário, uma parte das tradições culturais dos tempos de antanho. Quer seja nos apresentando as cavalhadas, os tempos da cadeirinha e os costumes coloniais e imperiais, esse republicano tratou as mulheres como um verdadeiro homem de seu tempo: como mãe, beata e professora.

Tentamos colocá-las no divã para saborear, à luz de seu comportamento na moldura estreita da sociedade cuiabana, em que medida ela se encaixava no modelo nacional. O resultado? Rica / bendita; pobre / mal-dita: as cores da mulher, em José de Mesquita (1915 / 1961).

## ABSTRACT

Delimiting the representation of women in José de Mesquita's work was a surprising experience. One of the first intentions was to structure this paper into chapters that presented them through the lenses of colors and monetary patrimony. Socially and racially speaking, there were two definite profiles that – erected at the time of Dom Aquino Corrêa's government – crossed the first half of the 20<sup>th</sup> century.

Transcending the genres issues, we seek to demonstrate the female role during the birth of *Estado Novo*, the creation of philanthropic entities, catholic sisterhoods, as well as in all social and cultural amplitude – Julia Lopes' society and its Violeta magazine being a good example of it.

Mesquita tried to make eternal a part of past cultural traditions. In his work, the author presented the *cavalcadas* – horse races –, the period of *cadeirinhas* – the small chairs slaves had to use to carry their masters –, and the colonial customs, among other aspects. In each of the aspects, this republican has treated women as any typical man of his time would have – a mother, a pious person and a teacher.

We analyze these women through the perspective of the *cuiabana*'s society of the time and try to measure how they fitted in the national model. The result of the analyses is: rich/virtuous, poor/damned – the color of women in José de Mesquita.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. A CRUZ ENCOBRE A ESPADA.....	13
2.1. Os anéis do bispado.....	16
2.2. Mãe, beata, professora.....	23
2.3. O iluminismo por um fio.....	33
2.4. Machado/Mesquita: uma imagem real e invertida.....	39
3. ABUSANDO DAS MUSAS.....	48
3.1. Por uma questão de gênero!.....	48
3.2. Há va(r)gas na Academia.....	62
3.3. O céu como limite!.....	71
3.4. Uma violeta entre os colibris.....	76
4. CABEÇAS DE MEDUSA.....	87
4.1. Mouros X cristãos: a cavalcada não morreu!.....	88
4.2. Espelho de almas: as divas no divã!.....	94
4.3. Corá, ou: De Lylith a Eva – descaminhos do pecado original. 98	
4.4. As cadeirinhas de antanho.....	109
4.5. Entre o caminho de Damasco e o natal do comunista.....	113
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
6. FONTES.....	122
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124

À memória de minha mãe, eterna incentivadora,  
A meu pai, pela eterna presença,  
À Daniela, por tudo o que passamos juntos e sobretudo por ter dividido comigo minhas  
duas melhores obras;  
Nicole e Renato, luzes no início, meio e fim do túnel do tempo, da vida, esperança de  
consertar meus grandes erros!!

## AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos a todos os professores do Programa de História, com destaque para os que estiveram mais próximos no convívio das disciplinas cursadas: Dra. Regina Beatriz Guimarães Neto, Dr. Mário César Silva Leite, Dra. Maria Adenir Peraro e Dr. Otávio Canavarros.

Agradecimentos também para Dra. Lylia Guedes Galetti pelo início de orientação que foi de grande utilidade para a continuidade do trabalho;

Em especial para Dr. Oswaldo Machado Filho, que acompanhou o trabalho com uma orientação sempre positiva;

Professores doutores Leny Caselli Anzai e Mário César Silva Leite, pelas contribuições valiosas no exame de qualificação;

A todos os funcionários dos locais pesquisados, pela gentileza e atenção: IHGMT, NDHIR, Biblioteca Central UFMT, Biblioteca Pública Estevão de Mendonça, Biblioteca do Programa em História UFMT;

Estendo os cumprimentos também aos colegas que, nos corredores ou em eventos do programa, sempre estiveram lado a lado dividindo preocupações metodológicas e dificuldades em geral.

E por fim, a Matilde e Mônica que, na função de secretariar a nós alunos, sempre se colocaram à disposição para dirimir quaisquer dúvidas.

## 1. INTRODUÇÃO

Quando abrimos um novo livro não sabemos exatamente para onde a leitura nos levará. Os labirintos da percepção, a ladeira da memória, os caminhos de uma narrativa abrem-se e somos transportados para uma re-significação do mundo, de um outro mundo, muitas vezes desconhecido até então. Assim foi a descoberta de José de Mesquita.

Ao me deparar com o conto *Corá* experimentei essas sensações e percebi estar diante de um grande escritor. Encartado em um livro intitulado *As Selvas e o Pantanal*, a narrativa chocou-me pelo apelo dramático que um crime passionnal desperta. A maneira como o autor nos transportava para um determinado cenário era envolvente demais.

Interessei-me pelo autor José de Mesquita. Comecei a procurar outros textos e o espanto fora maior. Estava diante de alguém com farta bibliografia e praticamente desconhecido de seus conterrâneos da minha faixa etária. Aquele homem, nome de uma rua no bairro Araés e de uma escola na região do Porto era figura representativa de acontecimentos importantes da primeira metade do século XX.

Decidi-me desde cedo a trabalhar com esse material para a construção de um projeto para o programa de pós-graduação em história, da UFMT. Orientado inicialmente pelo professor Doutor Mário César Silva Leite, que fora meu orientador na graduação em letras na mesma instituição, iniciei as leituras com o que me caía à mão. Textos históricos, jornalísticos, contos, poemas, ensaios, discursos e conferências. Fui devorando todas as informações e a impressão que tinha era a de que faria uso de todo esse material na execução da dissertação. Devaneios de principiante. Ainda não sabia que jamais conseguiremos estar diante de toda a documentação que achamos necessária.

A troca de orientador, por motivo de força maior, colocou-me diante da professora doutora Lylia Guedes Galetti. O esboço inicial do trabalho sofre transformações radicais, a partir de uma contextualização mais ampla e um recorte mais objetivo. O que inicialmente seria um estudo sobre os *Crimes Célebres* e *Corá*, associando aspectos da criminalidade com a patologia determinante no comportamento de alguns personagens, passou a configurar apenas um aspecto do projeto que crescia em importância e ganhava contornos de uma representação da mulher no conjunto da obra.

Era hora de colocar em prática os conhecimentos adquiridos na vivência muito especial das aulas das disciplinas obrigatórias do programa, ministradas pelo professora Doutora Regina Beatriz Guimarães Neto. Construir uma operação historiográfica e promover uma discussão em nível de representações, estava selado o compromisso.

A escolha das disciplinas integrantes do programa se deu em função do que nos pareceu mais pertinente. Vindo da área de letras e buscando um trabalho que necessitaria de conhecimentos de historiografia regional, a fim de fazer a ponte com a literatura, cursamos História e natureza, disciplina ministrada pelo doutor Mário César Leite, e História e região, com o professor doutor Otávio Canavarros. As discussões foram muito proveitosas, sobretudo no que diz respeito à fronteira entre história e literatura, e as discussões sobre fronteiras *ipsi literis*, com o professor CANAVARROS.

O quadro teórico começava a ganhar substância, acrescido de uma visão da estrutura paroquial, da relação entre Estado e Igreja e o manejo de fontes paroquiais, aspectos fundamentais do ponto de vista bibliográfico e metodológico para que o trabalho se desse a bom termo. História das Populações, ministrada pela professora doutora Maria Adenir Peraro acrescentou itens fundamentais para a consolidação do projeto.

Hoje, olhando para trás, percebo que a construção do processo foi dolorida, mas gratificante. O crescimento de uma vaga idéia e a construção do conhecimento que possibilitou a materialização do projeto se deram com mais outra transformação que muito engrandeceu a caminhada: uma nova troca na orientação, fato que norteou o trabalho em uma hora crítica, dado o limite de tempo imposto pela CAPES.

Dois anos e uma defesa, prazo exíguo para o amadurecimento de uma idéia. Estava agora às voltas com o professor doutor Oswaldo Machado Filho, escalado para a orientação definitiva. A troca veio em um momento em que a qualificação se aproximava e era necessária a escritura do texto. O que havia de concreto era uma pesquisa bibliográfica detalhada, muitas leituras concluídas e pistas, indícios, sinais que, guinzburguianamente falando, talvez me levasse a algum lugar, que de preferência não fosse tão comum assim.

O exame de qualificação foi um passo decisivo. Os professores Dr. Mário César Leite e Dra. Leny Caselli Anzai partilharam da minha leitura indicando caminhos luminosos para algumas trevas que se desenhavam em meus rabiscos. O texto que apresentei para o exame era uma síntese das minhas impressões, registro de uma leitura que se procurou cuidadosa, mas repleta de armadilhas, ardis criados pela leitura

apressada e empolgada demais como todo pesquisador apaixonado por seu objeto. O resultado era um texto superficial, idolatrado, que se distanciava do caráter científico e do rigor acadêmico.

As tentativas de se acabar com visões insólitas, de desemaranhar enunciados e produzir enunciações factíveis passou a ser o horizonte. As colocações da banca, bastante pertinentes, foram tomadas como anotações fundamentais e a tranquilidade de uma pesquisa bem feita palmilhou o caminho na reta final, longa, com muitas curvas sinuosas, mas sempre bem sinalizadas por uma orientação firme.

O atropelamento do tempo tomou-me as rédeas do discurso e a materialização das idéias em forma de objeto ganhou o formato final, intitulado *Rica/bendita; pobre/maldita: as cores da mulher em José de Mesquita*. Encontrar nomes adequados sempre é uma dificuldade. Os textos têm que ter nomes, títulos, subtítulos que de alguma forma reflitam o processo de sua formatação. Penso que discutir a mulher na obra de um escritor de muitas faces, como foi MESQUITA é uma tarefa complexa. Achamos que a definição dos capítulos como são hoje apresentados foi a melhor possível, diante das informações obtidas ao longo dos últimos três ou quatro anos.

No primeiro capítulo, *A cruz encobre a espada*, procuramos dar destaque à formação acadêmica do escritor, suas relações afetivas e intelectuais com Dom Aquino Corrêa, bem como o papel da mulher na sociedade cuiabana da primeira metade do século XX. É bom frisar que falamos de uma mulher de uma elite dirigente que se apresenta como branca e letrada que colocaremos defronte a outra não-branca e iletrada.

As transformações necessárias para a construção dessas verdades passavam necessariamente pela educação; o que ampliava o lugar social da mulher rompendo os limites do lar e da Igreja, atingindo a vida profissional - a escola. A instrução pública era o elemento chave para a reprodução de um *modus vivendi*. O projeto de MESQUITA espelhava-se em um vasto painel de influências e aqui procuramos demarcar duas que consideramos importantes, senão fundamentais: Jules Michelet e Joaquim Maria Machado de Assis, a quem dedicamos com bastante cuidado algumas considerações.

Privilegiamos neste primeiro capítulo um conjunto de fontes de caráter doutrinário. Textos que relacionavam a mulher com aspectos subjetivos, com a religiosidade e a educação. Dentre elas, destacamos *O catholicismo e a mulher* (1926), *Semeadoras da Bondade* (1930) e *Professoras Novas para um Mundo Novo* (1940).

No segundo capítulo, *Abusando das musas*, iniciamos uma discussão de gênero para depois partirmos para a relação de José de Mesquita com a formação de espaços associativos. A criação de diversas instituições filantrópicas e culturais tiveram a contribuição do pensador. A sua relação com a Academia de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, as publicações com as quais contribuía e a revista *Violeta* são partes constitutivas desse mosaico. Um leque de possibilidades nos surgia a cada leitura e o recorte foi de difícil formatação. Como fontes utilizamos os livros de poesia de MESQUITA, *Poesias* (1919), *Terra do berço* (1927), *Epopéia mato-grossense* (1930), *Escada de Jacó* (1945), *Roteiro da felicidade* (1946), *Poemas do Guaporé* (1959).

Também foram utilizadas crônicas publicadas no jornal *A Cruz* e sua participação em a *Violeta*. As musas em diversos cenários, e as mesmas representações, heróica (ou submissa?) romântica (ou comportada?).

O que era para ser o recorte mais amplo e eixo central da discussão fixou-se como núcleo central do terceiro capítulo: Cabeças de medusa tem a pretensão de demonstrar como a escrita de José de Mesquita adquire na prosa, uma grandeza relativa, em comparação à produção poética. Os exageros formais e o derramamento romântico que acometem sua produção em versos ganha contornos realistas/naturalistas interessantes em muitas narrativas. Neste capítulo as fontes básicas foram seus livros de contos. *Cavallhada* (1928), *Espelho das almas* (1932), *No Tempo da cadeirinha* (1946) o conto *Corá* (1932) inicialmente publicado na *Revista Nova*, de São Paulo, o romance *Piedade* (1937) e alguns capítulos da novela *Graça*, publicados no jornal *A Cruz*.

Concluído o percurso percebemos, olhando pelo retrovisor, que o nosso objeto inicial é um ponto distante do lugar de hoje. Falamos com a pretensa autoridade que o conhecimento adquirido nos permite. Se tivéssemos que começar de novo creio que o faríamos não sei se com a mesma intensidade, dinâmica e objetividade, mas com a eterna curiosidade que nos faz seguir algumas trilhas e, principalmente, desconfiar de quase tudo, sem o que não seríamos de fato pesquisadores.

## 2. A CRUZ ENCOBRE A ESPADA

Ao embarcar para São Paulo, onde foi cursar a faculdade de direito do Largo de São Francisco, em 1909, José de Mesquita iniciava um ciclo vitorioso de sua história e que engrandeceria em muito a historiografia e literatura mato-grossenses. Os vinte primeiros anos da instalação da incipiente república velha já haviam produzido um clima de tensão e choque cultural no país, captados pela ótica de muitos intelectuais brasileiros sob a luz da belle époque tupiniquim.<sup>1</sup>

O Largo de São Francisco que sediava a faculdade desde o ano de 1828 fora palco de muitas discussões e processos revolucionários e viu passar um infindável número de pessoas que marcariam presença na história da república federativa do Brasil. Quem desejasse cursar uma escola de direito, até então, costumava ir para Coimbra, em Portugal. Graças à iniciativa de José Feliciano Fernandes Pinheiro, mais conhecido como visconde de São Leopoldo, do parlamento imperial, surgia o grande sonho de ter em território brasileiro os primeiros cursos na área de ciências jurídicas e sociais. Através da lei de 11 de agosto de 1827, estabeleceu-se a criação dos cursos em São Paulo e em Olinda, a partir de uma visão em que

*(...) o imperador passa a tomar parte de um projeto maior: assegura não só a realeza como destacar uma memória, reconhecer uma cultura.*

*Se no plano da política externa uma monarquia encravada bem dentro do continente americano gerava desconfianças, mesmo internamente era também preciso criar uma identidade. Pode-se entender dessa maneira a fundação apressada, ainda na época de D. Pedro I, das duas faculdades de direito do país em 1827 – uma em Olinda, outra em São Paulo -, a reformulação das escolas de medicina em 1830, assim como a criação de um estabelecimento dedicado “às letras brasileiras”.*<sup>2</sup>

A inauguração da Academia do Largo de São Francisco aconteceu em 1º de março de 1828, um pouco antes da pernambucana e instalou-se de início no convento de São Francisco, em consonância com os frades franciscanos, com os quais caminharam juntos até a demolição do antigo prédio em 1930. Nove presidentes da república passaram pelas arcádias de São Francisco tornando-se pessoas notáveis da política

---

<sup>1</sup> Nicolau Sevcenko. *Literatura como missão*.

<sup>2</sup> Lílian Moritz Schwarcz. *As Barbas do Imperador*. p. 126.

nacional: Prudente de Moraes, Campos Salles, Afonso Pena, Rodrigues Alves, Delfim Moreira, Wenceslau Brás, Artur Bernardes, Washington Luís e Jânio Quadros. Além destes, doze outros foram governadores do estado de São Paulo, além de muitos parlamentares, juristas e jornalistas da mais alta expressão, quer seja no mundo jurídico, político ou no das letras.

Anteriormente qualquer aspirante ao bacharelado em direito dirigia-se para Portugal, notadamente Coimbra, mas com a iniciativa de José Feliciano Fernandes Pinheiro, o Visconde de São Leopoldo, isso não se fazia mais necessário. A lei que cria a faculdade é de 11 de agosto de 1927, data que serviu como marco para o nome do célebre grêmio acadêmico notabilizado pela participação nos principais acontecimentos políticos do país, desde então.

A ligação da escola com a Igreja era muito estreita, uma vez que até mesmo para se chegar até as salas de aula passava-se obrigatoriamente pela sacristia, tendo o sino como campainha oficial para o início e término das aulas. Quer seja no período monárquico, quer no republicano, a faculdade sempre esteve atrelada ao poder central, sendo incorporada à Universidade de São Paulo na década de 30, pouco antes da assinatura do Decreto de 10 de agosto de 1934, assinado pelo presidente Getúlio Dorneles Vargas.<sup>3</sup>

Sendo um espaço tradicionalmente masculino, a faculdade de direito do Largo de São Francisco formou a primeira mulher advogada no ano de 1902, Maria Augusta Saraiva, e aos poucos foi tornando-se o principal centro cultural, social e cívico do país, servindo como laboratório para jornais e revistas voltadas à causa republicana, como o *Farol Paulistano* e o *Correio Paulistano*.

José de Mesquita sempre esteve ligado à criação de entidades de caráter associativo, o que muito provavelmente contribuiu para o convívio harmonioso com a sociedade cuiabana e mato-grossense. Ligado ao Instituto Histórico de Mato Grosso e ao Centro de Letras Mato-grossenses, órgão anterior à Academia de Letras do estado, esteve na vanguarda dos acontecimentos culturais das primeiras décadas do século XX, como representante da cultura oficial do estado. Sua tese apresentada ao Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil<sup>4</sup>, sua capacidade de articulação aliada a uma boa oratória e conhecimento histórico. José de Mesquita

---

<sup>3</sup> Decreto Federal nº 24.102, de 1934.

<sup>4</sup> Evento realizado no ano de 1936, no Rio de Janeiro. Mesquita defende a idéia da criação da Federação das Academias do Brasil, idéia anteriormente derrotada em plenário, de autoria de Afonso Celso, do Rio de Janeiro e posteriormente apresentada por Mesquita e aprovada.

relembra os antecedentes da criação da Academia trazendo informações sobre outras agremiações que aglutinaram pensadores como Emiliano Ângelo de Oliveira Pinto, Antonio Pedroso Pompeu de Barros e Francisco Corrêa da Costa Sobrinho, criadores da *Associação Literária Cuyabana*, que tem seus primeiros registros de despesas e receita datados de 10/11/1881.

O Centro Mato-grossense de Letras, por sua vez, é criado a 22/05/1921, comandado por José de Mesquita, João Barbosa de Faria e Lamartine Ferreira Mendes, em reunião à residência de MESQUITA. A tese é construída de maneira didática, preocupação do autor em demonstrar a utilidade da criação da Academia, como também dotá-la de meios para promover o desenvolvimento de suas atividades, que poderiam ser otimizadas com a criação da Federação; fato que fortaleceria a política integracionista a fim de romper com o isolacionismo cultural de Mato Grosso, conforme o Fragmento:

*São, pois, os nossos votos mais sinceros e ardentes, que ficarão constituindo a conclusão desta these, o sentido de que o Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil collime os seus altos objectivos, entre os quaes, sem duvida alguma, nos afigura a mais relevante finalidade essa de lançar as bases da Federação das Academias de Letras Estaduais.*

*Conseguindo a effectivação dessa medida teria mesmo, quando só ella conseguisse, realizado o Congresso, uma obra de inestimável alcance, para o progresso das letras nacionaes e para o estreitamento dos laços de uma nobre e sadia brasilidade.<sup>5</sup>*

A criação da Federação das Academias, obra de articulação intensa, em 1936 é representativa desse processo. Participando de mais de cem instituições nacionais e internacionais como colaborador, foi no ano de 1939, quando passa a integrar o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como correspondente, que experimenta o êxito profissional e literário, numa década em que esteve à frente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso (10 anos), atividade que contribuiu para uma extensa correspondência nacional e internacional.

Entre 1930 e 1940, atuando como Desembargador e presidente do Tribunal de Justiça do estado de Mato Grosso, Mesquita teve a oportunidade de se destacar na atribuição de suas funções e utilizar o trânsito oficial para colocar em evidência seus

---

<sup>5</sup> José de Mesquita. *Revista de Cultura* – RJ nº 20 – julho/dezembro 1936 – Anno X. p. 22

dotes literários. Observando sua contribuição para a *Revista de Cultura* do Rio de Janeiro, no período de 05/02/1928 (a partir do fascículo 14), até 05/04/1939 (fascículo 148), contabilizamos 41 inserções de sua autoria, entre sonetos, contos, discursos, crítica literária, novela e conferências, sendo um dos maiores colaboradores desse periódico. É bom lembrarmos que esse impresso estava sob a direção da ação católica, como também o jornal *A Cruz*, que esteve sob a sua direção, por 20 anos.

O que chama a atenção, em especial, é que o autor tem os seus textos publicados no sumário de todas as edições sempre acompanhados do título de Desembargador, como muitos de seus confrades, o que reforça a importância que se dava à magistratura como sinônimo de poder e tráfico de influência para se determinar a importância histórica e cultural de tal titulação. Suas obras publicadas na revista eram reproduções anteriormente veiculadas nas revistas da Academia Mato-grossense de Letras, como também de seu predecessor, o Centro de Letras que, enviadas para o Brasil e exterior serviam como um arquivo vivo do autor para participação em antologias as mais diversas. Para se ter uma idéia do volume de textos publicados, basta dizer que no mesmo período, Dom Aquino Correa teve apenas 11 textos publicados, contra os 41 de José de Mesquita. Somente no fascículo 16, de 05/04/1928, Mesquita tem 11 sonetos o mesmo número de textos de D. Aquino, em toda a história da revista.

## **2.1. Os anéis do bispado**

Os anos de 1918 a 1922 foram de aparente calma no cenário mato-grossense. A indicação de um jovem padre, com Doutorado em Teologia em Roma, extenso currículo como professor e serviços prestados ao catolicismo no estado, para a presidência do estado foi *sui generis*. Dom Aquino Corrêa, único mato-grossense, à época, a fazer parte da Academia Brasileira de Letras sobe ao poder com a finalidade maior de apaziguar os ânimos entre os coronéis. As brigas políticas violentas que atentavam contra a liberdade no estado precisavam de um remédio forte que diminuísse o seu poder.

Dom Aquino Corrêa inaugura uma fase de intensa agitação cultural sob a bandeira da religião e do civismo a fim de promover o desenvolvimento cultural (da elite) mato-grossense. São seus estes versos de exaltação à bandeira brasileira:

*Salve, bandeira do Brasil querida,  
Toda tecida de esperança e luz!  
Pálio sagrado sobre o qual palpita  
A alma bendita do país da cruz!*

*Salve, bandeira! Quando ao sol desfraldas,  
De ouro e esmeraldas, o teu manto real,  
Nossa alma em vôo pelo azul se lança,  
Nessa esperança de dourado ideal!*<sup>6</sup>

O ideário católico/positivista de Dom Aquino irá refletir profundamente na formação de José de Mesquita, desde a mais tenra idade.

Pretendemos neste primeiro capítulo dialogar com os textos de Mesquita que ajudam a construir uma imagem da mulher que contemple sua formação católica e ao mesmo tempo um ideário romântico posto que o contraste se estabelece por um tratamento suave, sutil, mas colocando-a no que se convencionou chamar de “seu lugar”.

O que chamamos ironicamente de lugar da mulher na sociedade de então – primeiros anos do século XX pode ser observado muito bem no pensamento de Dom Aquino, hegemônico no período, e com o qual Mesquita parece concordar em gênero, número e grau. Senão vejamos:

*Bem se pode dizer, em summa, que o christianismo reconduziu a mulher a um novo paraíso terrestre. Mas assim como no antigo éden, não lhe faltára a tentação, assim também neste a velha serpente não deixou de ser a mais astuta das alimárias. Insinuou-se outrora no paraíso, e disse a Eva: “Sereis como deuses” eritis sicut dii! Insinua-se agora nest 'outro jardim de delícias, e diz á mulher christã: “Sereis como homens!”. Daquella primeira seducção nasceu o pecado, desta segunda nasceu o feminismo.*<sup>7</sup>

Do fragmento de Dom Aquino já se percebe uma certa intolerância de setores da Igreja no Mato Grosso para com a mulher, tratando-a, inicialmente por alimária, ou seja, animal irracional, espécie de animal fadado a carregar pesos, assumir a condução de cargas pesadas, vida afora. Utilizando a imagem do cristianismo como (re) condutor dessa condição, uma idéia paradoxal transporta a mulher de um plano encantatório (dentre os deuses) para um irônico (igualdade entre os sexos), do pecado original para a

---

<sup>6</sup> Dom Aquino Corrêa. *Nova e Vetera*. Brasília: Senado Federal, 1985.

<sup>7</sup> Dom Aquino Corrêa: *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. 1935. jan./dez. – n V e VI: p. 13.

condição feminista. Georges Duby, medievalista que se debruçou bastante sobre esta questão, traz no volume III de sua trilogia sobre as damas do século XII idéias que demonstram que

*Esse homem de igreja, que as julga, descobre na natureza feminina três vícios maiores. Em primeiro lugar, as mulheres, segundo ele, são levadas a desviar o curso das coisas, portanto, a opor-se, às intenções divinas, usando práticas, no mais das vezes culinárias, das quais transmitem mutuamente os segredos. Todas sendo mais ou menos feiticeiras, as damas preparam entre si misturas suspeitas, a começar pelas maquiagens, ou unguentos, as pastas depilatórias de que se servem, falseando suas aparências corporais para apresentar-se, enganadoras, diante dos homens.*<sup>8</sup>

O mesmo Mesquita, que deixou uma impressão de pessoa adorável, respeitador, solícito e encantador, conforme transparece no registro de Nilo, Isac e Lenine Povoas<sup>9</sup>, Antonio Arruda e outros, tratava sim, a mulher com todo o cuidado, mas sem devotá-la melhor lugar na sociedade do que os cuidados que o lar exige e sua resignação, como também a continuação da educação dos filhos, como professora – prolongamento do lar. O fragmento acima, de Dom Aquino, foi extraído de um discurso paraninfal às formandas diplomadas pela Escola Normal Dom Bosco, de Campo Grande, a nove de dezembro de 1934 e reforça a idéia de submissão da mulher entre os

*Núcleos modelares de educação feminina, pela formação consciente do espírito da mulher, célula mater das sociedades futuras, que ali, no ambiente da mais sã moral, recebe o perfume da virtude, que a torna o encanto e a alegria do lar.*<sup>10</sup>

Recorrendo mais uma vez a Duby, temos como visão complementar a da mulher, um envolvimento com o demônio que está evidente em muitos medievalistas, quer seja pela prática da feitiçaria, do poder de vida ou morte que revestem as práticas do aborto e do infanticídio, enfim, por uma variada gama de possibilidades de a bom termo pôr fim à vida.

---

<sup>8</sup> Georges Duby. *Eva e os Padres*. p.13.

<sup>9</sup> Isac e Nilo Povoas eram irmãos, e Lenine, filho de Nilo que, com cinco anos de idade já escolhera MESQUITA para seu padrinho de batismo.

<sup>10</sup> José de Mesquita. *Professoras novas para um mundo novo*. p.3.

*A maldição vem de longe, da criação do mundo. Quem, de fato, entre os cavaleiros, não reconheceria uma vez ou outra, na esposa deitada ao seu lado, os traços dessa mulher cuja imagem era mostrada por toda parte, associada à morte, à perdição, a esse pecado, para ele o pior, talvez o único, o único em todo caso de que as reações de seu corpo o persuadam, o pecado da carne? Qual deles não tinha, um dia, reconhecido Eva?*<sup>11</sup>

O jovem idealista que, chegando de São Paulo com seu diploma na mão é obrigado a rever sua formação acadêmica de livre-pensador e aceitar a ascendência daquele que não só era seu líder espiritual e guia, mas também irmão mais velho, com quem se criou e se espelhou ao trilhar o dogmático caminho da cristandade. O período vivenciado em São Paulo está relatado nas *Notas Paulistas*, publicadas em *O Mato Grosso*, crônicas incipientes de quem, em início de carreira já demonstrava gosto pelas letras. Sua formação católica, adquirida no Liceu São Gonçalo onde se bacharelou no ano de 1907, sob a batuta de D. Aquino, ressurgiu com a sua volta, em 1913, já como advogado formado na mais antiga faculdade do país. O retorno à formação anterior, foi conduzido por D. Aquino Corrêa, líder espiritual, guru, irmão mais velho, cuja relação de parentesco reforçava certa liderança.<sup>12</sup>

O filho menor a que o registro se refere é o menino José de Mesquita, portanto, afilhado do pai de Dom Aquino Corrêa, de quem passou a ser meio-irmão, por parte de mãe, casado em segundas núpcias com a senhora sua mãe. O registro é rico ainda em outras informações.

*Achando-se em companhia do orador a menor e única filha de sua falecida mulher, a qual foi criada e é estimada como se fora sua própria filha, é a afilhada da oradora; assim como uma irmã d'esta, mais moça e ainda solteira, e afilhada do orador, há grande conveniência para o bem estar de todos a alliança contratada.*<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Georges Duby. Op.cit. p.41.

<sup>12</sup> Segundo informações contidas no Catálogo editado sob a supervisão da professora doutora Maria Adenir Peraro, contendo toda a documentação da Cúria Metropolitana de Cuiabá, o registro de união estável entre D. Maria de Cerqueira Mesquita, com o senhor Antonio Thomaz de Aquino Corrêa, ambos viúvos, ilustra bem o momento, senão vejamos: *Ele com 60 anos, natural de Goiás, morador há 44 anos em Cuiabá, ela com 31 anos [...] ambos viúvos e aqui residentes, achavam-se justos e contratados para se receberem em matrimônio não o podem fazer porquê há entre os oradores os seguintes impedimentos: o orador é padrinho de baptismo do único filho menor que tem a oradora, e são cunhados pois o orador foi casado com a falecida D. Anna de Cerqueira Corrêa, irmã mais velha da oradora.*

<sup>13</sup> Maria Adenir Peraro. *Catálogo da Cúria Metropolitana de Cuiabá*. p. 134. Cf. microfilmagem. Cuiabá, 1903/ caixa 53 – rolo 33. NDHIR.

Não é tão difícil perceber toda a ascendência de Dom Aquino sobre Mesquita, a partir dessas informações. Desde o convívio familiar, passando pela rigidez disciplinar típica das aulas no Liceu Salesiano na primeira década do século XX, o mergulho no mundo dos livros, o adestramento religioso a que foi submetido, enfim, o conjunto das atividades a que se filiou fez do pequeno garoto uma espécie de ordenança, menino prodígio, oficial de ordens, projeções amparadas pelo (meio) irmão mais velho, aprendiz de tutor e político nepotista, uma vez que seu primeiro emprego na área jurídica, ao chegar bacharelado a Cuiabá foi para assumir a magistratura no Vale do Araguaia, região para a qual, como exímio cavaleiro, Mesquita se deslocou no lombo de seu cavalo, atravessando boa parte do território mato-grossense (do norte) povoado até então, passando próximo inclusive da serra dos Martírios, imortalizada em soneto no referido fascículo 14 da *Revista de Cultura* supracitada, e que transcrevemos aqui:

*Quando criança, sempre ouvi falar  
Dessa serra belíssima e lendária,  
Empús da qual, numa ânsia tumultuária,  
Muitos se foram para não voltar.*

*Deixavam o socêgo do seu lar,  
Em busca da riqueza visionária,  
E, padecendo dor e angustia vária,  
Jamais a conseguiram vislumbrar.*

*E ria-me dos que, na faina obscura,  
Pela idealização, que não se alcança,  
Sertões a dentro se iam, á aventura...*

*Mal via então – não fosse uma criança!  
Que levamos a vida na procura  
Da serra dos martyrios da esperança.<sup>14</sup>*

O retorno de Mesquita a Mato Grosso o coloca em contato com um processo deliberado de violência. Desde o assassinato do presidente do estado, em 1902, encurralado por seus opositores na fábrica de pólvora <sup>15</sup>, o clima em Mato Grosso era de bastante tensão. Isso

---

<sup>14</sup> *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro. Fascículo 14, de 05/02/1928. p. 115.

<sup>15</sup> Local em que Totó Paes refugiou-se para aguardar a expedição Dantas Barreto, enviada pelo governo federal, que não chegou a tempo de evitar o massacre. Rodrigues Alves agiu tardiamente no episódio que custou a vida do presidente.

*Refletiu negativamente no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, tendo o caso sido levado até mesmo ao Congresso Nacional, pois o presidente Rodrigues Alves desejava estabelecer uma intervenção em Mato Grosso. O Congresso, no entanto, pela força política dos Murtinho, decidiu contra a intervenção. A violência cometida contra um representante do governo estadual marcou indelevelmente o cenário nacional, passando Mato Grosso a ser visto como uma terra sem lei, ou o território do “baraço e do cutelo”, no dizer do historiador Valmir Batista Corrêa, estudioso do processo de violência imperante em Mato Grosso, ou ainda a terra onde vigorava a “Lei do 44”, ou seja, onde tudo se resolvia à bala, calibre 44. O assassinato de Totó Paes, tal como os demais, ficou impune.<sup>16</sup>*

Neste cenário é que Mesquita reencontra sua terra natal. Entendendo as transformações sociais ocorridas no Brasil no início do século XX, com todas as conturbações de ordem social, e do ponto de vista cultural, a ruptura promovida pelo advento modernista, buscaremos enquadrar o pensamento de José de Mesquita numa órbita em que ora se encaixe no perfil proposto, ora aceite alguma variação, sem grandes mudanças, sem o que os modernos chamaram de ruptura com a tradição. 1922 – data do encerramento do governo de transição de Dom Aquino Corrêa e da Semana de Arte Moderna, em pleno berço da tradição quatrocentona: o Teatro Municipal de São Paulo.

Nem todos os intelectuais, entre ficcionistas e historiadores, deixaram palavras apenas doces sobre José de Mesquita e a corte de Dom Aquino Corrêa. Muitos dos usos e costumes do período ficaram registrados em páginas satíricas publicadas em jornais da época, como nos traz à tona Rubens de Mendonça, filho do historiador Estevão de Mendonça. Algumas dessas pérolas ficaram na história da imprensa cuiabana, como as *sátiras anônimas* do cuiabano Indalécio Leite Proença, sobre as quais Mendonça opina: *O trabalho de Indalécio tem algumas quadras boas. Nem todas são boas. Ele divide o folheto em quatro partes: Introdução, A Reforma do Tesouro, o Banquete Episcopal e Passeio na Chapada. Na primeira parte diz o poeta:*

*Se a Bahia é terra boa,  
Mato Grosso inda é mio;  
Pau rodado cria proa  
Furta bem, enche o bocó.*

*Dom Benito já ta feito;*

---

<sup>16</sup> SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. *História de Mato Grosso*, 2002, p.161.

*É sapão de três lagoa  
A questão é só te jeito  
Pois o resto vai àtoa...*

*Decorrido algum tempinho,  
Ele vai pra relação;  
Salvo se no seu bentinho,  
Não tive mais devoção.*

*Assembléia inté já fez  
Lei pra ele e Barnabé;  
Um conto de réis por mês,  
Não pé mimo pra qualquer!*

*Adiante diz o poeta:*

*João Cunha já batizou  
Todo os fio que ele tem;  
Isác se riu, caçoou,  
Mas vai imita também.<sup>17</sup>*

Dom Benito é o Benito Esteves, juiz de direito de Três Lagoas, hoje Mato Grosso do Sul, então secretário do Interior, Justiça e Finanças no governo de Dom Aquino Corrêa, enquanto que Barnabé é o nosso Desembargador José de Mesquita, nomeado juiz de direito, no governo do bispo presidente. Pela leitura desse fragmento podemos perceber o quadro político da época, a reação dos chamados *livre-pensadores* ao governo católico de Dom Francisco, a quem acusam, via Indalécio Proença, de nepotista, prevaricador e beneplácito com pessoas provenientes de outras plagas.

O texto demonstra criticar quem não fosse mato-grossense de nascimento<sup>18</sup>, acusando irônica e satiricamente de enriquecimento ilícito (*furta bem, enche o bocó*), concentração de renda e poderes (*sapão de três lagoa*) – uma vez que se dirige a um super secretário de governo - interior, justiça e finanças, que provavelmente utilizaria o cargo como trampolim para assumir uma cadeira na Relação (o que seria hoje o Tribunal de Justiça de Mato Grosso), o apoio incontestado a quem fosse católico praticante (*salvo se no seu bentinho, não tive mais devoção*) e a criação de leis para beneficiar a pessoas próximas que receberiam uma ótima remuneração por serviços prestados (*Assembléia inté já fez / lei pra ele e Barnabé; um conto de réis por mês / não é mimo pra qualquer.*)

---

<sup>17</sup> MENDONÇA, Rubens de. *Sátira na política de Mato Grosso*. Cuiabá: Edições do Meio, 1978. p. 57.

<sup>18</sup> Daí a característica marcante do migrante ser taxado de pau-rodado, por ser de outras regiões.

Não bastasse isso tudo, arremata o fragmento, como nos lembra MENDONÇA, com uma quadra em que:

*O poeta disse que, sendo Dom Aquino o bispo e presidente do estado, e João Cunha e o professor Isác Povoas membros da Liga dos Livre Pensadores, iam ambos batizar os filhos para caírem na graça do bispo-presidente.<sup>19</sup>*

## **2.2. Mãe, beata, professora.**

A concepção de MESQUITA sobre a mulher, leia-se, a mulher da sociedade cuiabana de então, começa a delinear-se em seu discurso inaugural da Liga das Senhoras Catholicas e União de Moças Catholicas, entidades que agrupavam moças e senhoras da elite cultural e econômica da capital, a vinte de setembro de 1925 no Asylo Santa Rita, a sua visão de mulher ideal, e que consiste em dizer que

*Vós sois, exmas. Senhoras e graciosissimas senhorinhas cuyabanas, a mulher que encontra Deus, mesmo no tumulto da sociedade, que o vê, mesmo no entre chocar das paixões ambientes, que o traz presente mesmo no labirinto da vida hodierna, incomparavelmente mais intensa e complicada embora neste canto esquecido do universo, do que na Paris febricitante do grande século<sup>20</sup>*

José de Mesquita busca colocar a mulher a par de suas vocações para as coisas do bem, alertando-as para os perigos da sociedade moderna, transformadora, comparando a estrutura social com suas armadilhas a um labirinto, mesmo na Cuiabá de cem anos atrás, em comparação com o velho mundo, personificado pela cidade-luz. A respeito dessa nova mulher que MESQUITA pretensamente nos apresenta, já dizia HOBBSAWM que:

*À primeira vista, pode parecer absurdo estudar a história de metade da raça humana de nossa época inscrevendo-a no contexto da história das classes médias ocidentais, um grupo relativamente pequeno mesmo no interior dos países de capitalismo “desenvolvido” ou em desenvolvimento. Contudo*

---

<sup>19</sup> Rubens de Mendonça. Op, cit. p. 57.

<sup>20</sup> José de Mesquita. *Semeadoras da bondade*. p. 6.

*isto é legítimo, na medida em que os historiadores concentram sua atenção nas mudanças e transformações da condição feminina; a mais impressionante destas, “a emancipação feminina”, foi durante essa época, iniciada e mesma quase inteiramente restrita ao estrato médio e – em forma diferente – aos estratos superiores da sociedade estatisticamente menos significativos.*<sup>21</sup>

Com o dom da retórica que o alçou a postos de destaque na sociedade de então, Mesquita buscou estreitar a relação da mulher com a religião, como estratégia de dominação típica do mundo masculino da época, pois:

*Si, de uma parte, força é reconhecer que a função social da mulher é muito mais profunda que a do homem, pois é ella que começa por formar o próprio homem, na estrutura physica ou moral, por outro lado, quem poderá negar a íntima correlação que liga a idea da religião á da mulher, a mais pura e constante servidora dos mais nobres ideaes humanos?*<sup>22</sup>

Se por um lado ele exalta a mulher, por outro a enquadra numa relação em que se cobra uma educação muito forte e rígida delegando a ela as funções de mãe, de professora e de beata. O que de fato preocupa a sociedade de então são os avanços conquistados pelas mulheres que refletem transformações que, à luz da moral, são contidas pelo aparelho ideológico do catolicismo, como podemos observar abaixo:

*O catholicismo é a mais alta expressão do culto da mulher, elevando-a á glória dos altares, nessa estupenda legião de virgens e de martyres que lhe encham os agiólogos, soerguendo-a da misera condição em que a viera achar na legislação romana á posição jurídica e moral que hoje desfructa em todos os países cultos, operando, na magnífica instituição da família, a verdadeira redempção feminina, que os falsos amigos da mulher deturpam sob os véus de uma igualdade de sexos que a própria natureza repelle e viria, ao contrario, descer do seu pedestal a nobre companheira do homem, erigindo-a em sua inimiga e concorrente.*<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> HOBBSAWM, Eric. A nova mulher; In: *a Era dos Impérios – 1875-1914*. p. 271.

<sup>22</sup> José de Mesquita. Op. Cit. p. 9.

<sup>23</sup> MESQUITA. Idem. p. 10.

Depreende-se dessa leitura a idéia de que os avanços sociais adquiridos pela mulher enquanto ser social incomodavam em muito os tradicionais detentores do poder, em todos os níveis. Mesquita parece trazer, como a maioria dos homens nascidos no século XIX, um eterno apaixonado pela tradição medieval, as histórias de cavaleiros dos poderes reinóis já em regime republicano. Parece ver com bastante reserva os direitos adquiridos pós-revolução francesa, embora “*O que se lhe seguiu, o afamado século das luzes, arvorou em nome da sciencia os mais extravagantes princípios e, sob a capa de liberalismo, lançou o fermento da anarchia contemporânea, nas doutrinas mais absurdas e inexeqüíveis*”.<sup>24</sup>

Acompanhando um pouco mais o pensamento de HOBSBAWM, é preciso lembrar que a

*Emancipação feminina era ainda bastante modesta a essa altura mesmo tendo o período produzida um pequeno – mas sem precedentes – número de mulheres ativas em campos até então restritos exclusivamente aos homens e onde de fato elas se distinguiam notavelmente: eram figuras como Rosa Luxemburgo, Madame Curie, Beatrice Webb. Ainda assim, era suficientemente ampla para produzir não apenas um punhado de pioneiras, mas – dentro dos mais burgueses – uma espécie nova, a “nova mulher”, sobre a qual, de 1880 em diante, os observadores do sexo masculino teorizaram e discutiram e que foi a protagonista dos escritores “progressistas”, como Nora, de Henrik Ibsen, e Rebecca West, heroína de Bernard Shaw, ou melhor, anti-heroína.*<sup>25</sup>

Por trás de uma aparente democratização o que se percebia era o reforço do papel de pai; provedor e líder da célula mater da sociedade. Tendo como norte os princípios da moral e com apoio incontestado da religião, o percurso familiar no desenvolvimento social estaria supostamente traçando um perfil:

*O exemplo mais ilustrativo desta situação nos é fornecido pelos “manuais de civilidade” e pelos “diretórios cristãos”, lê-se: “não toques, nem deixes tocar de pessoa diferente de teu sexo”. “Jamais admitas em tua casa jogos, serões, assembléias, comédias, óperas e festas, nem visitas de pessoas em que domina o espírito do mundo”; (...) “fosse como da peste à leitura de livros maus e perigosos; tais são não só os que abertamente atacam a nossa Sagrada Religião revelada, e*

---

<sup>24</sup> MESQUITA. Idem. p. 10.

<sup>25</sup> HOBSBAWM. Op.cit. p.272.

*que insinuam erros contra o depósito da fé; mas todos os que contêm doutrinas novas, opostas à venerável tradição.* <sup>26</sup>

Medicina e direito, duas profissões contempladas com cursos superiores no Brasil, estão na base da formação político-social dos brasileiros. Toda a tradição positivista reinante na elite cultural e econômica encontrou, através dessas duas profissões, espaço para a perpetuação dos dispositivos de controle moral e social. No que diz respeito à medicina, isso fica claro quando percebemos que

*A submissão da família à cidade foi imposta em nome do corpo, da raça, da classe e do estado. Esta dimensão coercitiva, no entanto, foi temperada pela criação de um novo mito da função social do grupo familiar. A instituição senhorial devia perder seu antigo poder, mas para ganhar um papel bem mais nobre e grandioso. O corpo e a alma higiênicos deixaram o exíguo espaço da casa, para se projetarem no imenso espaço do estado.* <sup>27</sup>

Mesmo não tendo este trabalho a preocupação de discutir o caráter eugênico da saúde pública, para se construir o perfil dessa *nova mulher*, os avanços sociais que incluíam o trabalho remunerado e o higienismo, como tributários de uma revolução nos costumes, produziram um discurso em que:

*A educação feminina torna-se um ponto-chave para a medicina, pois através dela pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país. A “nova mulher”, submetida à tutela médica, além de se constituir num agente familiar da higiene social, deveria tornar-se o baluarte da moral e da sociedade, e dessa formas as normas médicas deveriam ser transmitidas pelas mães as (sic) suas filhas a partir da adolescência e puberdade.* <sup>28</sup>

Falar, portanto, em educação feminina é lembrarmos que os papéis de homem (pai) e mulher (mãe), são estruturas a partir de um ordenamento familiar que tem uma função disciplinadora. A esse respeito, COSTA nos lembra que a questão sexual e amorosa passa a ser vislumbrada como trunfo da medicina social a favor da construção de um estado sólido.

---

<sup>26</sup> Jurandir Freire Costa. *Ordem médica e norma familiar*. p. 137.

<sup>27</sup> Idem. p. 148.

<sup>28</sup> CASTILHO, 1910. APUD Maria Zilda Santos de Matos. Construindo a Paulistaneidade – as representações do feminino e do masculino no discurso médico-eugênico, São Paulo (1890-1930). *Revista do Departamento de História da UFGO*, Volume I. 1996. p. 128.

*Os higienistas criaram normas rigorosas de seleção dos cônjuges, porém, em contrapartida, prometiam aos eleitos da “raça” deleites nunca antes experimentados. Como o direito de escolha individual do parceiro, em nome da fruição do sexo e do amor.<sup>29</sup>*

Quando falamos no papel da mulher na sociedade, e como isso parece agradar a Mesquita, estamos nos referindo à mulher da elite, aquela que ilustrava os salões com sua elegância. Observa-se a maneira pela qual ele a elas se dirige sempre com muito cuidado, lisonjeiro, sutil e delicado, que deixa transparecer um ar austero em seus princípios, observador atento que edifica seu discurso enaltecendo atitudes, sem necessariamente discutir o mérito de suas construções. É dessa maneira que Mesquita<sup>30</sup> exalta o poder da crença e a atitude da mulher, uma vez que:

*Por assim pensardes, creastes, de par com a parte puramente religiosa, a secção social de vossos grêmios: o dahi ao lado dessa sympathica organização que se chama a obra dos tabernáculos onde as mais graciosas obreiras se desvelam no serviço dos altares, essa outra secção das damas de caridade, de vastíssima significação, no actual, generosamente no seio da pobreza, assim a guiza de doce orvalhada a rorejar do céu sobre o terreno ressequido.<sup>31</sup>*

A habilidade da oratória, somada ao suave trato com a construção narrativa faz de Mesquita um excelente tradutor da sociedade de uma época em que a mulher era vista como companheira sim, mas sem espaço para ampliar sua participação social, em qualquer atividade que não dissesse respeito ao lar, à escola e à Igreja católica. São muitas as referências em sua obra que dão margem a esse pensamento, como por exemplo: *Adivinho-a, eficiente cooperadora na evolução da raça, obscura e gloriosa tutriz de nossos destinos históricos, formando, nos alvéolos do lar, o favo mellifluo do exemplo de que se nutrem as novas gerações.<sup>32</sup>*

---

<sup>29</sup> Jurandir Freire Costa. Op. Cit. p. 226.

<sup>30</sup> No segundo capítulo da dissertação desenvolveremos a relação de Mesquita com as agremiações associativas do estado, particularmente com o Grêmio Júlia Lopes, porta-voz oficial das mulheres, e sua revista símbolo *A Violeta*, bem como o lado épico de sua poesia de onde se erigem perfis femininos que se destacam no conjunto de sua obra.

<sup>31</sup> MESQUITA. Idem. p.14.

<sup>32</sup> Idem. p.15.

Ao discutir o conceito de evolução da raça, MESQUITA penetra em um terreno delicado, uma vez que ainda no início do século XX as teorias deterministas em curso ainda perpassam por certos procedimentos ligados à eugenia, apuro genético, questões que aparecem de maneira recorrente em seu texto. Construídos em forma de elogio, refletem a preocupação dominadora e doutrinária do machismo arraigado na família brasileira, fruto de uma sociedade patriarcal, escravocrata, e não afeita às lides democráticas, como a nossa da década de 20, do século passado. Aqui se torna nítida a influência dos pensadores do período, ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como por exemplo, Gilberto Freyre. José de Mesquita ainda frisa que *é preciso que cada um individualmente se convença dos males comuns a todos, dos males que provêm todos da mesma fonte, o desprezo às tradições e o abandono das leis de Deus*<sup>33</sup>.

Com relação aos aspectos marcadamente deterministas, é interessante observarmos como Sevcenko registra bem na obra máxima de Euclides da Cunha, questões similares:

*Há contido ainda algo de absolutamente original na sua linguagem e no seu realismo, procedente em particular do seu estilo narrativo. Adepto modelar da filosofia estética de Spencer – vértice da sua obra - que impõe ‘ao poeta’ (...) a subordinação às leis naturais, Euclides da Cunha procedia a uma rigorosa seleção dentre os fatos reais, só elegendo para compor os seus textos aqueles que condensassem em si uma grande potencialidade como fenômenos sociais ou atuais.*<sup>34</sup>

A ligação de Euclides da Cunha ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro demonstra uma unidade de sentido na construção histórica que, desde 1838 busca proceder a um encadeamento de propostas que visavam construir um panorama histórico representativo, desde a maioridade de Dom Pedro II, associando a sua imagem à de um mecenas, um grande impulsionador da arte e cultura nacional, se é que se pode pensar em estado nacional o que se consignou chamar de continuidade do estado português. Como contraponto à nossa civilização, cunhada no imperialismo luso, desenvolveu-se um raciocínio unilateral, para o qual

---

<sup>33</sup> Idem, ibidem. p.17.

<sup>34</sup> Sevcenko. Op.Cit. p.134.

*Na verdade, composto em sua maior parte, da “boa elite” da corte e de alguns literatos selecionados, que se encontravam sempre aos domingos e debatiam temas previamente escolhidos, o IHGB pretendia fundar a história do Brasil tomando como modelo uma história de vultos e grandes personagens sempre exaltados tal qual heróis nacionais. Criar uma historiografia para esse país tão recente, “não deixar mais ao gênio especulador dos estrangeiros a tarefa de escrever nossa história [...]”, eis nas palavras de Januário da Cunha Barbosa a meta dessa instituição, que pretendia estabelecer uma cronologia contínua e única, como parte da empresa que visava à própria “fundação da nacionalidade”.<sup>35</sup>*

A construção de elogios, opúsculos, narrativas encomiásticas e qualquer texto de caráter laudatório a “grandes” homens do período colonial e imperial brasileiro era apenas parte da tarefa a que se dispuseram cronistas como Varnhagen. Capistrano de Abreu<sup>36</sup>, também serve de espelho para José de Mesquita, oferecendo outra visão para a historiografia nacional, uma vez que:

*Capistrano de Abreu, mais próximo de Varnhagen no tempo e no tipo de história, reconhece numerosos problemas na obra dele: em sua história do século XVIII, deixou a desejar; seu estilo tende mais à crônica, faltando-lhe a intuição, o espírito de conjunto, perdendo-se em acontecimentos irrelevantes; uniformizou a história do Brasil, tornando-a sempre igual, repetitiva, não percebendo o ritmo específico de cada época.<sup>37</sup>*

Mesmo sendo constituído à semelhança do Instituto francês, como nos lembra SCHWARCZ, *A nação deveria surgir como o desdobramento de uma civilização branca e européia nos trópicos, tarefa que exigia imensos esforços uma vez que a realidade brasileira era constituída de uma realidade muito diversa daquela que se tinha como modelo, a Europa.*<sup>38</sup>

A questão da mestiçagem, inicialmente ligada ao nosso atraso cultural pode ser perfeitamente entendida como algo revigorante na cultura brasileira, mas nem sempre

---

<sup>35</sup> Schwarcz. Op.cit. p.127.

<sup>36</sup> A esse respeito percebemos em José Carlos dos Reis: *As identidades do Brasil – de Varnhagen a FHC*, algumas particularidades. São palavras de REIS: *Capistrano de Abreu, mais próximo de Varnhagen no tempo e no tipo de história, reconhece numerosos problemas na obra dele: em sua história do século XVIII, deixou a desejar; seu estilo tende mais à crônica, faltando-lhe a intuição, o espírito de conjunto, perdendo-se em acontecimentos irrelevantes; uniformizou a história do Brasil, tornando-a sempre igual, repetitiva, não percebendo o ritmo específico de cada época.* p. 30.

<sup>37</sup> José Carlos Reis. *As identidades do Brasil. De Varnhagen a FHC.* p. 30.

<sup>38</sup> Astor Antonio Dihel. *A cultura historiográfica brasileira.* p. 28.

foi assim. Vista de maneira caricatural, somente ao sair da esfera biológica para uma análise social é que o fenômeno ganha destaque.

*Nas diversas instituições a discussão racial assumiu, naquele momento, um papel central, surgindo teses alternativas embora contemporâneas. Da frenologia dos museus etnográficos à leitura fiel dos germânicos da escola do Recife, passando pela análise liberal da escola de direito paulista ou pela interpretação católico-evolucionista dos institutos, para se chegar ao modelo eugênico das faculdades de medicina, é possível rever os diferentes trajetos que uma mesma teoria percorre.*<sup>39</sup>

Criado para perenizar o discurso oficial, escrever a história da nação, sob a batuta do império, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro vinha a campo a fim de legitimar o império brasileiro na conquista de sua nacionalidade. A decadência do café e a ressaca da Guerra do Paraguai, com seus virulentos surtos, são vetores de uma inquietação nacional, caricaturizados por Machado de Assis em *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

O tom laudatório do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro se fazia sentir nas reuniões quinzenais, em manhãs domingueiras com suas discussões girando em torno de

*assuntos diversos. Peculiaridades dos costumes indígenas, crônicas da cidade do Rio de Janeiro, temas da atualidade carioca, pareceres acerca de novos sócios, ou memórias sobre personalidades do Instituto recentemente falecidas.*<sup>40</sup>

Em seu importante artigo intitulado *O Diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República*, Maria de Lourdes Mônaco Janotti frisa que:

*Muitos trabalhos biográficos sobre figuras republicanas, embora trouxessem a público fontes, sobretudo oriundas de acervos particulares, adotaram a perspectiva dos republicanos paulistas e compuseram uma “galeria original de fundadores da República, na qual se encontram, lado a lado, ex-monarquistas, republicanos e dissidentes. Essa produção prende-se, em grande parte, a uma cultura histórico-política do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de seus congêneres estaduais. (...) que se atém apenas aos aspectos mais aparentes dos acontecimentos políticos.*<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Lilia Moritz Schwarcz. *O espetáculo das raças*. p. 19.

<sup>40</sup> Idem. p. 108.

<sup>41</sup> Maria de Lourdes Mônaco Janotti. *O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da república*. p. 134.

Em nome da tradição, de Deus e posteriormente do Estado Novo, o discurso de Mesquita vai abstraindo da formação da mulher todos os elementos passíveis de crítica. O autor enfeixa o assunto dizendo que a escola deve ser apenas o prolongamento do lar, retirando da pauta, da agenda social da instituição escolar qualquer aspecto renovador/contestador da ordem estabelecida pela sociedade tradicional: às sementeiras da bondade só resta seguir a trilha dominada pelo homem, do qual será eternamente uma sombra, notabilizada pela máxima recorrente até os dias de hoje: “ por trás de um grande homem sempre há uma grande mulher”.

As altas taxas de mortalidade de mães e filhos e a necessidade de uma ação preventiva levaram ao desenvolvimento da maternologia, impulsionada por médicos, higienistas e reformadores sociais no sentido de uma

*Profissionalização da maternidade. (...) a maternidade deixava de ser uma experiência exclusivamente feminina, transmitida entre mulheres, para transformar-se em um saber que emerge de um discurso profissional da medicina – na verdade, um discurso masculino sobre as mulheres.*<sup>42</sup>

Mesquita parece crer que a vocação da mulher para as coisas do coração é a grande função no meio social, e parece acreditar que nesse papel ela se encontra de fato. É bom lembrar que a relação do mestre com o espírito feminino vem de antes, e que ele mesmo ao voltar de São Paulo, antes mesmo de viver profissionalmente da advocacia fora professor de língua portuguesa na Escola Normal, tempos em que obrigatoriamente um licenciado nas ciências jurídicas dominava amplamente a língua pátria. Percebe-se todo o apreço que tinha pelas mulheres, e particularmente pelas normalistas, bastando para isso observar que *A nada mais attentastes que aos impulsos generosos do vosso coração affectivo, elegendo-me para testemunho da vossa mystica alliança com o magistério, do vosso espiritual connubio com o professorado*<sup>43</sup>. O apreço a que MESQUITA se refere implica, de certa forma em um galanteio. O capricho que dedicava às moçoilas, particularmente às normalistas, dava conta, em certa medida, de um tratamento lisonjeiro que buscava uma ligação maior.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> MATOS. Op.cit. p.131.

<sup>43</sup> *Sementeiras do Futuro*, 1930. p. 3.

<sup>44</sup> *A palavra aliança cria um elo, sela uma união, enquanto que conúbio dá as devidas conotações de interdependência afetiva e sexual, demonstrando uma relação de complementariedade em que a libido*

Penso que por hora basta-nos perceber que se a missão feminina é ensinar, como nos lembra o mestre:

*Que grandeza, que sublimidade se contem neste simples vocábulo – ensinar! É, por seguro, a mais nobre e a mais bella missão da mulher, tarefa essencialmente feminina, pois que, entre tantas a que hoje se entregam as mulheres a quantas se avantaça, sobrestá a qualquer e paira acima de todas.*<sup>45</sup>

Mesquita demonstra, na virada da década, que as mulheres vinham conquistando vagarosamente espaços na sociedade que começa a apresentar alterações do ponto de vista da organização social, o que se faz necessário observar já que a mulher ocupa espaços antes dominados amplamente pelos homens. Por mais que elas tenham outras atividades, segundo MESQUITA nenhuma as engrandecerá tanto quanto o magistério, até porque essa atividade profissional é um “prolongamento do lar”.

Como porta-voz do movimento grevista de 1917, o deputado Maurício de Lacerda, a título de resolver o problema do trabalho noturno feminino, por exemplo, constrói um discurso em torno do *bem estar da família*. A preocupação com a licença maternidade sem perda de função ou salário, também deixa clara a sua preocupação com a configuração da família de então, senão vejamos:

*É importante notar que esta proposta de legislação estava de acordo com a estratégia de defesa de um tipo de família centrada na divisão “natural” dos papéis sociais: o homem promovendo o sustento da casa e a mulher realizando o trabalho extra doméstico, apenas para complementar a renda familiar, mas mantendo como sua principal função a educação e o cuidado com os filhos e os afazeres domésticos.*<sup>46</sup>

Em meio ao ineditismo de uma Chiquinha Gonzaga e o desprendimento de Carmem Miranda, observamos que a missão feminina nos primeiros anos do século passado é lembrada diversas vezes em textos doutrinários, mas é em *Semeadoras do Futuro*, que o autor busca projetar nas formandas de 1929 todo o ideário cristão dos ensinamentos de Deus e a preocupação de se preservar a moral e os bons costumes. Por isso o mesmo texto é construído em uma linguagem direta, sem subterfúgio, como se

---

passa a ser canalizada para outras relações. Desenvolveremos melhor essa idéia no segundo capítulo, intitulado Abusando das Musas.

<sup>45</sup> MESQUITA. *Semeadoras do futuro*. p. 5.

<sup>46</sup> Giselle Martins Venâncio. p. 185.

dissesse a elas que *Já vedes que não póde haver tarefa mais adequada ás nossas forças e aos pendores naturaes do vosso sexo, em que pese o paradoxal conceito de Mussolini, que visa excluir a mulher da missão educativa.*<sup>47</sup>

Se por um lado podemos apontar diversas semelhanças de seu discurso com o pensamento fascista/integralista, de vários autores nacionais, aqui observamos um corte. MESQUITA discorda de El Ducci, no que diz respeito à educação. Na sua opinião, *Quem melhor desempenhará essa nobre função de ensinar do que a mulher, toda ella dedicação e ternura, amor e abnegação, carinho e devotamento, que, no dizer de Michelet, se dispõe sempre a morrer por aqueles a quem ama?*<sup>48</sup>

### 2.3. O iluminismo por um fio

Na busca de elementos que me permitam convergir aspectos da linguagem de Mesquita e Michelet encontro relações de similitude, sobretudo no que diz respeito à mulher, à donzela, às moçoilas que poderiam muito bem ser personificadas nas normalistas da Cuiabá do início do século XX. Penso que a reconstrução de caráter medievalista do historiador da Revolução Francesa passa por uma preocupação muito grande em reconstruir o universo de opressão pelo qual passara a mulher européia, como por exemplo, em *Joana D'Arc*,

*Quando foi aprisionada e estava sob a guarda das damas de Luxemburgo, essas boas damas rogaram-lhe que se vestisse como convinha a uma moça honesta. A duquesa de Bedford enviou-lhe um vestido, mas por quem? Por um homem, por um alfaiate. Esse homem, ousado e familiar, atreveu-se a colocar-lhe o vestido, e, como ela o repelisse, pôs a mão sem cerimônia sobre ela, sua mão de alfaiate sobre a mão que conduzira a bandeira da França...e ela aplicou-lhe uma bofetada.*<sup>49</sup>

Em *A Feiticeira*, obra em que todo o romantismo de um escritor apaixonado pelos aspectos gloriosos da história de seu país aflora de fora a fora em capítulos curtos e intensos, dramáticos e sucintos, repletos de uma imaginação criadora que reconstrói em

---

<sup>47</sup> Idem, ibidem. p. 5

<sup>48</sup> Ibidem. p. 6

<sup>49</sup> Jules Michelet. *Joana d'arc*. p. 115.

forma de narrativa compacta na qual emergem passagens mágicas, como a que lembra o fato de que

*ainda não existem os velhos que vêm tentar as jovens à tardinha, quando escurece sobre a estreita rua, cochichando em seus ouvidos, dizendo que elas os fazem morrer de amor. Esta mulher não tem outros amigos além de seus sonhos, nem outros pensamentos além de seu animais ou das árvores da floresta.*<sup>50</sup>

Toda a amplitude humanista de Jules Michelet pode ser averiguada através de dados biográficos e sua bibliografia. Aquele que se orgulhava de ser auxiliar de tipógrafo, como o fora nosso grande Machado de Assis, outra forte influência mesquiteana, deixou livros que se notabilizaram pelo caráter liberal. Sua erudição, bom humor e ecletismo foram capazes de produzir pérolas como

*O grande e poderoso médico renascentista Paracelso, queimando os tratados da medicina aplicada pelos gregos, judeus e árabes, declara nada ter aprendido além da medicina popular, praticada pelas mulheres, pelos pastores e pelos carrascos, que eram frequentemente hábeis cirurgiões e bons veterinários.*<sup>51</sup>

A ligação que buscamos estabelecer entre os distintivos traços culturais de MESQUITA e MICHELET escora-se em combinações de aspectos estruturais de conformação social, a partir do projeto hegemônico de um estado burguês. A questão da identidade se faz presente na medida em que está *Fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.*<sup>52</sup>

Essa crise da representação do sujeito pauta-se, segundo HALL em três concepções de identidade, entre as quais destacamos a primeira, na qual:

*O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado,*

---

<sup>50</sup> MICHELET, idem, p. 35/36.

<sup>51</sup> Idem, p. 77.

<sup>52</sup> Stuart Hall. A identidade em questão. In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 1999. p. 7-22.

*unificado, dotado de capacidades de razão (...) O centro essencial deu a ela a identidade de uma pessoa. Essa era uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade, na verdade a identidade dele, já que o sujeito do iluminismo era usualmente descrito como masculino.*<sup>53</sup>

Mesquita atribuía o prestígio feminino a três fatores, a saber: a graça, a virtude e a inteligência. Três facetas de um ser que, entre a graça e a beleza, nutre-se de afetividades e repassa, em forma de conhecimento todo esse frescor. *Notae bem que não digo belleza ou formosura, e sim graça, que é muito mais do que simples ornatos physicos, eurythmia de fôrmas, efeitos de plástica que se aferem nos concursos galvestonianos pelas fichas anthropometricas.*<sup>54</sup>

Ao diferenciar os vocábulois graça de beleza, o vate consegue agradar a todas, contrariando a máxima de Vinícius de Moraes, que nos diz que “as feias que me desculpem, mas beleza é fundamental”.<sup>55</sup>

É interessante perceber que o texto mesquiteano nos oferece inúmeras informações para desenhar a sociedade da época, com seus usos e costumes, hábitos e vícios, tendências de comportamento captadas pelo autor e oferecidas ao leitor que tem condições de avaliar as atitudes da época. Principalmente no que diz respeito a tabus e preconceitos

*Que há ajhi mais odioso, nos tempos que correm, do que essa masculinização da mulher, tão aberrante do senso moral como a feminização do homem, criando essas ridículas contrafeituas que são a “suffragista” e o “almofadinha” verdadeiras caricaturas de uma civilização que se corrompe e decae?*<sup>56</sup>

Chamando a isso de “contrafeituas” e codinome de falsas virtudes Mesquita recomenda que cada indivíduo fique onde a natureza supostamente os colocou, ou seja, que a mulher deixe de querer participar do mundo masculino, e que o homem não ouse querer, como rapaz alegre, título de uma de suas notas paulistas já referidas, do seu início de carreira jornalística participar ativamente do mundo feminino.

---

<sup>53</sup> Idem, ibidem.

<sup>54</sup> *Semeadoras do Futuro*. p. 7.

<sup>55</sup> Mesquita produz uma novela, publicada em fascículos no jornal *A Cruz*, intitulada *Graça*, material que trabalharemos no terceiro capítulo.

<sup>56</sup> *Semeadoras do Futuro*. p. 9.

O preconceito de Mesquita com relação a esses dois exemplos se reforça pela ótica moral de que a mulher não deve se envolver com política, que é coisa de homem e que o mesmo deve ter compostura, sem desafiar os preceitos divinos. Para ele a decadência da civilização já se anuncia de há muito e não tem necessariamente a ver com o voto feminino – que nada tem de masculinização e o homossexualismo masculino, tido como desvio de conduta.<sup>57</sup>

Ao estabelecer a importância da religião para qualquer classe social, dialogar com a tradição, compreendê-la como necessidade social e estabelecer relações com a política, Mesquita edifica seu construto teórico de maneira dogmática, até por que *Si a religião é necessária aos ricos e poderosos, para que refreiem suas paixões incontidas, muito e muito mais ella se faz mister aos pequenos, aos pobres, que nella encontrarão conforto e balsamo ás agruras da vida.*<sup>58</sup>

A prática da resignação, construída na relação pouco dialética cristão/cristianizador encontra na verve dogmática de Mesquita um amplo espaço para se desenvolver. É nesse solo fecundo que, tratando de uma nova classe que surge das transformações sociais decorrentes da decadência da monocultura cafeeira, ele alerta que *São os amigos-ursos do operariado, todos os revolucionários desde os de 1789 até os de hoje, que tem a bíblia no “Contratto Social” de Rousseau ou no “Capital” de C. Marx, todos esses que pregam abertamente, á face dos governos que o toleram, a destruição da ordem social...*<sup>59</sup>

A generalização de Mesquita com relação a ROUSSEAU e MARX parece um pouco superficial. Chamando as obras máximas do liberal e do comunista de verdadeiros libelos da tradição anticristã, blasonados de *Bíblia*, ou livro-base sobre o qual se edificam novos conceitos de ordenamento social, o Desembargador se mostra pouco afeito a redimensionamentos no *corpus* de qualquer sociedade. O caráter doutrinário do texto *Pela Boa Causa*<sup>60</sup> surge como um sofisma que busca revestir de uma amplitude cristã o mito fundador de uma sociedade que se pretende mais justa a partir de uma ressurreição de preceitos da escolástica enterrados há quatrocentos anos.

---

<sup>57</sup> Cabe aqui lembrar que o voto feminino no Brasil existe desde 1932, instituído muito tempo depois que a maioria dos países vizinhos ao Brasil.

<sup>58</sup> Idem, p. 10.

<sup>59</sup> Idem, p.11.

<sup>60</sup> Conjunto de leituras católicas publicadas com aprovação da autoridade eclesiástica. Vide bibliografia. 4 Conferências pronunciadas em Cuiabá, versando sobre múltiplos aspectos da sociedade. São elas: 1 – A religião e o operariado; 2 – Religião e tradicionalismo; 3 – A religião: necessidade social e 4 – Religião e política.

Gilda Maciel nos demonstra que *quando o braço do estado alcança o indivíduo naquela esfera de atuação estritamente privada, então a consciência do homem é substituída pela consciência do estado; o lar, o marido, a mulher, os filhos, amigos e bens são propriedade do estado, que os controla e tutela;*<sup>61</sup> Algo semelhante aparece em Rousseau, segundo BARROS, uma vez que

*Rousseau rejeita o estado histórico à medida que, neste estado, se instaurou a desigualdade entre os homens, iguais por natureza; rejeitado à medida que neste estado o homem é artífice do mal e vive em estado de queda, contrariando a sua própria natureza (...) A desigualdade instaurou-se entre os homens em razão da propriedade privada, que dividiu a sociedade, sucessivamente, entre ricos e pobres, fracos e fortes, senhores e escravos, numa progressão que levou a uma negação da própria vida social organizada.*<sup>62</sup>

Segundo Mesquita, substituída a razão pelo arbítrio, a ordem do espírito pelo instinto da animalidade mais grosseira o ser humano marcha para a decadência da espécie, enfrenta a moral e os bons costumes que afrontam a sociedade mato-grossense, e, por conseguinte, a brasileira. Se a tradição é também uma invenção<sup>63</sup> e José de Mesquita se coloca a favor dessa continuidade, tudo o que venha a romper com esse ideário, é visto com pouca afeição.

*É que o catholicismo entre nós se casa tão intimamente à tradição, à história, ao passado todo de nossa terra, que representa, por assim dizer, a própria alma mato-grossense, a continuidade da ordem e da disciplina, o elemento ponderável do progresso, a essência mesma da nossa evolução de povo livre e consciente.*<sup>64</sup>

Aqui, toda a doutrina e o dogmatismo cristãos falam mais altos. É o momento em que o engajamento cristão se sobrepõe na formatação do discurso. Com a contundência desse discurso, a sociedade civil organizada em torno desse processo civilizatório

---

<sup>61</sup> BARROS, Gilda Naécia Maciel de. *Platão, Rousseau e o Estado Total*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

<sup>62</sup> ROUSSEAU. APUD: BARROS, idem. p.140

<sup>63</sup> Segundo Eric Hobsbawm, por *tradição inventada* entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

<sup>64</sup> José de Mesquita. *Pela Boa Causa*. p. 6.

redimensionou seu foco. Em termos de Brasil, o que se chama de civilização derivou da soma das três matrizes étnicas de nossa população, bem como da gloriosa contribuição do imigrante. *Operou-se nesse conglomerado de raças, um como processo de seleção mental, fazendo que preponderasse o catholicismo do luzo e do bandeirante, - dois typos de raça superior, colonizadores e aventureiros sobre a mescla da grosseira superstição do africano e a theogonia primitiva do indígena.* <sup>65</sup>

No discurso de MESQUITA percebe-se a leitura de Capistrano, Varnhagen, Freyre, entre outros. A construção dessa visão de país moderno escora-se em alguns conceitos elaborados ao longo do período de dominação portuguesa. REIS nos lembra que, a respeito de Varnhagen:

*Capistrano de Abreu, por exemplo, também considera a sua obra pobre na periodização. Ele afirma que Varnhagen organiza a sua exposição cronologicamente e não tematicamente. Quis privilegiar o tempo datado, a cronologia miúda, minuciosa, mas o que conseguiu foi confundir-se com o contemporâneo, que também narra o que vive assim: ontem, anteontem, no dia seguinte, daqui a um mês, no dia 1º de abril...Capistrano afirma que Varnhagen não conseguiu, por isso, perceber o todo, o que dificultou a sua interpretação de Brasil.* <sup>66</sup>

A utilização da palavra seleção, por José de Mesquita implica em uma derivação do pensamento de Darwin. A analogia proposta rechaça a subjetividade de cada um, engessada por uma doutrina que se pretende espiritualista, que despreza o desconhecido, a busca, a experimentação, conquistas pós-Revolução Francesa. Para Mesquita, o estandarte anticomunista é a panacéia capaz de diluir maus hábitos, desmembrar grupos dissidentes dessa política de exclusão *enquanto o coração do homem for esse amalgama incompreensível de ânsias pelo infinito e nostalgia da lama de que foi feito, esse revoar pelo azul e esse rastejar pelas trevas – digam o que quiserem os racionalistas á Comte e os partidários do atheísmo oficial, á Lenine e Staline.* <sup>67</sup>

Em nome do cristianismo MESQUITA dispara sua metralhadora giratória para todos os lados; darwinismo, positivismo e materialismo são alvejados por sua retórica que capta do autor da *Origem das Espécies* o conceito de homem, enquanto animal social: *Não deve haver quem não admita que o homem é um ser social. Vemos isso na*

---

<sup>65</sup> Idem. p.38.

<sup>66</sup> José Carlos Reis. Op.cit. p.50.

<sup>67</sup> Idem, ibidem. p.71.

*sua aversão pela solidão e no seu desejo pela inserção na sociedade, além de sua família (...) na verdade, os instintos sociais nunca se estendem a todos os indivíduos da mesma espécie.*<sup>68</sup>

Aqui nos parece ocorrer um outro campo de observação. A observação de Gilberto Freyre sugere um novo ângulo para a questão:

*Sua abordagem é histórica, não-evolucionista, não-progressista: ele é antiiluminista como os neokantistas alemães. A história não é linear e não realiza a razão: a história se revela em formas particulares, em mundo históricos específicos.*<sup>69</sup>

Dom Aquino conquista no Brasil, o que talvez nenhum outro homem com formação teológica conseguiu no mundo moderno e republicano, ser chefe de estado. E por conta disso contribuiu para a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, e do Centro de Letras, comandado por Mesquita em quarenta anos, embora tivesse Dom Aquino como presidente de honra, e vários empreendimentos de caráter filantrópico e associativo. O governo do bispo termina em 1922, ano em que a arte brasileira experimenta uma catarse.

A doutrina de Mesquita encontra respaldo no pensamento determinista de Hypolite Taine, embora possamos perceber que, como pessoa ilustrada que era, o (futuro) Desembargador demonstrava erudição, difícil de encontrar mesmo em homens de seu tempo. Sem dúvida, é bom lembrarmos-nos que:

*São de Taine, o grande historiador da revolução francesa, e de uma insuspeição a toda prova, os seguintes conceitos que parecem escritos para a hora presente “somente o christianismo pôde reter o declive fatal, impedindo o resvalamento insensível pelo qual, com todo o seu peso insensível pelo qual, com todo o seu peso original, a nossa raça retrocede para o abysmo: o velho evangelho – qualquer que seja a sua forma presente é, ainda hoje, o melhor auxílio do instinto social”.*<sup>70</sup>

## **2.4. Machado / Mesquita: imagem real e invertida**

---

<sup>68</sup> *A Origem do Homem e a Seleção Sexual*. Charles Darwin. p. 133.

<sup>69</sup> José Carlos Reis. Op. Cit. p. 54.

<sup>70</sup> Idem. p. 90/91.

Falar de influências recebidas por José de Mesquita durante toda a sua vida é, por si só, uma tarefa árdua. Somente pelas citações contidas em seus textos e intertextualidades que saltam aos olhos em suas obras já teríamos uma idéia do montante. Mas um nome se destaca pela envergadura e recorrência, à semelhança de seu trabalho e vida: Machado de Assis.

Percorrendo alguns perfis femininos do bruxo do Cosme Velho Mesquita produz um ensaio em que desfila características de algumas belas criações machadianas. De *Lívia e Dona Carmo* é um estudo que alcança algumas das principais personagens femininas de Machado de Assis. Até porque, segundo o próprio Mesquita:

*As suas personagens são quasi incorpóreas. Elle não se preocupa com descrever o physico, das suas heroínas, muito ao contrario dos românticos, á maneira de Macedo e Alencar. Interessa-se mais pela physionomia moral, pelo retrato interior, e si, uma que outra vez, allude aos traços exteriores, é para, em duas pinceladas, frisar a harmonia psychica e apparente.<sup>71</sup>*

A leitura de textos como esse, penso que traz a certeza da conjunção estética e conteudística na narrativa machadiana. A respeito de Yayá Garcia, *Outras das heroínas da primeira phase machadiana era leve, ágil, súbita –com um pouco de destimidez; ás vezes áspera, mas dotada de um espírito ondulante, esguio e não incapaz de reflexão e tenacidade.<sup>72</sup>*

Lívia é personagem de *Ressureição*, Yayá Garcia tem o próprio nome como título de obra, Capitulina de *Dom Casmurro* e Dona Carmo, do *Memorial de Aires* são as musas de Machado contempladas por Mesquita nesse trabalho. A maneira como Machado escrevia encantava ao jovem Mesquita que logrou êxito em reproduzir em Mato Grosso o estilo machadiano com relação à Academia Mato-grossense de Letras, a exemplo do mestre na Academia Brasileira.

A relação MESQUITA/MACHADO está repleta de significações, a começar pela estreita relação com a reflexão de Machado de Assis sobre o Brasil pós-Guerra do Paraguai, a decadência de 1870, marco do romance e da produção ensaística de

---

<sup>71</sup> MESQUITA, José. *De Lívia a Dona Carmo*, 1939. p. 22.

<sup>72</sup> Idem. p.22.

Mesquita.<sup>73</sup> A visão que Machado de Assis constrói para Brás Cubas, em *Memórias póstumas*, delineia um cenário nacional para a problemática regional. Segundo MACHADO FILHO

*...o autor, ao se propor a escrever uma história da criminalidade na província de Mato Grosso, sua tipologia e o que tornava os crimes particularmente célebres, elege como marco cronológico na linha do tempo a década de 1870, ponto limite que define o antes e o depois, e que foi por ele denominado de “década fatídica”.*<sup>74</sup>

Talvez com Capitulina, popularmente conhecida como Capitu, a menina que, segundo Bentinho, trazia a ressaca nos olhos, possa demarcar melhor o tipo de prosa que agradava a Mesquita, e que, de certa forma aparece em alguns de seus contos. O livro *Dom Casmurro* é marcante para discussões como celibato, vocação religiosa, e outras práticas culturais pertinentes ao período. A questão do pecado original, por exemplo, torna-se por excelência uma representação marcante na obra mesquiteana. Tratando-a como *alliciente*, Mesquita diz que, com ela *O romancista encarnou, melhor do que em nenhuma outra das suas criações, a Eva diabólica e tentadora, trazendo do berço o estigma da sedução; aquela poder irresistível dos seus olhos de ressaca.*<sup>75</sup>

Uma visão curiosa de Machado de Assis nos é passada por pequenas anedotas relatadas por Josué Montelo em curiosa publicação, lembrando um artigo de Araripe Júnior, o escritor maranhense nos mostra que:

*A certa altura, após ressaltar as altas qualidades do escritor novamente refletidas no “Quincas Borba”, o crítico acentuava que, numa fase em que os romancistas tendiam a pôr em destaque as aberrações sexuais, Machado de Assis guardava o tom do equilíbrio e do comedimento, mesmo ao compor a figura sensual de Sofia, principal personagem feminina em seu novo livro. E afirmava: “as mulheres do autor de ‘Quincas Borba’ são em regra incolores, sem expressão. O motivo dêsse (sic) defeito acha-se na estrutura do talento de quem as imaginou. Os grandes pintores do gênero feminino foram sempre eméritos conquistadores. (...) ou insígnies mexeriqueiros. Para bem retratar mulheres é indispensável senti-las ao pé de si e cheirar-lhes o pescoço ou brigar com elas, intervindo e perturbando os seus negócios.”*<sup>76</sup>

<sup>73</sup> Referimos-nos aqui aos *Crimes célebres* retratados por José de Mesquita, relativos a desdobramentos do fim da guerra e a relação que têm com o aumento da criminalidade em Cuiabá.

<sup>74</sup> Oswaldo Machado Filho. *Ilegalismos e jogos de poder: um crime célebre em Cuiabá (1872) e suas verdades jurídicas (1840-1880)*. p. 121.

<sup>75</sup> José de Mesquita. *De Livia a Dona Carmo*. p. 31.

<sup>76</sup> MONTELO, Josué. *Pequeno Anedotário da Academia Brasileira*. São Paulo: Martins, 1961. p.43.

A relação MESQUITA/MACHADO apresenta traços de uma tentativa de aproximação estética.<sup>77</sup> Machado de Assis, recentemente tem sido aclamado por uma pequena fração da crítica como historiador<sup>78</sup>, o que aproxima mais ainda os dois. Assim como em Machado se vê a urbanização do Rio de Janeiro, a mudança dos lampiões para a energia elétrica, a passagem do túburi para o bonde, a reforma Pereira Passos, pode-se observar em Mesquita semelhantes relações.<sup>79</sup>

Em *O tempo e os tempos*<sup>80</sup> Alfredo Bosi nos lembra que em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a representação exemplar da oposição ao romantismo está colocada. Promovendo a descaracterização do sujeito, expondo à nudez os caprichos da sociedade, consegue arquitetar bem o seu foco: *Leopardi e Schopenhauer, Stendhal e Machado são psicólogos que intuíram a precariedade do sujeito literalmente arrastado pelo redemoinho das suas motivações*.

No já citado artigo intitulado: *A religião e o operariado*, Mesquita nos coloca o seguinte questionamento: *De que melhores armas podem pretender se lance mão contra a propaganda infiltrada das doutrinas corrosivas, do que a instrução?*<sup>81</sup>

Pensar a organização da escola a partir do que se convencionava chamar de instrução, e não de educação, é aproximar o processo de formação escolar da rigidez da estrutura militar. Mais uma vez nos surge aqui a sombra de Dom Aquino. Civismo e religiosidade, suas grandes características aparecem de maneira reiterada na poligrafia mesquiteana.

O projeto educacional em curso no início do século XX, sob a coordenação de José Veríssimo, traz em seu bojo o que o regime republicano trata como metodologia e estratégia de formação política.

---

<sup>77</sup> Não se tem notícia de que José de Mesquita fosse afeito a especulações sobre a vida alheia, e suas personagens principais com maior vigor eram do sexo feminino. É interessante pensarmos a obra de Mesquita como emblemática no sentido de conter na poesia toda uma gama de versos de fundo romântico e estética parnasiana, e ao mesmo tempo contos em que a mulher sai do mundo idealizado e mostra-se lasciva, animalizada, bestial, como em *Corá*, conto trabalhado no terceiro capítulo.

<sup>78</sup> Muitas publicações dão conta dessa faceta do escritor, sobretudo a recente publicação de Sidney Challoub, intitulada *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

<sup>79</sup> A Catedral, a Igreja do Bom Despacho, o rio Coxipó, a região do Guaporé, hoje Rondônia, área em que Mesquita trabalhou por algum tempo, o Véu de Noiva, enfim, inúmeros logradouros imortalizados pela sua pena têm sido descobertos lentamente por leitores que buscam suas obras nas prateleiras empoeiradas de algumas bibliotecas. A obra de Mesquita já faz por merecer uma publicação póstuma, até hoje realizada apenas com a publicação de *Gente e coisas de antanho, Genealogia Mato-grossense/Nobiliário Mato-grossense* – ver bibliografia.

<sup>80</sup> Alfredo Bosi. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992. p. 25.

<sup>81</sup> *Pela boa causa*. p .26.

*O ponto de partida de Veríssimo é o exame do caráter nacional brasileiro que lhe parece pouco apto à responsabilidade democrática. Apresenta, em seguida, sua proposta de reorientar a educação numa perspectiva capaz de promover a melhoria do caráter do povo brasileiro. Para esse projeto de educação contribuem tanto a escola quanto o lar.*<sup>82</sup>

É para essa escola modeladora do pensamento republicano nacional que Mesquita escreve *Professoras novas para um mundo novo*, discurso paraninfal proferido durante a colação de grau às professoras do Liceu Campograndense, a três de dezembro de 1939.

As características marcantes da mulher, que são reproduzidas nos textos analisados trazem sempre a confirmação do estereótipo de mulher submissa, servil, cristã, capaz de imprimir sua forte marca de alteridade.

*Mas para isso há que entrar blindada de aço da sua resistência moral, armada como a clássica Minerva, da sua couraça da inteligência, e, ao mesmo tempo, aureolada, como as madonas da nossa crença, desse halo sobrenatural da virtude, que é força, e de graça, - que é beleza. Só assim a mulher realiza o verdadeiro sentido do feminismo.*<sup>83</sup>

A presença da religiosidade na obra de Mesquita é bastante evidente. Suas críticas, quando surgem, por mais racionais que sejam, vêm sempre carregadas de forte emoção e apelo ao divino, cujo culto sagrado, superior estava muito claro para ele:

*A abolição do espiritualismo transforma a história num mero suceder de eventos ligados uns aos outros por leis econômicas inexoráveis, faz da sociologia um capítulo da ciência das finanças, da bolsa o templo sagrado, do direito simples decorrência da força bruta e da moral uma capa remendada de mendigo que mal disfarça a nueza das conveniências e dos apetites malsãos.*<sup>84</sup>

É incrível a atualidade com que esse fragmento, em que recomenda às professoras nesse porvir que se abre dialoga com a realidade profissional de hoje. O presente texto

---

<sup>82</sup> *O projeto republicano de educação nacional na versão de José Veríssimo.* Maria Auxiliadora Cavazotti. São Paulo: Anna Blume, 2003. p. 99.

<sup>83</sup> *Professoras novas para um mundo novo.* p. 6 e 7.

<sup>84</sup> *Idem.* p. 9.

foi escrito em 1939, ano em que o Desembargador assume o posto de correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A necessidade que Mesquita aparenta ter com relação ao enquadramento moral e religioso aproxima-se muito da escrita de Austregésilo de Athayde e Jacson de Figueiredo, artífices cristãos que, com zelo exagerado para com a sua crença, em detrimento de outras, transparece de maneira clara e:

*O pior é que a fé, às vezes sem desaparecer de todo, se deturpa e se adúltera, travestindo-se de perigosos disfarces, seja se fazendo galan de poderosos, seja fugindo das igrejas para as macumbas ou antros ainda mais nocivos.*<sup>85</sup>

O preconceito para com a cultura afro aqui aflorado revela-se contundente, e é bom lembrarmos que o público a quem o discurso é proferido é de professoras, formandas da Escola Normal da cidade de Campo Grande, reforçando as teses de branqueamento elaboradas pela elite branca e dignatária dos mais altos postos de comando no estado de Mato Grosso e Brasil.

A construção dessa visão plural da sociedade brasileira passa por várias discussões, mas, sobretudo após a decadência do segundo reinado entra em profunda transformação. Na visão de HARDMAN:

*No Brasil, desde pelo menos 1870 – meio século antes, portanto, da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, uma série de pensadores e obras já se inscreviam num movimento sociocultural de idéias e reivindicações que o historiador literário e crítico José Veríssimo, em sua ‘História da Literatura Brasileira’ (1916), denominaria de modernismo, abrangendo textualmente o positivismo de Comte, o transformismo de Darwin, o evolucionismo de Spencer, o intelectualismo de Taine e Renan, tudo vindo a calhar, no Brasil, na chamada Escola do Recife, Tobias Barreto à frente.*<sup>86</sup>

Para Mesquita, nesses tempos modernos a mulher tem que se voltar para os valores da família e da pátria, preservar os bons costumes, pois se assim for ela salvará o mundo, *dês que se disponha a ser Maria e não Eva.*<sup>87</sup> Na visão de Mesquita:

---

<sup>85</sup> Idem, ibidem. p. 9.

<sup>86</sup> Francisco Foot Hardman. Antigos modernistas. In: *Tempo e História*. p.290.

<sup>87</sup> Idem. p.10.

*Á mulher moderna está destinada essa grande missão de orientar o mundo moderno para a salvação que é, mesmo abstraindo do sentido místico, guardar intacto o melhor do seu ser. Ah! Minhas afilhadas, se soubesseis – mas vós, por certo o sabeis, se imaginásseis – e, seguro, o imagineis – a força, o prestígio, a autoridade que tem a mulher, quando norteada para o bem do homem, lhe sabe ter amparo, confidente e encaminhadora da vida! Só lhe encontro paralelo no império fatal que ela sabe ter quando fascina para o mal e o arrasta, nos seus coleios serpentinos, para o abismo dos abismos.*<sup>88</sup>

Essa mulher, mãe e professora, é uma mulher branca, estereótipo de classe dominante e que não passa de um construto forjado para desqualificar quem não tivesse esses predicados. Como se a negra, ou mesmo a pobre, de uma maneira geral (e aqui são quase sinônimos) fossem seres inferiores. Segundo RAGO:

*Promover uma nova representação simbólica da mulher, casta e pura, em oposição à imagem sombria, estigmatizada e degenerada da prostituta constituiu peça fundamental da estratégia burguesa de redefinição das relações intrafamiliares, tanto nos meios sociais privilegiados quanto nos mais desfavorecidos. (...) num momento histórico em que as mulheres, ricas ou pobres, invadem o cenário social, participando cada vez mais intensamente das solicitações de trabalho e lazer, de uma nova vida urbana, chama a atenção a emergência de todo um discurso altamente moralista, que, partindo de vários pontos do social, designa o espaço da vida privada como o campo privilegiado de atuação da mulher.*<sup>89</sup>

A construção discursiva de MESQUITA que coloca a mulher em uma situação de inferioridade edifica-se em dois pilares antagônicos, Maria e Eva. O primeiro como a redenção das boas almas, caridosas e positivas, que proclamam gestos de boa vontade, ao passo que o outro, encontra-se diametralmente oposto, sob as bandeiras da lascívia e do pecado. A construção está presente em contos e romances do autor de *Dom Casmurro* que constrói um cenário do qual emergem personagens que deixam aflorar aspectos da condição humana que reinam em torno da própria complexidade da existência.

É verdade que MESQUITA não consegue retratar a sociedade de uma maneira tão crua como o *bruxo do Cosme Velho*, até porque o seu lugar social não permitira. José

---

<sup>88</sup> Idem. p.11.

<sup>89</sup> De Eva a Santa, a dessexualização da mulher no Brasil. Margareth Rago. In: *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222.

de Mesquita está amarrado ao factual, às datas, como bom adorador das efemérides. No dizer de BOSI:

*Datas. Mas o que são datas?  
Datas são pontas de icebergs.  
(...) datas são números.  
(...) a memória carece de nomes e números.*<sup>90</sup>

Uma maneira de contar a história prendendo-se a fatos, datas, tudo o que seja quantificável nos leva até o caminho traçado por muitos historiadores. Marc Ferro nos lembra que *A história determinista, linear, irreversível e regida por leis, tipicamente marxistas, eliminava os grandes homens e os acontecimentos, as datas também.*<sup>91</sup>

Essas transformações acabaram gerando controvérsias com a expansão do novo mundo. A visão eurocêntrica tida como verdade única vê-se refém de uma vulgarização civilizatória que gera uma certa inversão conceitual. É ainda FERRO que afirma:

*Designando originalmente o que era polido, civil, o termo opôs-se, posteriormente, ao que era bárbaro – para os europeus, especialmente os ‘bons selvagens’ da América. Durante muito tempo em competição com o termo ‘kultur’, acabou por designar os aspectos materiais, inferiores da cultura; contudo, no século XX, com o início do questionamento do eurocentrismo, ocorreram um novo retorno e uma nova mudança, as civilizações passando para o plural e o tempo não sendo mais reservado a uma única sociedade.*<sup>92</sup>

José de Mesquita escreve para registrar uma visão canônica da história. A sua verdade legitima a ocupação do espaço do saber pelos que dominam o conhecimento. Seu cânone gira em torno de uma profusão de idéias capazes de reproduzir forças políticas nos embates em que, segundo FOULCAULT:

*As relações de poder nas sociedades atuais têm essencialmente por base uma relação de força estabelecida, em um momento historicamente determinável, na guerra e pela guerra. E se é verdade que o poder político acaba a guerra, tenta impor a paz na sociedade civil, não é para suspender os efeitos da guerra ou neutralizar os desequilíbrios que se manifestaram na batalha final, mas para reinscrever perpetuamente estas relações de força, através de uma espécie de guerra silenciosa,*

---

<sup>90</sup> BOSI. Op.cit. p. 19.

<sup>91</sup> Marc Ferro. *A História Vigiada*. p. 18.

<sup>92</sup> Idem. p.26.

*nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no campo dos indivíduos.*<sup>93</sup>

Entre a cruz e a espada, a vida e a morte, o amor e o pecado, encontram-se infinitas possibilidades de leitura do mundo. Simbologias fortes que irrompem das teias discursivas arranham lugares eternizados da memória, terreno movediço em que se afundam tradições, desaparecem teorias, esvaem-se provas que culpabilizam ou inocentam atitudes e, acima de tudo, legitimam o saber. O branco não é a ausência de cor, como o silêncio não é, de forma alguma, a ausência de som. Os sons do silêncio são denotadores de que há uma força gravitacional não visível que opera no campo conceitual e se dirige para algum lugar.

O lugar social de MESQUITA é a representação institucional de uma suposta verdade, construto teórico que procura não colocar o preto no branco, no sentido conotativo, e sim tapar os pontos escuros com a pátina do silêncio, já que, como diria FERRO *esses silêncios sobre as origens, assim como todos os silêncios ligados à legitimidade são garantidos pela própria força das instituições.*<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> Michel Foucault. Genealogia e poder. In: *Microfísica do Poder*. p. 176.

<sup>94</sup> Marc Ferro. Op. Cit. P.37.

### 3. ABUSANDO DAS MUSAS

Fim da primeira guerra mundial, distúrbios sociais por todos os cantos do país. A explosão de acontecimentos populares assola a população espremida por uma política de curto alcance social. A velha república tratando as diferenças com ferro e chumbo. Ação e Reação, facções na luta pelo poder local. O coronelismo mato-grossense sob a batuta de Dom Aquino.

No cenário que se descortina no novo século, a década de 20 aponta com uma nova realidade aos olhos do mato-grossense. Toda uma cultura recheada de movimentações, constituindo novos espaços para a realização plena de um universo cultural. Grêmio Literário Júlia Lopes (1916), Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919), Centro Mato-grossense de Letras (1921), Clube Feminino (1928), e demais instituições de caráter cultural e filantrópico que se somavam para a preservação de um *status quo* vigente, na ótica de uma elite cultural que se impõe pelo poder político e econômico, a partir dos quais as instituições culturais são referências de primeira hora.

#### 3.1. Por uma questão de gênero!

Pensar as relações sociais no início do século XX é nos defrontarmos com uma realidade construída a partir da diferente posição homem/mulher no meio, como procuramos demonstrar no Capítulo I, lugar da mulher, por excelência, era em casa, na igreja e na escola. Com o advento da psicanálise e o auto-conhecimento sobre o próprio corpo, a relação homem/mulher, macho/fêmea, começa a ser desmembrada em uma ótica que busca desvendar aspectos antes não discutidos sobre a sexualidade humana.

A leitura que faz FOUCAULT da relação poder/sexualidade, embasa-se na hipótese repressiva. Trabalhando com a idéia de histerização da mulher, com a medicina do sexo, aproximando questões evolucionistas com a reprodução humana, o pensador francês legitima esse discurso científico. Quer seja por simples dispositivos de repressão, ou econômicos, o que se percebe é que o saber legítimo produz, mais do que exclusão e ou rejeição, uma teia de discursos e saberes, prazeres e poderes que se repetem na conjugação do saber com o prazer.<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> Michel Foucault. *História da Sexualidade I. A vontade do Saber*.

Quer seja por preceitos morais, doutrinas científicas ou desprezo pela temática. Ao serem vistas como objeto de estudo da história, a mulher começa a provocar uma mudança de foco no que diz respeito à questão do gênero, e

*Tornam-se explícitas as preocupações de articular o gênero com a classe e a raça. O interesse por estas categorias assinala não apenas o compromisso do historiador com uma história que inclua a fala dos oprimidos, mas também que esses pesquisadores consideram que as desigualdades de poder se organizam, no mínimo, conforme esses três eixos.*<sup>96</sup>

Falar de feminilidade implica em abstrair-se da ótica masculina a construção ideológica de um outro corpus. O espaço outrora destinado à mulher tem suas fronteiras alargadas e encontra terreno fértil para se reproduzir graças a um sem número de contribuições de intelectuais que se debruçam sobre esta questão.

*Nessa direção, uma das obras contemporâneas mais interessantes sobre a sexualidade humana e suas controvérsias é o livro de Camille Paglia, 'Personas Sexuais'. A autora julga que a repugnância histórica pela mulher tem bases em sua equiparação com a natureza: "as mulheres têm arcado com o fardo simbólico das imperfeições humanas, suas bases na natureza. O sangue menstrual é a mancha, a marca de nascença do pecado original, a imundície que a religião transcendental deve lavar do homem".*<sup>97</sup>

Mais que uma questão de gênero, a poética de Mesquita se apresenta como um espaço de louvor à graça e à beleza, extensivas não só à mulher, como à Cuiabá, sua cidade-verde, eterna musa, como também à nação brasileira, terra brasilis, mãe pátria que o recolheu do ventre e o mantém no colo, em berço esplêndido, de tão admirador dos vultos e bastiões da pátria, com toda a sua simbologia.

Aqui observamos outra discrepância entre MESQUITA e MACHADO DE ASSIS. BOSI vem em nosso auxílio para deixar claro que:

*Quando se lê com atenção o nosso Machado de Assis percebe-se uma atitude em face dos acontecimentos históricos bastante afim à de Leopardi e à de Stendhal para não falar na influência inegável de Schopenhauer. O que aparece na vida*

---

<sup>96</sup> Rachel Soihet. História das mulheres. In: *Domínios da História*. p. 279.

<sup>97</sup> Camile Paglia (APUD) Ana Laura Prates, In: *Feminilidade e experiência Psicanalítica*. p. 20.

*pública só se entende por dentro examinando as vaidades e as veleidades dos seus atores.*<sup>98</sup>

1919 é um ano de muita significação para a obra de Mesquita. Publica seu primeiro livro, intitulado *Poesias*, em comemoração ao bi-centenário da velha capital, inspiração dessa coletânea de 108 poemas divididos em poemas de amor, da natureza, do sonho e da arte. Mesquita apresenta em seus poemas do livro de estréia uma visão de seu povo, na qual se percebe que para ele

*Toda a nossa história, desde a fase inicial das Monções e das Bandeiras, atravessando o período das guerras contra os Paiaguás e das lutas com os espanhóis, até essa formidável campanha dos cinco anos contra o ditador de Assunção, toda a nossa história se desenrola numa sucessão maravilhosa de fatos invulgares, dentro desse diedro em que se refletem a valentia rija e máscula e o sofrimento doce e comunicativo*<sup>99</sup>

A citação de MESQUITA se reveste de uma adoração às fontes utilizadas para o engrandecimento a que se propõe. Cruzando essas informações com a visão que tem do cronista BARBOSA DE SÁ, percebemos o tom acrítico que referenda o discurso do poder instituído. A respeito da morte do cronista, a 30 de maio de 1776, MESQUITA refere-se ao episódio como uma ruptura em que

*Desaparecia com ele o cronista da nossa história primitiva, o narrador fiel e minucioso dos fatos iniciais da nossa vida político-administrativa, aquele a quem nós outros, mato-grossenses, bem como os gregos a Heródoto, poderíamos cognominar o pai de nossa história. A sua “Relação das povoações de Cuiabá e Mato Grosso de seus primeiros thé os presentes tempos”, que outra coisa não é que o próprio texto dos anais do Senado da Câmara de Cuiabá, copiados da crônica de Barbosa, representa a única fonte segura e autorizada da historia de Mato Grosso.*<sup>100</sup>

Única fonte segura e autorizada. Com que garantias podemos tomar as descrições de Barbosa de Sá como verdadeiras? Autorizada por quem essa narrativa atinge o status de documento/monumento, sem que se possa questioná-la como uma construção

---

<sup>98</sup> BOSI. Op. Cit. p. 25.

<sup>99</sup> Sentido da Literatura Mato-grossense. In: *Revista das Academias de Letras* – Ano III – Março de 1939 – n° 8.

<sup>100</sup> Crônica titulada Joseph Barbosa de Sa. In: *Gente e coisas de antanho*. p. 140.

ideológica que reveste as relações de força no campo dialético colonizador/colonizado?  
Não nos esqueçamos de LE GOFF que nos alerta para o perigo dessas generalizações:

*O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica.*<sup>101</sup>

O uso excessivo de adjetivos na citação de MESQUITA já demonstra um certo exagero romântico que transforma os reais propósitos do ideário positivista do escritor. Lembra-nos ainda LE GOFF, que

*Assim, Paul Zumthor descobria o que transforma o documento em monumento: a sua utilização como poder. (...) a concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que essa revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que seja ele – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.*<sup>102</sup>

Ao homenagear Cuiabá MESQUITA produz um livro idealizante, bastante laudatório. Em conferência proferida no Centro Mato-grossense, na cidade do Rio de Janeiro, a 13 de Junho de 1936, MESQUITA endeusa os atos gloriosos dos vultos nacionais, lembra Rondon, Taunay e todos os grandes vultos da Guerra do Paraguai, execrando Solano Lopez e outras versões do embate. Mato Grosso é heróico, na visão incontestável pela elite dirigente da qual MESQUITA se faz porta voz e de onde lança seus conceitos ora em prosa, ora em verso, não mesmo sem um pouco de falsa modéstia, como no fragmento em que ele mesmo se cita:

*Ao lado do grande aedo cuiabano, outros cantores se enfileiram, exaltando as glórias mato-grossenses, bastando o nome de seus trabalhos para vos fazer ver o assunto: é o combate do alegre e dourado, de Antonio Tolentino de Almeida; é o 13 de junho, de Pedro de Medeiros, é o Rondônia, de José Vilá, é o da Epopéia Matogrossense, de José de*

---

<sup>101</sup> LE GOFF. História e Memória.. p 536.

<sup>102</sup> LE GOFF. Op.cit. p. 545.

*Mesquita. Todo um ciclo de heroísmos e de ações temerosas e nobres, que bastariam a sagrar uma raça.*<sup>103</sup>

Mulheres saudadas com o tom épico de formações clássicas, parnasianas<sup>104</sup>, embora com linguagem tipicamente romântica, afetada pela travessia em belos ornatos que dão forma aos impulsos e devaneios que o coração deforma.

Em *Epopéia mato-grossense*, como o próprio título sugere, aparecem vários perfis femininos constitutivos do projeto literário de MESQUITA. O livro é dividido em partes, a saber: A Terra Virgem, A Colônia, A Era das Fundações, Cyclo Imperial, A guerra, O Sul, Era Nova. Os títulos de cada uma das partes sugerem uma construção linear da visão épica de formação da cultura mato-grossense. Ações grandiosas de ocupação, conquista e resistência de territórios nos trazem personagens épicas ocupando vazios existenciais desassistidos pelos acontecimentos extraordinários, conforme a dicionarização do termo epopéia.

As informações sobre mulheres no período não são privilégio da literatura e historiografia mato-grossense. Nos últimos anos algumas publicações têm trazido à tona mais detalhes. Muitas mulheres não brancas, ou brancas pobres deixaram rastros nunca perseguidos pela historiografia oficial do período. Graças ao trabalho de alguns pesquisadores como Maria Adenir Peraro, temos colhido informações importantes.

*Com base nas atas de batismo, podemos afirmar que essa parcela de mulheres não pertencia à elite local, mas às camadas populares. Isso porque as de “boa estirpe” recebiam do pároco a designação de Dona e aos respectivos nomes era acrescido o do marido e ou pai de seus filhos. Mulheres com sobrenomes, a exemplo de Correia da Costa, Gaudie Ley, Cerqueira Caldas, Arruda, Leverger, invariavelmente recebiam a designação de Dona, e os filhos, o registro de legítimos.*<sup>105</sup>

Em se tratando de mulheres populares, na época em que a elite branca dominava o espaço da cultura oficial, falar de uma não-branca era nos remetermos ao estudo de uma história vista por baixo, e aí, o problema é que:

---

<sup>103</sup> *Sentido da Literatura Mato-grossense*. p.148.

<sup>104</sup> A formação clássica parnasiana a que nos referimos deve-se ao grau de erudição que os poemas de MESQUITA apresentam, ora dentro de uma perspectiva neoclássica, ora impregnados pelo romantismo subjetivista com fartas referências literárias e filosóficas, em que mergulham suas personagens.

<sup>105</sup> Maria Adenir Peraro. *Bastardos do Império*. p. 164.

*A grande dificuldade para o estudo dos mucambos tem sido a exigüidade de fontes. Até o presente momento, a documentação utilizada para o estudo deste fenômeno tem sido aquela produzida pelos responsáveis pela sua repressão. Em sua grande maioria esta documentação foi produzida no intuito não só de documentar a destruição dos quilombos, mas também de valorizar a ação dos repressores, tendo assim uma preocupação muito especial em destacar a ferocidade desses povoamentos.<sup>106</sup>*

Temos aqui um problema no que diz respeito às fontes. A relação dialética sobrados / mucambos carece de uma bibliografia mais crítica, no dizer de VOLPATO o que dificulta um melhor enquadramento na historiografia nacional. Pelo menos no centro-oeste brasileiro, em regiões ocupadas inicialmente por fluxos migratórios que giravam em função da exploração de minérios, isso parece ter sido uma constante. No estado vizinho, Goiás, por exemplo, região com a qual Mato Grosso partilha enorme extensão de formação de cerrados,

*As mulheres não ‘aparecem’ porque aqueles que descrevem a região criam um discurso em que o homem é a figura central e também porque a imagem de uma época não é uma reprodução da realidade, mas envolve significativamente o sujeito que a elaborou. Daí que a imagem que temos das mulheres do norte goiano no século XIX é aquela criada pelos viajantes europeus que passaram por algumas áreas da província de Goiás.<sup>107</sup>*

Todos os poemas de *Epopéia mato-grossense* recebem uma epígrafe a título de preâmbulo para a viagem. Em *A Terra virgem*, primeira parte do livro publicado em 1930, (antes surgira na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso) são lembradas algumas aventuras da conquista, nomeados seus descobridores, aliás, os que aqui primeiro chegaram e deixaram seus registros escritos via cronistas da época.

Em *A Colônia*, a relação com a Igreja se faz sentir bastante forte. Ao descrever o capricho com que fora confeccionada uma imagem do Bom Jesus, Mesquita ressalta com carinho o trabalho artesanal, a materialização do credo religioso com os caprichos da alma feminina. BARBOSA DE SA nos lembra que no ano de mil e setecentos e vinte e nove:

---

<sup>106</sup> Luiza Rios Ricci Volpato. *Cativos do Sertão. Vida cotidiana e escravidão em Cuiabá – 1850-1889*. p .288.

<sup>107</sup> Themis Gomes Parente. Mulheres (in) sensíveis; cotidianos nos sertões do norte de Goiás no século XIX. In: *Revista da Universidade Católica de Goiás*; março de 2002. p. 286.

*Mandou se pelo Senado da Câmara e pessoas principais a buscar a venerável imagem do Senhor Bom Jesus que hoje veneramos na Igreja Matris desta Villa que estava no citio do Camapoan. Foy esta imagem fabricada de madeira na Villa de Sorocaba por mãos de uma mulher, trouxe a consigo hum Pedro de Moraes natural da mesma Villa nos primeiros annoz que se estes sertóens povoarão e não podendo continuar a jornada pelas dificuldades que naquelles tempos a haviaó e callamidades que nela se experimentaváo aribou deixando a imagem dentro em hum cayxam em que a trazia em hum ranxo coberto de palaha de bacuri, a bordo do rio grande lugar chamado goarapiranga donde deixou também humas cabras que trazia que ahi se conservarão recolhendo no mesmo ranxo adonde estava a imagem.<sup>108</sup>*

Para Hannah Arendt, o conceito moderno de história vem da aceitação da imortalidade como algo que torna perene o discurso historiográfico. A ligação que essa visão tem com o universo da antiguidade clássica dá o tom que aproxima o devir histórico a uma ambiente natural.

*A história acolhe em sua memória aqueles mortais que, através de feitos e palavras, se provaram dignos da natureza, e sua fama eterna significa que eles, em que pese sua mortalidade, podem permanecer na companhia das coisas que duram para sempre.<sup>109</sup>*

O transporte da imagem por via fluvial seguia o mesmo itinerário das Monções, subindo vários rios em busca da capital. A travessia era longa e demorada. Muitos obstáculos se apresentavam durante o trajeto. Cascatas, quedas abruptas em meio ao matagal, ou alagadiças por toda a extensão da planície pantaneira. Quando a imagem chega, finalmente a Cuiabá, é uma verdadeira festa, uma verdadeira dádiva.

Se o discurso de BARBOSA DE SA atende aos interesses de um grupo social como melhor referência para contar-se uma história, é porque, segundo CERTEAU, uma obra de valor para a historiografia é

*Aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operativo (...) O livro ou o artigo de história é, ao mesmo tempo, um resultado e um*

---

<sup>108</sup> Barbosa de Sa. *Relação das povoações do Cuyaba e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. p. 75.

<sup>109</sup> Hannah Arendt. O conceito de história – antigo e moderno. In: *entre o passado e o futuro*. p. 78.

*sintoma do grupo que funciona como um laboratório. Como o veículo saído de uma fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao complexo de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma realidade passada. É o produto de um lugar.*<sup>110</sup>

Outros perfis femininos povoam as suas escritas. Como pudemos demonstrar já no primeiro capítulo, Mesquita guarda para as mulheres a alentadora função de devotas às leis de Deus, embora não sejam apenas puras, castas, as senhorinhas descritas em seus versos, também as guerreiras, destemidas, que seguem o trecho na companhia de alguns homens, como a heroína do Carandá saudada desde os tempos de antanho, em meio aos Paiaguás, ferozes inimigos do migrante. Para ele, mulheres de fibra, mas que por trás de uma visão heróica traziam escondidas uma submissão a seus senhores, a quem deviam obediência e retribuía com prazer e ousadia

*(...) E ahi, no Carandá, enfrentam-se as três raças,  
e, em pugna cimmerica, inscreve-se o tremendo  
conflicto secular, repleto de desgraças.*

*E avulta, como à luz da ribalta eschyliana,  
Essa extranha mulher que, ao morrer, combatendo,  
Baptiza com o seu sangue a terra cuyabana!*<sup>111</sup>

A Era das Fundações traz a chegada dos primeiros homens interessados em fixar-se no local. Os embates perigosos com os selvagens pantaneiros dão como único troféu para os vencedores a primazia da chegada. Os plantadores de cidades chegam em socorro à Vila Bela da Santíssima Trindade, guardiã colonial de nossas fronteiras, e em meio a isso tudo a graça e garra da Rainha do Quariteré, que:

*La por onde o Galera as águas vai fluindo,  
Foi de Quariteré o quilombo afamado,  
Em que a negra Teresa o seu poder infindo  
Exercera, em cruel e trágico reinado.*

*No mais ermo da matta ergue o seu throno lindo  
A rainha que traz a seu sceptro curvado  
O quilombo, a que vai nova gente affluindo,  
Na ânsia de livre ser, longe do jugo odiado.*

*Mas já de Villa Bela a tropa numerosa  
Na pugna árdua e feroz os leva de vencida*

---

<sup>110</sup> Michel de Certeau. A Operação Historiográfica. In: *A Escrita da História*. p. 73.

<sup>111</sup> *Epopéia mato-grossense*. p. 304.

*E, presos, se lhes reabre a vida dolorosa...*

*Não Teresa, porém, que, esmagada e ferida,  
Prefere a morte ao jugo e mostra, intemerada,  
Que é a liberdade só que dá valor à vida.<sup>112</sup>*

Teresa de Benguela é lembrada por José de Mesquita, pela sua coragem e bravura. Após a morte de seu marido, Zé Piolho, Teresa assume o controle do quilombo. O afluxo de cativos demonstrava o interesse em fugir da escravidão. As mulheres, sob o comando de Teresa, confeccionavam panelas de barro, produziam artesanatos diversificados. A parceria entre o poder público e o poder privado levou João Leme do Prado com 30 homens até o reduto. Proprietários de escravos, consorciados ao governo, saíram à caça dos fujões, que eram marcados com ferro em brasa, como fossem cabeças de gado, para se saber a quem pertenciam.<sup>113</sup> Foram quarenta e três anos de resistência, de 1752 a 1795.

Segundo Josélia Neves,

*Tereza, que chefiou durante duas décadas, no século XVIII, o quilombo do Quariterê, em Mato Grosso, era originária de Benguela na Angola, Teresa liderou um grupo de negros responsáveis pela produção de algodão e tecidos, até quando foi presa e morreu em 1770.<sup>114</sup>*

A história de Teresa não ficou bem clara até hoje. São pelo menos duas as versões sobre sua existência e seus últimos dias. A primeira dá conta de sua morte em combate, tese abraçada por MESQUITA no poema citado, a outra, como nos informa NEVES, a de que foi presa, morrendo posteriormente, sem maiores detalhes.

Teresa destoa dos perfis femininos tradicionais de Mesquita. A negra amazona que, comparada a Cleópatra na epígrafe de Nogueira Coelho, mostra a mulher que não se contenta com os atributos clássicos da mulher de então: aquela que esfria a barriga no tanque para esquentá-la em seguida, no fogão. Em obra já citada, VOLPATO nos apresenta informações que complementam essa visão. A respeito do Quilombo do Quariterê, a autora de *Cativos do Sertão* lembra que

---

<sup>112</sup> Idem, ibidem. p .320.

<sup>113</sup> João de Medeiros Alves. O quilombo do Quariterê. In: *Historianet*. Mais informações sobre o Quariterê em *Quilombos do Brasil Central – violência e resistência escrava*. Martiniano J. Silva. (vide bibliografia)

<sup>114</sup> Josélia Neves. *Representações de gênero em Casa Grande e Senzala*. WWW. mulher500.org.br/artigos.

*O quilombo do Quariterê ou Quariteré ou Piolho (...), existiu no século XVIII, na região de Vila Bela, antiga capital da capitania. Localizado às margens do rio Quarité ou Piolho, afluente do Guaporé, seus habitantes desenvolviam agricultura diversificada, cultivando, além de gêneros de abastecimento, o algodão e o fumo. Trabalhavam com o ferro e fabricavam tecidos grosseiros. A forma do governo adotada no Quilombo era a realeza e, quando este foi batido pela primeira vez em 1770, era governado havia 27 anos pela rainha Teresa Benguela, auxiliada por uma espécie de parlamentar, com capitão-mor e conselheiro. A disciplina interna era rígida e os castigos pesados para quem desobedecesse a ela.*<sup>115</sup>

VOLPATO nos informa ainda que o que deixa mais intrigado a qualquer estudioso desse período, é a reação de Teresa quanto à resistência do quilombo.

*Diante da iminência de ver-se e aos seus reconduzidos à condição de escravos, devendo não só serem submetidos a pesados castigos, mas também a rituais de exposição pública, numa demonstração de força dos repressores e de desestímulo aos outros cativos, preferir o suicídio, num ataque de fúria, a rainha morreu.*<sup>116</sup>

No Cyclo Imperial surgem os paranistas, o velho santeiro, a Jacobina. Paralelo a isso tudo repousa a linda flor da selva, índia Rosa lembrada por Estevão de Mendonça na epígrafe e que é descrita pelo poeta como

*Linda flor dos sertões de minha terra agreste,  
Mais que às tuas irmãs te foi cruel a sorte:  
Iracema de luz romântica se veste  
E Lindoya encontrou o consolo na morte.*<sup>117</sup>

Paixão e sacrifício: dois vocábulos bastante caros a Mesquita para saudar a índia Rosa. Na comparação a dois ícones da literatura brasileira repousa o esteio romântico de nosso poeta. Iracema, de José de Alencar e Lindóia, de Basílio da Gama. Idealização e morte. Liberdade, ainda que tardia. A musa de Alencar em busca de uma aventura em que trai a tribo em nome do amor, a de Basílio, a exemplo de Cleópatra oferece seu

---

<sup>115</sup> Volpato. Op.Cit. p. 289.

<sup>116</sup> Idem, ibidem. p. 289.

<sup>117</sup> Epopéia mato-grossense. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. 1930. p. 318.

braço à serpente para se livrar de um casamento indesejado com o filho de um jesuíta. Lindóia tinha em Cacambo, guerreiro assassinado pelos portugueses na batalha contra os Sete Povos das Missões, seu grande amor. O relacionamento entre os dois anuncia, em pleno século XVIII o surgimento de características típicas da estética romântica em seu viés indigenista.

*O amor de Cacambo e Lindóia, por exemplo, domina em qualidade e beleza a parte restante do poema. O episódio da morte de Lindóia está, aliás, entre as mais altas realizações da poesia brasileira.*<sup>118</sup>

Visitando a fonte sugerida por Mesquita descobrimos mais detalhes sobre a índia Rosa. Descreve-nos com uma sutileza de detalhes Estevão de Mendonça:

*A principal auxiliar do alferes Antonio José Duarte na pacificação dos borôros. Capturada, conjuntamente com uma filha de tenra idade, por uma das bandeiras enviadas contra aquela tribo, foram ambas entregues aos cuidados da esposa do Major Antonio Thomaz de Miranda Rodrigues, - D. Clara de Miranda Rodrigues, recentemente falecida, que com solicitude maternal educou-as nesta capital. (...) em 1886 o presidente da província, Dr. Joaquim Galdino Pimentel, tendo organizado uma exploração militar com o fim de promover a pacificação dos borôros entregou-a ao mando do alferes. (...) esquecida e abandonada tendo apenas a curtir a saudade dos dias victoriosos, balbuciando o nome da filha que tanto amára, succumbiu nos braços do seu único filho, de nome José, a quem nos momentos derradeiros fazia esta recomendação, tão impregnada de magia: - nunca confieis em brancos; estes só agradam quando precisam!*<sup>119</sup>

Em Mesquita, as Mulheres de Coimbra contribuem, tal qual as Mulheres de Atenas, para Chico Buarque, ou a Penélope de Ulisses, para distinguirem-se de outras tantas por trabalharem na confecção de cartuchos para os embates da guerra dos Paiaguás. Por trás do esforço do marido, do irmão ou do pai,

*(...) mostram-nos, nesse exemplo altisono e eloquente, que as mãos que para o amor são feitas de velludo, são, diante do dever, de boicote resistente.*<sup>120</sup>

---

<sup>118</sup> Marcelo Backes In: *O Uruguai*. p. 5.

<sup>119</sup> *Datas mato-grossenses*. Vol. II. p. 59.

<sup>120</sup> *Epopéia mato-grossense*. p. 320

Também em prosa ele destaca essas mulheres, em artigo já referido anteriormente. Mais uma vez MESQUITA compara o brio delas à mulheres da antiguidade clássica.

*Não são mais dignas de admiração essas mulheres carthaginezas que fabricaram com seus cabelos as cordas das galeras pátrias, do que as 70 heroínas do Forte de Coimbra, a fabricar cartuchos para os bravos de Portocarrero, nas terríveis noites de dezembro de 1864.*<sup>121</sup>

Em epígrafe de Taunay, extraída de *A Retirada de Laguna*, Mesquita nos apresenta a preta Anna que, na melhor tradição das enfermeiras dos tempos de guerra

*Qual de ludro atastal, por vezes, surge, o lente,  
Uma flor, assim tu, mulher e obscura  
Que, nas horas do prelo, ias da tropa à frente,  
Aparição marcial de olympica bravura!*

*A tua condição mísera e deprimente  
Resgatou-a bondade e acrysoldada e pura  
E, através do passado, esplende, à luz fulgente  
Da tua alma de neve, a tua effigie escura.*

*Junto ao ferido foste a sédula enfermeira,  
Dedicada, a pensar-lhe as chagas, com piedade,  
Entre o negro do fumo e o rubro da sangueira.*

*E dos teus seios jorra o leite da bondade  
Com que há de, Anna Mamuda, heróica vivandeira,  
Rija, se abeberar a nossa mocidade.*<sup>122</sup>

A imagem do leite jorrando dos seios da negra, bem como a da enfermeira à cabeceira do doente coloca a imagem da mulher negra como serviçal do branco. A primeira, como ama de leite, a segunda como zelosa guardiã da saúde do sinhô, ambas em relação plena de subserviência.

Por mais que se construa um itinerário que identifique as preferências sexuais do homem branco ao modelo clássico de beleza, ou seja, a mulher branca, o que se percebe, seja em depoimentos históricos ou em relatos ficcionais, o enorme atrativo que as negras, *crioulas*, exercem sobre os brancos, e vice-versa. Quer seja em *Nega Fulô*, de

---

<sup>121</sup> *Sentido da Literatura Mato-grossense*. p. 66.

<sup>122</sup> *Epopéia mato-grossense*. p. 323.

Jorge de Lima, quer seja com *Bertoleza*, de Aluísio de Azevedo<sup>123</sup>, ou em *Nana* de Émile Zola.

*A princípio, o erotismo vampiresco da mulher fatal está associado ao exotismo das outras raças – orientais e negros em especial – mas ao longo do século XIX o erotismo fatal passou a ser associado a uma idéia que toma corpo na época: a essência feminina insidiosa e corruptora que muitos escritores informados pelas teorias médico-científicas acreditavam dormir em cada mulher como uma serpente pronta para atacar sua vítima. Esta idéia foi expressa de maneira inequívoca por Cesare Lombroso ao dizer que na espécie humana o elemento conservador é a mulher.*<sup>124</sup>

Por se tratar de uma questão de gênero, é curioso perceber que a condição feminina está sujeita a um imperativo maior do consumismo primitivo. As práticas culturais que uniram os interesses da medicina com os da economia e política, resultantes de uma sociedade de classes em franca expansão tiveram aqui no Brasil repercussão similar ao que ocorreu na Europa. As idéias fora do lugar<sup>125</sup> que mantiveram um discurso renovador aliado a uma prática conservadora reproduziram um discurso identificado por Margareth Rago, em Émile Zola:

*As teorias científicas evolucionistas fundamentaram cientificamente estas práticas de desodorização do espaço urbano pelo confinamento da figura do outro, visualizado na prostituta, no louco, no homossexual e no pobre. Construíram, no que se refere à condição feminina, a teoria da diferença biológica dos sexos como fundamento para a diferença social e cultural entre homens e mulheres. Juntamente com juristas e demais especialistas, procuraram mostrar cientificamente que as mulheres são mais frágeis, menos inteligentes, menos racionais, menos capacitadas para as atividades intelectuais do que os homens, por uma questão de constituição biológica mesmo.*<sup>126</sup>

É claro que esse discurso não provoca em José de Mesquita os mesmos efeitos, pelo menos na externalização de um corpus social em que a figura da prostituta

---

<sup>123</sup> Personagem naturalista de *O Cortiço*.

<sup>124</sup> *O caso Naná. Representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX*. Ana Paula V. Martins. Histórias – questões e debates. Gênero e história. UFPR: Curitiba, 2001.

<sup>125</sup> Roberto Schwartz. *Ao vencedor as batatas*. O autor demonstra que o discurso liberal importado da Europa não modificou em nada as práticas escravagistas.

<sup>126</sup> Margareth Rago. Amores ilícitos na Paris de Émile Zola. In: *História e Perspectiva*. Uberlândia. Jul/dez 1988.

encabece algum processo de falência do casamento, ou até mesmo em se tratando de elegâncias adúlteras. Mas podemos afirmar com base em artigos publicados no jornal *A Cruz*, por exemplo, seus comentários sobre Spencer, Darwin, Tayne e Comte, entre outros, o que faria de suas leituras um espaço tributário da produção intelectual européia.

Alguns aspectos evolucionistas são pinçados por MESQUITA em sua verve literária e historiográfica, e para demonstrar isso reforçamos a nossa posição com RAGO:

*Herbert Spencer, como Darwin, afirma que o campo de atuação da mulher na sociedade deveria ser limitado para a salvação da raça. Afinal, segundo ele, se ela dispendesse muita energia em estudos e atividades públicas, a força necessária para a procriação seria desviada.*<sup>127</sup>

Falar de raças no Brasil da incipiente república do período anterior a 1930 é pisar em solo movediço, naquela areia que se movimenta levando para uma perigosa armadilha os pés desprovidos de um bom calço. Com toda a produção científica ao alcance das elites dirigentes, restava ao populacho se divertir com as sobras do banquete. Perceber o tratamento dispensado ao negro e ao índio durante toda a história de nosso pai é ter a certeza de que democracias raciais e sociais no Brasil ainda são meros conceitos distantes da realidade palpável. Isto fica claro observando que:

*Os critérios científicos são os europeus do século XIX, quando o colonialismo vinha gerando e desenvolvendo a sua ideologia justificatória. O indígena não é perfeitamente uma criatura humana, é um meio termo, quando muito uma criança. Mas é curioso, fascinante às vezes, visto de longe; de perto, é sujo, inconveniente, falso. O interesse pelo negro é muito mais recente. Enquanto a estrutura de produção permaneceu escravista, e bastante tempo depois, não havia lugar aqui, para qualquer esforço sistemático em torno do negro. Os primeiros estudos que apareceram, por isso mesmo, acolhem e acobertam a ciência européia, a que já nos referimos, que vê nas populações de cor apenas a numerosa, barata e fácil mão-de-obra que opera com as matérias-primas.*<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> RAGO. Op. Cit. p. 12.

<sup>128</sup> Nelson Werneck Sodré. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. p. 261.

### 3.2 Há Va(r)gas na Academia!

Trilhando os caminhos nem sempre harmônicos da magistratura, da literatura e da sociedade, José de Mesquita construiu um universo bastante particular, no tocante ao ambiente cultural.

Por ter dedicado toda a sua vida a entidades e agremiações as mais variadas, Mesquita fora homenageado em vida e morte, por muitas delas, inclusive sendo sepultado com a opa, hábito da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Sempre esteve rodeado de pessoas interessadas em colaborar com obras assistenciais. Em número publicado em dezembro de 1961, da *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Virgílio Corrêa Filho define o envolvimento do colega com essas atividades. *Organizador dos programas litero-musicais, em que se convertiam as sessões do sodalício, instava pela colaboração feminina, que não lhe faltou, aumentando-lhe a influência na sociedade cuiabana.*<sup>129</sup>

O apoio feminino a que CORRÊA FILHO se refere se dava no âmbito da organização de muitas atividades culturais por todos os ambientes que freqüentava. Os saraus do Centro Mato-grossense de Letras (depois Academia Mato-grossense de Letras) eram um sucesso. A preparação do ambiente, a escolha de quem declamava, a seleção musical, o ensaio das peças, era tudo supervisionado pelo próprio presidente (emérito) da instituição. Pelos quarenta anos que esteve à frente da Academia, Mesquita teve a oportunidade de coordenar inúmeras atividades que o imortalizaram por algumas gerações.

Corrêa Filho é observador atento da representação da mulher em José de Mesquita. Pode participar de toda a evolução de sua criação poética, ao longo de uma grande convivência. Seus versos trazem, aos olhos desse observador, uma visão em que “*O amor à vida rompia-lhe das estrofes consagradoras do seu culto à mulher, raramente repassadas de desânimo*”:

*O poeta é como o alquimista  
Da legenda medieval...  
É a tortura que o contrista,  
É, no seu sonho de artista,  
Nunca encontrar o ideal.*<sup>130</sup>

<sup>129</sup> Fragmento extraído à página 49 da referida edição.

<sup>130</sup> Revista da Academia Mato-grossense de Letras, 1961. p. 47.

O seu lado conciliador, a educação refinada e a consideração com os conhecidos fizeram com que MESQUITA fosse pessoa de destaque no meio social. *Com esses dotes e com o gênio por excelência agremiativo, sabia animar vocações incipientes e não deixar esmorecer as que se aprumavam, criando ao seu redor amplo círculo de admirações, acendrada estima e vasto prestígio cultural.*<sup>131</sup>

Por toda essa dedicação ao lastro social, repleto de mulheres afeitas aos seus versos, Mesquita seguiu seu caminho palmilhando, palmo a palmo, poesia a poesia, o universo feminino, mundo mágico no qual se sentia sempre bem e possuidor dos maiores atributos para se fazer respeitado e querido. Em época que a posição de destaque na sociedade fazia do homem o centro das decisões, cabia à mulher, pelo menos às mais belas damas, ser o centro das atenções. Nesse mundo é que Mesquita abria-se para algumas divagações poéticas, pinçando devaneios como esse em que:

*O homem  
Pôs-se à margem da sua própria vida  
A contar as mulheres que cruzaram  
O seu caminho, em mais de quarenta anos...  
E viu as que o amaram e ele não amou.  
E as que ele julgou amar e se iludira.  
As que lhe deram o goso efêmero de um dia.  
E as que o enganaram e as enganadas.  
(quais as mais infelizes?)  
e quando quis contar  
as que ele amou e das quais foi amado  
não achou sinão uma...  
(Essa mesma, vivia no seu sonho).*<sup>132</sup>

É bom lembrarmos que este poema, publicado em 1935, é anterior aos dois casamentos do poeta, portanto, retrata um eu - lírico que, supostamente refletindo sobre experiências autobiográficas, não fere em nada a imagem de homem casado, construída na década seguinte.

José de Mesquita, em sua obra, estabelece uma infinidade de intertextualidades, costura essa influência de maneira a deixar clara a afinidade. Como no grupo de poemas em que se faz notar a alusão ao poema A Carolina, intitulado O Coração do Companheiro, composto por 16 poemas, entre os quais A prima do sobradinho, por quem

---

<sup>131</sup> Idem. p. 74.

<sup>132</sup> *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, 1952/53. Anos XX-XXI. Nº 39/42. Republicado por Carlos Gomes de Carvalho: *A poesia em Mato Grosso*. p. 161.

*(...) e tanta vez pulsou, devagarinho,  
meu coração, num palpitar discreto,  
pela prima gentil do sobradinho.* <sup>133</sup>

Não se apurou se o poeta de fato se interessava por alguma de suas primas que morasse em tal sobrado, e o que importa dessa leitura é lembrarmos que os casamentos endogâmicos sempre foram vistos com bons olhos pela elite cultural e econômica, em face a uma estratégia de perpetuação no poder.

O que se conhece a respeito é que se casou duas vezes. Após enviudar da primeira esposa, casa-se com sua irmã mais nova, duas flores do mesmo jardim. Ana Jacinta de Mesquita, sua primeira esposa com a qual conviveu por 27 anos, ao falecer remexe com o imaginário do poeta que extravasa sua emoção:

*Esse coração que se esfalfou por nós... que viveu da minha vida, exultou com as minhas vitórias nas lições do bem e do direito e que sangrava, por primeiro, de cada vez que contra o meu se desferiam as punhaladas da injustiça e da calúnia. Coração de esposa, mas, acima de tudo, coração de mãe, que me soubeste ser, pois no amor materno está a suprema finalidade e dignificação da mulher.* <sup>134</sup>

Aqui mais uma vez recorremos a RAGO para quem estão as famílias *cada vez mais centradas sobre si mesmas e fechadas em torno da 'nova mãe'*, enquanto que o espaço da domesticidade é representado como lugar do calor, da intimidade, da ausência de conflitos, e onde as máscaras seriam dispensáveis. <sup>135</sup>

O segundo casamento, com Laura Pereira Leite também deu frutos literários como o *Roteiro da felicidade*, coletânea de trinta e quatro poemas, publicados inicialmente em 1946 na *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. A dedicatória é simples: *para a Lauri este roteiro do caminho que, há um ano, juntos, iniciamos.* <sup>136</sup>

As composições desse conjunto têm em comum a adoração à mulher amada, lampião na escuridão dos dias sombrios, comparada a um pedaço de

---

<sup>133</sup> *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. 1954/1955, p. 47.

<sup>134</sup> Poema da ausente. In: Três poemas da saudade. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. Ano XI – 1943. p.53.

<sup>135</sup> RAGO. Op. Cit. p.11.

<sup>136</sup> A data é de 2 de junho de 1946.

*Terra virgem e fértil, de que um dia,  
Pude ser o ditoso lavrador,  
O teu corpo moreno me daria  
Os frutos que semeou o nosso amor.*<sup>137</sup>

A imagem metafórica de um homem lavrando a terra fértil de um corpo feminino implica na procriação, máxima bíblica em que a cristandade se espelha para dar continuidade ao trabalho de Deus. Crescei-vos e multiplicai-vos. Desde a antiguidade clássica, como o comprova a mitologia erótica, isso é referência, e em Mesquita as referências mitológicas são bastante recorrentes.

A formação eclética de Mesquita contribui de maneira decisiva para uma opção estilizada. A aplicação em sua poligrafia de um punhado de recriações clássicas dá um tom épico no qual o brilho fica para o Mato Grosso, ou para Cuiabá. O lavrador pelo qual o poeta se deixa invadir flecha o coração do companheiro. Mesquita e Machado dialogando no atemporal. O Machado historiador e literato e cronista e contista, o poeta parnasiano, como Mesquita, este com a temática romântica e suas sagrações gloriosas por um passado grandioso.

Referências mitológicas, aspectos medievalistas e, mais longinquamente até bíblicos espriam-se pela obra de Mesquita, outras semelhanças muito grandes com a escritura de Machado de Assis, esse aprendiz de tipógrafo, mulato, gago, epilético e tímido que, do alto de sua erudição, produzia situações de literariedade tal, capazes de produzir comparações muito interessantes, como a que Brás Cubas, seu narrador de 1881 nos informa:

*Ambos, ele e Moisés decidiram contra a sua morte; Brás Cubas, no entanto, achou por bem abrir o seu escrito pela narração de sua morte, de forma que, assim, seu escrito ficaria 'mais galante e mais novo'. Já Moisés, "que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o pentateuco. (...) o que quer dizer que, na opinião do pretensioso narrador, no resto, eles se assemelham.*<sup>138</sup>

A vertente épica já surgira em 1927, com a publicação de *Terra do berço*. O livro conta com quarenta e três poemas, classificados como Mato Grosso heróico, Mato Grosso evocativo e Mato Grosso pinturesco. Prefaciado por Dom Aquino Corrêa, este

---

<sup>137</sup> Roteiro da felicidade. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. 1946.nº 27-28. p.194-228.

<sup>138</sup> Lúcia Granja. A língua engenhosa: o narrador de Machado de Assis entre a invenção de histórias e a citação da história. In: *A história contada – capítulos de história social da literatura do Brasil*. p. 86.

foi o primeiro livro que o bispo apresentou depois de assumir a vaga de imortal na Academia Brasileira de Letras, a casa de Machado de Assis. O velho padre Francisco, ao adentrar o panteão dos imortais, a nosso ver conquista um espaço digno para a literatura local e aproveita para louvar seu confrade e aprendiz, afirmando que *É o caso de felicitar a Mato Grosso e ao Brasil. Urge nacionalizar as nossas letras. E José de Mesquita dispõe de largos recursos para colaborar brilhantemente nesse patriótico programma.*<sup>139</sup> É bom frisar que Dom Aquino escreveu um livro de poemas intitulado *Terra Natal*, que semanticamente tem equivalência com o título de Mesquita.

Louvando a muitos dos bandeirantes aqui aportados, Mesquita traz na *Canção Mato-grossense* uma saudação apertada, convite para uma imersão no universo mítico de combates. Dourados, Antonio João, Guerra do Paraguai, Melgaço, enfim, o heroísmo patriótico a que o bispo se referira. As descrições das Monções, os ritmos alucinantes das conquistas, a mineração com suas cores e tons, a incandescência da Villa Real do Bom Jesus de Cuiabá, a Serra dos Martírios, enfim, algumas passagens da história de Mato Grosso são incorporadas ao discurso poético em que se funda a estética de Mesquita. A dedicatória a Rondon, *O braço de minha terra*, este poema inteiramente dedicado ao bicentenário de Cuiabá, demonstra claramente a relação do poeta com as coisas da sua terra. É uma saudação à cidade verde,<sup>140</sup> a seus valores naturais ancorados nos raios solares que aquecem o coração do poeta.

Em *A invenção do nordeste*, Durval de Albuquerque nos coloca a par do saudosismo bucólico do pensamento regionalista ao erigir uma construção de oposição ao conceito de sul. A ambivalente relação norte/nordeste vem carregada de uma força que é um fenômeno de resistência. Sabemos que não há exatamente um fazer historiográfico regional. Albuquerque nos lembra que

*Devemos tomar as relações espaciais como relações políticas e os discursos sobre o espaço como o discurso da política dos espaços, resgatando para a política e para a história, o que nos aparece como natural como nossas fronteiras espaciais, nossas regiões. O espaço não preexiste a uma sociedade que o encarna.*<sup>141</sup>

Ao analisarmos obras literárias como fontes historiográficas procuramos produzir um efeito que identificasse no recorte um fazer histórico embutido em atitudes descritas

---

<sup>139</sup> *Terra do berço*. Prefácio de Dom Aquino, p. 11.

<sup>140</sup> Epíteto criado por Dom Aquino e que se eternizou como referência à cidade de Cuiabá.

<sup>141</sup> Durval de Albuquerque Jr. *A invenção do nordeste*. p. 25.

por narradores e eu - líricos comprometidos com uma estética moderna na concepção que a revolução francesa e o liberalismo político e econômico produziram. ALBUQUERQUE ainda nos faz ver que

*As obras de arte são tomadas (...). como discursos, como produtoras de realidade, (...). As obras de arte têm ressonância em todo o social. Elas são máquinas de produção de sentir e de significados.*<sup>142</sup>

A leitura da poesia de MESQUITA também é um convite ao saudosismo, verdadeira viagem no tempo, retorno a um mundo sem volta, em que a paz, o sossego, a tranquilidade reinavam e se impunham ao senso comum, ocultando diferenças políticas, os crimes em nome da honra.<sup>143</sup>

No prefácio a seu livro *O nome e o Sangue*, Evaldo Cabral de Melo<sup>144</sup> nos chama a atenção para o fato de que no período colonial em Pernambuco

*A genealogia não podia constituir o passatempo inofensivo que é hoje. Ela era, na realidade um saber vital, pois classificava ou desclassificava o indivíduo e sua parentela aos olhos dos seus iguais e dos seus desiguais, garantindo assim a reprodução dos sistemas de dominação.*<sup>145</sup>

MELO afirma que o caminho do pesquisador é espinhoso, de difícil realização e repleto de armadilhas. Na verdade ele acredita na existência de anjos da guarda, de vanguarda e, no seu caso específico, de retaguarda na elaboração de seu livro. Para ele,

*O historiador padece de um tipo de ansiedade profissional que consiste no temor de que o terreno não tenha ficado inteiramente limpo, vale dizer, que ainda exista, escondido em algum desvão de arquivo, um texto por consultar – insegurança bem pueril, pois, como dizia Lucien Febvre ao jovem Georges Duby, (...) não se preocupe; você não verá jamais todos os documentos, sempre haverá alguns que lhe escaparão.*<sup>146</sup>

---

<sup>142</sup> Idem. p. 30.

<sup>143</sup> Temas fartamente explorados nas crônicas publicadas na coluna gente e coisas de antanho, de 27 de março de 1927 a 16 de fevereiro de 1941, no jornal A Cruz, segundo levantamento detalhado da professora doutora Yasmin Jamil Nadaf, e publicado em livro *Rodapé das Miscelâneas* (vide bibliografia)

<sup>144</sup> *O Nome e o Sangue: uma fraude genealógica no Pernambuco colonial.*

<sup>145</sup> Idem.p. 11.

<sup>146</sup> Idem. p. 16.

Em seu *Romance esquecido*, Mesquita cria um clima bucólico, desenhado simetricamente por um eu - lírico sedutor, porém triste, desalentado pelo destino fortuito de uma solidão latente, lembrando com certa saudade que:

*Aquella triste casinha  
Tem uma lenda de amor...  
Uma linda moreninha  
Ali morava, e à tardinha  
À hora meiga do sol-pôr,  
  
Vinha postar-se à janella  
Toda cheia de saudade...  
Talvez que esperasse ella  
Um principe de novella  
Formoso e na flor da idade (...) <sup>147</sup>*

*Terra do berço* nos faz mergulhar na tradição cuiabana, as imagens da Velha Catedral, compreender a Alma das Casas Velhas, ser apresentado de um só golpe a Dona Violante, a sinhá, viúva dos tempos coloniais, filha de dono de engenho, bela e altiva, musa digna de ser tratada como diva, em meio à plebe que habitava a vila. Aqui nos parece melhor definida a clara opção de Mesquita por idealizar a mulher (da elite) em contraponto com a mulher de origem mais humilde (notadamente as escravas). O poderio econômico de um lado, a exclusão social, de outro.

O desencanto amoroso dessa dama remonta ao assassinio de seu marido, morto em combate com os Payaguá. O destino de Violante é descortinado pelo poeta, que a enquadra na moldura clássica do velho casarão de engenho e com bastante engenhosidade, desenha sua movimentação pelo ambiente, comparado a um convento povoado por poucas almas, *junto da velha avó que, na deserta sala/ gyra o fuso subtil entre os seus dedos leves (...)* imagem essa que nos reporta a Penélope, saudosa de Ulisses, a tecer sua trama enquanto o herói de novela de sua narrativa lutava pelo bem de Tróia. Do clássico ao popular, da tradição ao senso comum, MESQUITA dá o tom da fala breve e do conceito prático para desenvolver sua trama.

Violante é uma mulher tristonha, fruto do paternalismo aristocrático do período colonial mato-grossense. Seu perfil é idêntico a milhares de personagens românticas da cultura ocidental. Nascida em berço de ouro dos engenhos de Serra Acima, <sup>148</sup> torna-se

---

<sup>147</sup> *Terra do berço*. p. 50.

<sup>148</sup> Nos anexos apresentamos um quadro com os números de engenhos em Mato Grosso conforme dados estatísticos colhidos por José de Mesquita, do ano de 1796.

mais uma das personagens de MESQUITA sobre a qual tem dificuldade de descrever sem se deixar levar por algum outro sentimento. Ele próprio é quem o diz:

*É que, em se tratando do passado a que nos ligam ecos de affectividade profunda, quase diria atávica, difícil se torna guiar a penna pelo puro raciocínio, sem se impregnar de um pouco de romantismo. E, como bem exprimiu Afrânio Peixoto, noutra ordem de idéias mas que bem se casa ao que vai dito: “O romantismo não morreu. Todos os que amam e aspiram neste mundo, são românticos”.*<sup>149</sup>

A visão platônica do amor resulta em inúmeras passagens de um colorido forte em que se sobressai o universo mágico da esperança, a imaginação pulverizada de sonhos que traz da estética romântica o plano inebriante do amor e do sonho. Em A Caipirinha, também há a expectativa da espera. A moça linda e rústica que experimenta uma paixão ardente e aguarda pela volta do amado, que morando na cidade, acredita ser facilmente enredado por alguma urbanóide casamenteira. Um homem com o qual tivera um único encontro, e como a noite precipita-se sob o dia cálido, lança um mundo de trevas por sobre a fantasia dos amantes. A moça é tímida e recatada, ruborizada por ter seu mundo desvendado pela recordação do moço.

*Fica-se, às vezes, uma hora inteira  
Na janella do oitão, triste e silente,  
Olhando a estrada larga, ao sol ardente,  
Fechada pela rústica porteira.*<sup>150</sup>

A moldura da janela com o oitão ao fundo traduz bem a solidão atávica da moça que sente palpitar o coração e está enquadrada pelos limites do espaço e tempo, localizada num lugar distante, caracterizado pelos adjetivos triste e silente, num mergulho introspectivo que fez recolher seus encantos e sentimentos mais puros. Seu olhar se perde pela estrada larga em que buscava alguém que viesse a seu encontro. A porteira fechada contorna os limites do imaginário e põe em xeque a esperança de que algo vingue. O corpo parece dar sinais de alquímicas transformações, uma vez que:

*Ella se vê já quase moça e bella...  
E vem-lhe um vago, um tímido desejo:  
Estende os lábios procurando um beijo  
E beija o vidro frio da janella (...)*<sup>151</sup>

---

<sup>149</sup> Grandeza e decadência da Serra Acima. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso* 19312/32. p.32.

<sup>150</sup> *Terra do berço*: p. 98.

As lágrimas escorrendo pelo agridoce rosto banham como chuva de prata os silentes olhos, misto de mágoa e lágrimas ardentes observando o silêncio e a escuridão da estrada. Sua própria vida passa a ser esse vazio e a linguagem retórica aplicada a uma temática de valoração local produz um discurso em que se firmam os conceitos de regional e o de nacional. Do ponto de vista historiográfico, o que se percebe é que:

*Os estudos do período em destaque apontam um Brasil que sofria de dois males: a falta de contato com a realidade nacional e a cópia de modelos estrangeiros. Esses males seriam, contudo, sanáveis se as elites pudessem superar o estado de completo desconhecimento da terra e do povo e adquirissem a competência necessária para tal empreendimento, frisa Oliveira Viana. (Problemas da Política. São Paulo: Nacional, 1930). Para tal, o treinamento das elites voltava a ser reafirmado como um meio de se criar um grupo de intelectuais com noção do papel sociopolítico que deveriam exercer.<sup>152</sup>*

MESQUITA é esse homem, aliás, um dos. Os demais se agruparam nos institutos históricos e geográficos de seus estados e ligaram-se estreitamente à política do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A pujança de determinados personagens passava a ser contada sob a égide da bravura.

*A partir dos anos 50 o IHGB se afirmaria como um centro de estudos bastante ativo, favorecendo a pesquisa literária, estimulando a vida intelectual e funcionando como um elo entre esta e os meios oficiais. (...)  
Na verdade, composto, em sua maior parte, da 'boa elite' da corte e de alguns literatos selecionados, que se encontravam sempre aos domingos e debatiam temas previamente escolhidos, o IHGB pretendia fundar a história do Brasil tomando como modelo uma história de vultos e grandes personagens sempre exaltados tal qual heróis nacionais.<sup>153</sup>*

Boa parte dos ocupantes das cadeiras do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro eram provenientes das boas escolas de direito espalhadas pelo país, sobretudo as que mais estreita ligação tiveram com o positivismo de Augusto Comte, destacando-

---

<sup>151</sup> Idem. p. 99.

<sup>152</sup> DIHEL. Op.cit. p. 157.

<sup>153</sup> Lílian Moritz Schwarcz. *As Barbas do Imperador*. p. 127.

se entre elas as de Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. DHIEL constrói essa perspectiva demonstrando que

*Originalmente, a faculdade de direito do Recife foi herdeira da escolástica e das tradições da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, mas, por volta de 1870, envolveu-se na onda de germanismo, nascida especialmente dos esforços de Tobias Barreto.*<sup>154</sup>

O casamento entre religião e política, que alçou com destaque a figura de Dom Aquino Corrêa, encontra em MESQUITA um fiel escudeiro, leal seguidor. Quando do Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil, em 1936,<sup>155</sup> MESQUITA proferiu uma palestra intitulada *A Academia Matogrossense de Letras – Federação das Academias*; percebe-se a relação desses senhores das letras (e muitos deles, das leis) com os homens fortes do poder. O evento tinha como presidentes de honra, nada mais nada menos que o presidente da república, Getúlio Dorneles Vargas, o prefeito do Distrito Federal (então Rio de Janeiro), Pedro Ernesto, o ministro da Educação e da Saúde Pública, Gustavo Capanema, o de Viação e Obras Públicas, Marques dos Reis, o das Relações Exteriores, Macedo Soares, além do Cônego Doutor Olímpico de Melo, presidente da Câmara, e Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

Em nome do que considerava uma *nobre e sadia brasilidade* via ser instalado no Brasil, no ano seguinte, fruto de um golpe de estado, o Estado Novo, que daria seqüência ao governo Vargas, até 1945, e manteria no poder, em Mato Grosso, o Sr. Júlio Strubing Muller, também evolucionista, casado com a recém-falecida e colega de MESQUITA na Academia de Letras, Maria de Arruda Muller.

### **3.3. O céu como limite**

1945: deposição de Getúlio Vargas, fim da intervenção federal nos estados e da Segunda Guerra Mundial. Em meio aos destroços da Europa um sentimento de consternação abarca a população terrestre. Nesse ano MESQUITA publica mais um

---

<sup>154</sup> DIHEL. Op.cit. p. 112.

<sup>155</sup> Congresso realizado de três a treze de maio de 1936, no Rio de Janeiro.

livro de poesias. Não um qualquer, mas sim um livro em que o grau de devoção a Deus se espelha na seleção dos poemas, de cabo a rabo. A *Escada de Jacó*<sup>156</sup> traz desde a epígrafe ao último poema a construção de um itinerário em busca dos céus. O versículo 12, do capítulo 28 do gênesis, utilizado como epígrafe, faz referência à visão tida por Jacó quando parte de Berseba se dirigindo a Harã, conforme conselho do pai, a procura de uma esposa que não fosse escolhida dentre as filhas de Canaã.

O grau de erudição do Desembargador reflete-se em pequenos detalhes, como, por exemplo, trazer o versículo transcrito em latim, que traduzido nas versões mais atualizadas da Bíblia Sagrada, teria a seguinte redação: *e sonhou: eis que uma escada estava posta na terra, cujo topo chegava ao céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela.*<sup>157</sup>

Os poemas contidos nesse livro foram escritos entre 1934 e 1945 e sugerem situações análogas ao passo a passo da conquista da vida eterna. Imaginemos uma pessoa subindo aos céus por uma escada e que cada degrau dessa escada correspondesse a um desses poemas, como se fossem etapas dessa construção religiosa edificada em 50 sonetos. A alusão à visão de Jacó é dimensionada a partir da seqüência em que os textos nos são apresentados. Elevação, Rumo a Vega, Firmeza, Apogeu, Perdoar, Semeador e Indulgência. Este último bastante significativo por conta da própria história de Esaú e Jacó, os dois irmãos que se tornaram inimigos.

*Feliz o que supera o instinto da natura,  
Participando, assim, da condição divina,  
E olha o mau e o imbecil com dó, sem amargura.*

*Esse desarma a fera e faz do ruim bondoso,  
Dentro da grande lei, que a paz mais alta ensina  
- lei sublime do amor eterno e vitorioso.*<sup>158</sup>

A condescendência faz de Jacó um homem bom, pois perdoar é divino. A referência a Esaú (fera) e Jacó (ruim/bondoso) demonstra a inversão que, em nome de Deus, segundo os preceitos bíblicos, fez de Rebecca uma mãe ciosa e cuidadosa do seu caçula, ao passo que o pai priorizava o primogênito, segundo os costumes.

---

<sup>156</sup> A presente edição traz um conjunto de poemas dispostos sem numeração de página, o que afeta a referência de pé de página, deixando-a incompleta.

<sup>157</sup> *A Bíblia Sagrada. Antigo e Novo Testamento.* Alfalit Brasil, Rio de Janeiro, 1996. *Gênesis*. p. 21.

<sup>158</sup> EJ, sem número de página.

Deslumbramento, Redenção, Dolor, Cativoiro, Bem por mal e Ascensão. Esses passos da escada avançam na conquista da vida eterna. A construção sígnica perseguida por MESQUITA enseja realizar uma obra de consagração em que a poesia está totalmente voltada para a adoração divina. Os poemas seguem o caminho da busca da redenção, a paz eterna que a leitura sugere. Ascensão foi considerado um dos melhores poemas brasileiros em concurso nacional <sup>159</sup> e traz em seu bojo a realização plena da chegada ao paraíso, como podemos observar na transcrição abaixo:

*Íngreme e sinuosa, aspérrima e escarpada,  
Sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,  
Cheia de abismos maus, que abrem faces escuras,  
Vai à estrada coleando, em busca da esplanada.*

*Sobes. E na ascensão, entre angústia e torturas,  
Tons de ira e de despeito, ápodos e assuada,  
Vês diminuir mais as coisas na baixada  
E se abrirem os céus em mais amplas alturas...*

*Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos,  
Serpes por sobre a relva e, nas rosas, espinhos.  
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.*

*Lá bem no alto cintila a estrela da bonança,  
E além, teu coração, mais do que a vista, alcança,  
Límpido e claro, o azul da eterna perfeição.* <sup>160</sup>

O caminho da salvação é árduo, são muitos os percalços de ordem natural, fenomenológica e espiritual. Seguindo a trajetória da eterna perfeição, seguem os próximos passos: Tranqüilidade, Ressurreição, Altivez, Grandeza humilde, As duas forças, Mirante, Falando à alma, A verdadeira paz, Quilômetro 50. Todos os títulos desta seqüência nos parecem representativos do momento pós-ascensão: pretende-se que a chegada ao céu seja de muita tranqüilidade, um clima ameno para receber as almas dignas do descanso eterno, afinal de contas é uma espécie de ressurreição o acreditar-se em uma vida eterna.

A idéia de um mirante no céu talvez sugira um lugar mais alto ainda, uma espécie de púlpito de onde se possa falar mais alta à alma e se encontrar a verdadeira paz, que no seu caso chega lá pelos cinqüenta anos de vida. <sup>161</sup>

---

<sup>159</sup> Concurso realizado pela revista *Ilustração Brasileira* para o biênio 1947/48.

<sup>160</sup> EJ. Sem numeração de página.

<sup>161</sup> O poema *quilômetro 50* é uma alusão à idade do poeta, nascido em 1892 e que no ano em que escreveu o poema completava seus cinqüenta anos – 1942. Sem numeração de página.

*É assim que, após dura e áspera lida,  
ventura silenciosa que desfruta  
nas minhas bodas de ouro com a vida...<sup>162</sup>*

Em 1942, ano em que comemorava suas bodas, MESQUITA perde sua esposa. Dona Anna Jacinta Pereira Leite, mãe de oito de seus filhos, dos quais três faleceram com pouca idade, vem a óbito após longo suplício que a prostrou no leito. Alguns poemas que sugerem essa grande perda seguem na escada que arranha o céu: Ato de bondade, A Lei da vida, Solidariedade, Janua Coeli, Brandura, Aos que sofrem, O Dom da alma, Discrição, O Grande preceito, Superioridade, Horaciana, Heroísmo, Perdulário, Unidade, Ser bom e do alto, Sol sobre o charco, Mensagem, Evangelho do bem, I, II e III, Roteiro e compreensão da poesia.

Toda essa seqüência é bastante melancólica e parece colocar o poeta numa situação de vazio interior, ao mesmo tempo em que a necessidade de se comunicar, falar sobre essas coisas se faz premente:

*A vida não comporta esse isolacionismo.  
O artista deve ser homem antes de tudo,  
Sentir, compartilhar o sofrimento rudo  
Que faz do mundo hodierno um grande cataclismo.<sup>163</sup>*

Compreensão da vida, Compreensão do amor, Plenitude, O Sentido da vida e o Último degrau completam o roteiro, estes dois últimos, de 1945, fechando a caminhada que, analogamente à visão de Jacó, que tece, que se sujeitar a uma escravatura de sete anos, ao lado de Lia, sob o comando de Labão, para depois obter, por matrimônio, a Raquel, por quem amargou outros sete e ao lado das duas, com suas respectivas servas, que também lhe deram filhos, constituir os 12 filhos que simbolizam metaforicamente o início do povo de Israel. MESQUITA, como já citamos no capítulo anterior, ficou órfão de pai aos cinco meses de vida e como filho único comportou-se como primogênito, homônimo de pai, mas também como caçula, querido pela mãe que, tal qual a Rebecca, repousada a sete palmos da terra, para quem o poeta oferece os mais reconfortantes sentimentos:<sup>164</sup>

---

<sup>162</sup> EJ. Sem página.

<sup>163</sup> EJ. Sem numeração de página.

<sup>164</sup> É necessário lembrar que da união estável de sua mãe, em segundas núpcias com o pai de Dom Aquino Corrêa, nasceu um filho, segundo informações obtidas em site organizado por um de seus netos, residente em Campo Grande. (vide bibliografia)

*Dorme em paz na nossa casa e, que ao chegar ali, onde todos nos encontraremos, não me desconheças, não tenhas por que me repudiar, que eu seja o filho que educaste na religião da bondade que cria e do amor que purifica. Para que, juntos aos teus, os meus ossos possam ainda, um dia, “palpitar de amor dentro da terra”.*<sup>165</sup>

Por trás da temática romântica e da estética parnasiana esconde-se uma cadeia semântica que espalha dualidades que vão além da subjetividade/objetividade, bem/mal, certo/errado, primogênito/caçula; o que nos faz refletir sobre MESQUITA, a ponto de esbarrarmos em um outro questionamento: estaríamos, de fato, diante de alguém mais parecido com Esaú, ou de Jacó?

A relação com a mulher mãe, beata e professora, apontada no capítulo I ressurgiu o tempo todo em sua obra, quer seja se dirigindo à mãe, alguma filha, ou esposa (s). O soneto Maternidade<sup>166</sup> é uma dessas pérolas, extraído de um grupamento de poemas intitulado Poemas para você. Esses textos foram gestados entre 1943 e 1947. O poema ilustra o estado interessante pelo qual passa a mulher. A completude que um filho traz para a mulher, louvada por muitos bastiões da poesia e prosa universal, encontra em MESQUITA um tradutor a altura. Para ele:

*Faltava á tua meiga formosura,  
Ao teu encanto, á tua mocidade,  
O que á mulher, completa e transfigura,  
O halo sublime da maternidade.*

*E, hoje, ao ver-te afeição mais doce e pura,  
Tudo a exalar paz e felicidade,  
Teu filho ao colo, a mim se me afigura  
Que atinges, à integral maturidade.*

*Após tanto sofrer, agora vejo  
Que em teu ser nova vida se inicia,  
Na inteira plenitude do desejo,*

*E és como a encarnação do próprio amor,  
Que em nós vive, palpita e se irradia,  
Tal como o fruto completando a flor!*<sup>167</sup>

A supremacia dos valores da alma sobre os do corpo, analogamente, ajudam a compreender melhor o espírito do poeta, que compara os desvarios da alma a

---

<sup>165</sup> Três Poemas da Saudade. In: *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. 1943. p. 49.

<sup>166</sup> Escrito para sua segunda esposa (e cunhada) Laura Pereira Leite, quando da gravidez de seu único filho em segundas núpcias.

<sup>167</sup> Poema publicando na *Revista da Academia Mato-grossense de Letras* nº 29/30, 1954-55. p. 49.

fenômenos da natureza, enquanto que os alicerces, quando bem fundeados, não permitem que, literalmente, a alma caia. A poesia, para MESQUITA, é o espaço em que se minimizam as diferenças, não é ruptura, é conciliação, não é necessariamente forma, é conteúdo, no caso, espiritualidade. Amor e paixão, coisas distintas que, dessa maneira, são tratadas pelo poeta, senão como admitir que

*Enquanto a leve brisa afagando perpassa,  
Constante, sempre igual, meiga e cheia de graça,  
Enchendo de ternura e de encanto a tua alma?*<sup>168</sup>

Pobres os que têm um coração de pedra, os que eternizam a sua *humana lida* cultuando o ódio, ao invés de abrir o peito para a saudação da vida, para que o amor invada a sua alma e a purifique. O ofício maior de nossa vida, segundo o poeta, é o amor, visão idealizante típica do pensamento romântico, base de sua estética oitocentista, embora homem do século XX. A perfeição, aliada à alegria de viver materializa-se no amor de Deus, de onde provém, para ele, toda a verdadeira emoção e bondade, afirmações semelhantes à cultura renascentista em que a idéia de beleza está indissociada da idéia de se praticar o bem.

O amor, para o poeta, é sublime, imperativo e onipotente. Ao rechaçar a divisão do ser humano em corpo e alma, ao propor uma visão que trate o homem como um ser uno, MESQUITA defende a composição de um ser único, fusão de corpo e alma, espírito e matéria em uma única coisa: o ser – eis a questão!

### **3.4. Uma violeta entre os colibris**

Findava-se o ano de 1916 quando surgia em Cuiabá aquela que seria a mais longeva publicação literária brasileira. Produzida por um grupo de senhoras ligadas ao magistério cuiabano e aos bons costumes, a revista *A Violeta* vinha a lume em 16 de dezembro e anunciava entusiasmados aplausos e louvores pela iniciativa. A imprensa local, em meio ao conflito entre Pedro Celestino Corrêa da Costa e Generoso Ponce, abria espaço para a divulgação da iniciativa.

---

<sup>168</sup> Idem. *Aura e tufão*. p. 198.

Jornais como a *Gazeta Oficial*, *O Povo* e *A Cruz*, manifestaram-se contribuindo para a divulgação. Em *O Povo*, o então redator, um jovem idealista recém chegado de São Paulo com o diploma de advogado dava vazão aos seus dotes literários e assim destacava o advento:

*Reunindo-se sob a égide de uma escritora que honra o seu sexo e a nossa raça, esse pugilo de senhoras e senhoritas acaba de assinalar uma conquista de extraordinário alcance no domínio intelectual e com o seu gesto de coragem, digno mesmo de audácia, abre um exemplo digno de imitação por parte dos poucos que entre nós se dedicam aos ideais superiores da arte.*  
<sup>169</sup>

O jovem redator era José de Mesquita. A essa altura, com 23 anos de idade, o moço chama a atenção para o insuficiente número de pessoas voltadas para a arte em Mato Grosso.

Em sua dissertação de mestrado sobre a revista *A Violeta*, a pesquisadora Yasmin Jamil Nadaf aborda com detalhamento as temáticas desenvolvidas, a estrutura organizacional do Grêmio Júlia Lopes, órgão responsável pela publicação dessa revista, o perfil biográfico das fundadoras e principais colaboradoras, entre tantos outros assuntos. Maria Dimpina, Benilde Moura, Dunga Rodrigues e Maria de Arruda Muller são algumas dessas mulheres que, como desbravadoras, ousavam ocupar um terreno antes ocupado apenas por homens, e poucos, como nos lembrava MESQUITA.

Para não ficarmos encurralados na retórica particular de José de Mesquita, partilhamos do pensamento de Edward Said que nos abre os olhos para o fato de que em nosso desejo de sermos ouvidos,

*Muitas vezes tendemos a esquecer que o mundo é um lugar apinhado de gente, e que se todo mundo fosse insistir na pureza ou prioridade radical de sua própria voz, tudo o que teríamos seria um alarido medonho de uma disputa interminável e uma confusão política sangrenta, cujos horrores estão começando a aparecer aqui e ali, no ressurgimento de políticas racistas na Europa, na cacofonia de discussões sobre a política de identidade e o politicamente correto nos Estados Unidos...*  
<sup>170</sup>

O nome da agremiação veio de uma devoção profunda a Julia Lopes de Almeida, escritora carioca que atraiu muito a atenção da sociedade cuiabana. Uma mulher

---

<sup>169</sup> MESQUITA. APUD NADAF, Yasmin Jamil. In: *Sob o signo da Flor*. p. 24.

<sup>170</sup> Edward Said. *Cultura e Imperialismo*. p. 22.

dedicada aos bons costumes da época, Júlia Lopes não poupava palavras para definir o ideal da mulher. Girando em torno de atividades femininas, a matriarca de *A Violeta* sugeria uma série de atividades para serem incrementadas a partir do Grêmio que levava seu nome. Escola de economia doméstica, divulgação da importância da mãe em amamentar seus filhos, corte e costura, enfim, tudo o que o universo feminino na época indicava como lições de etiqueta, ou, boas maneiras. É claro que com esse discurso não conseguia agradar a todas, uma vez que, com relação à mulher mato-grossense,

*Ela a induziu a renunciar à diversão pessoal em detrimento aos filhos, como ilustra este fragmento de 'Bailes': Pobre loucura a nossa! De todos os divertimentos com que a sociedade nos solicita, é o baile com certeza o mais prejudicial ao nosso lar. Se somos a ama de nosso filho devemos procurar na boa higiene e no descanso tornar o nosso leite sadio e forte; que benefício nos traz a excitação nervosa de um baile? O dia seguinte é um dia de cansaço e de sono; não observamos, como das outras vezes, o alegre despertar do pequenino, que abre os olhos e se ri para nós, bonito como uma aurora! (...) Não vale a pena trocar por essa ventura o vaidoso prazer de arrastar num salão a longa cauda de um vestido de seda; não, minhas amigas, não vale a pena!...*<sup>171</sup>

Qualquer estudante hoje, em nível de segundo grau, tem dificuldades de apontar alguma mulher que tivesse feito carreira literária no Brasil, até então. Os mais afortunados lembrariam de Gilka Machado e Francisca Júlia, certamente se tiveram por professor de literatura alguém que não se contentou com as limitações da historiografia literária contida nos manuais de nível médio.

Em um país que deu destaque à mulher na literatura (salvo raras exceções) a partir de Rachel de Queirós, primeira mulher a adentrar a Academia Brasileira de Letras, perceber que no “periférico” estado de Mato Grosso um grupo de mulheres constituiu um importante veículo literário e cultural é, de fato, algo notável. A importância do Grêmio Literário Júlia Lopes deve-se a um pioneirismo em vários aspectos.

*A agremiação foi pioneira da cultura associativa no estado, no século XX, e propulsionou o surgimento de entidades de natureza análoga à sua, em sua região. Para ilustrarmos citamos a fundação, em 1925, do Grêmio Castro Alves; em 1936, do Grêmio José de Mesquita; em 1937, do Grêmio Álvares de Azevedo, e em 1940, do Grêmio Machado de Assis e do Grêmio D. Aquino Corrêa. Essas entidades se diferenciavam do Grêmio Literário Júlia Lopes apenas pela*

---

<sup>171</sup> NADAF, *Presença de Mulher*, p. 56.

*constituição do sexo que as compunha, restringindo-se a homens e não a mulheres mato-grossenses. O Grêmio feminino antecedeu, também, a instalação do Instituto Histórico fundado em Mato Grosso em 08 de abril de 1919 e o Centro Mato-grossense de Letra, hoje Academia Mato-grossense de Letras, cuja instalação em Cuiabá data de 07 de setembro de 1921.*<sup>172</sup>

Durante seus trinta e quatro anos de circulação a revista viu passar textos os mais diversos, entre artigos, comentários e poemas de mais ou menos duzentas mulheres que enriqueceram os gêneros literários com o toque de gênero feminino. Mas nem só de mulheres viveu a *A Violeta*. Francisco Mendes, Raimundo Maranhão Aires e José de Mesquita também freqüentaram as páginas da revista. Conforme estudo aprofundado de NADAF, MESQUITA foi o destaque da publicação, entre os homens.

*Foi grande incentivador dos programas culturais e literários do Grêmio Literário Júlia Lopes e colaborador efetivo de A ' Violeta', tendo apresentado a maior produção poética dentre todos os seus colaboradores. Ao todo, foram cerca de 70 composições, nos gêneros épico e lírico. Muitos de seus versos foram escritos para mulheres de sua terra natal, desejando-lhes pureza, felicidade, bondade, fé e outras venturas.*<sup>173</sup>

Além de poemas, o Desembargador publicou contos, palestras e trechos de discurso. No período de 1917, a partir do número 10, publicado em 30 de abril, até o número 347, de 29 de julho de 1949, foram participações em 84 edições, ficando apenas os anos de 1918, 1920, 1921, 1923, 1934 e 1950 sem algum tipo de contribuição oriunda de seus punhos. E temos que considerar o fato de que por vários e vários meses a revista deixava de circular, o que dá uma dimensão ainda maior para a sua colaboração.

Tomando por base, somente a título de curiosidade, o ano de 1936, NADAF nos detalha os problemas com a periodicidade,<sup>174</sup> mostrando que naquele ano a revista circulara apenas no mês de abril, especificamente entrando em circulação último dia do mês.

E lá está o Desembargador com um poema lírico intitulado *At home*, publicado na coletânea *Ritmos novos*, e que versa sobre a felicidade presente naquele que goza do aconchego da esposa e dos filhos. Para todos os efeitos, nesse período MESQUITA estava casado com Dona Anna Jacinta Pereira Leite, sua primeira esposa, e já havia

---

<sup>172</sup> NADAF. Op.cit. p. 28.

<sup>173</sup> Idem. Ibidem. p. 67.

<sup>174</sup> NADAF. *Sob o signo de uma flor*. p. 28

experimentado a morte de três filhos, dos quais a de Antonio Herculano parece ter sido a mais dolorosa, dadas as circunstâncias em que se deu. É ele mesmo quem nos diz:

*Morreste, Antonio, quase oito anos depois, à mesma hora em que Agenor, cinco minutos para a meia-noite. Com a diferença que, quando o teu irmão se foi, eu tinha ido repousar um pouco e não vi a sua decolagem para a eternidade, e sómente o carinho materno o assistiu no transe supremo. Contigo, foi justamente o contrário, e assim o quis a providência, sempre certa em suas determinações, pois, si naquela ocasião eu me encontrava doente e nervoso, agora tua mãe, convalescendo apenas de grave moléstia, não deveria presenciar tão dura cena. Deus assim faz tudo pela melhor e até ao nos ferir, é ainda com a mão de pai que castiga e prova.*<sup>175</sup>

Uma seção que mereceu bastante atenção do público leitor de *A Violeta* foi Folhas de Álbum, espaço no qual MESQUITA segue apresentando poemas nos quais eterniza sua devoção à graça e à beleza, como no soneto *Filosofia da beleza* que transcrevemos na íntegra, logo abaixo:

*Deste álbum entre as folhas eu procuro  
A mais formosa página que houver.  
Para nela gravar meu preito obscuro  
E esse anjo da terra, que é a mulher.*

*Duma o contorno plástico tão puro,  
Doutra o sorriso, flor de rosicler,  
Desta o lábio a abrolhar, pomo imaturo,  
Daquela um traço espiritual qualquer...*

*Hesitante me deixa e não decido,  
Neste harém qual a huri mais deliciosa,  
E acabo, finalmente, persuadido*

*Que a beleza sem par de tantas bellas  
É uma emoção que, ao vê-las, a alma gosa,  
E está mais em nós mesmos do que nelas.*<sup>176</sup>

Este poema nos apresenta um eu - lírico um pouco licencioso, pois sugere o envolvimento amoroso, mesmo que platonicamente com jovens mulheres, muito jovens, já que Folhas de Álbum é uma seção que tem conotação com as páginas de diários, típico de adolescentes que sempre estão à cata de alguma palavra de poeta para abrir seu

---

<sup>175</sup> Flores de lágrimas sobre uma flor. In: Três poemas da saudade. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras* – ano X – Tomos XXI-XXII – 1943. p.43.

<sup>176</sup> Folhas de álbum. *Revista A Violeta*. 321-322. jan/jul.1945. p.4.

caderno. Louvando os predicados desta ou daquela, o eu - lírico se mostra indeciso, ao sugerir que dentre todas do harém não sabe qual a mais deliciosa.<sup>177</sup>

A seção Folhas de Álbum contém versos que se referem a consórcios matrimoniais, evocações para nubentes, carinho e apreço, para afilhadas, bondade e fé, para as amigas, e assim por diante. O registro deixa uma imagem caprichosa para a moldura do tempo que vai tocando com a pátina do tempo o cuidado nos efeitos, como se vê nessas

*Folhas claras, gentis, repletas de poesias  
- chegando até o fim, tal como principiou,  
Marquem o decorrer ledo dos vossos dias,  
No venturoso lar que Deus abençoou!*<sup>178</sup>

MESQUITA, com criatividade brinca com o nome da senhora Leda de Matos, *decorrer ledo dos vossos dias*. A palavra ledo/leda tem o significado de alegre, jubiloso, venturoso. O título sugere afetividade e carinho, fazendo da Epitalâmica um nome forte e dedicado à Leda de Matos e seu noivo. Sob o título de Contraste Sugestivo, para Benedita Miranda, MESQUITA insiste no jogo de antíteses para suas comparações. A idéia de passado sempre ocupou a cabeça do Desembargador, dito romancista, aliás, contista, cronista, enfim, poeta, nessa arte que antecede a escrita e capta as sutilezas na atitude, no gesto que traz a efemeridade da beleza, como o amanhecer *de uma linda manhã a despertar, e do outro lado da linha, da página, da vida, toda uma visão contrária espelhada na sua visão de si mesmo,*

*Enquanto que eu, das ilusões fanadas,  
Sinto o lento diluir crepuscular.  
Vives da primavera as madrugadas,  
E eu a tarde outonal vejo baixar.*<sup>179</sup>

As estações do ano auxiliam o poeta a demarcar o tempo, de maneira inexorável. O outono, com suas folhas caindo, na direção contrária da primavera das flores. Em *O Álbum e a vida*, o poeta retoma as estações do ano para se referir à ação do tempo.

---

<sup>177</sup> *Huri* é um vocábulo oriundo do árabe e significa mulher do paraíso; na linguagem do alcorão qualquer uma das virgens que aguarda ser desposada por um dos fiéis muçulmanos. A idéia de passividade feminina está aí colocada.

<sup>178</sup> Idem. N° 331. 1944. p. 9.

<sup>179</sup> Idem. N° 324. 1945. p. 6.

*(...) mas eis que, ao abri-lo deixo, folha pálida,  
Esta a que o outono deu sua descôr.*

*(...) porque, depois do outono e inverno lúgubre,  
A primavera encantadora vem  
E abre nos céus da vida, alegre e gárula  
O seu encanto...seja assim também.<sup>180</sup>*

Após a estação que derruba as folhas, o inverno, trazendo o frio (corpo e alma), a primavera traz a promessa da ressurreição, abrindo o paraíso celeste para uma vida repleta de alegria, bondade, enfim, cheia de espiritualidade. MESQUITA busca conciliar esses aspectos todos em sua poesia. Com bastante inventividade, presenteia sua afilhada Maria da Conceição Ferreira Mendes com o belo soneto Ouro e gemas, em que diz:

*Pelas duas estirpes ascendentes,  
Deves, Maria, ser bela e preciosa,  
Das lavras do Cocais resplandescentes  
A diamantina gleba gloriosa.*

*(...) eis o que teu padrinho hoje te augura  
Como os melhores dons para a afilhada:  
O ouro da graça e gemas da ventura.<sup>181</sup>*

O poeta trabalha a palavra louvando a ascendência da afilhada. Relaciona a riqueza material com a espiritual; de padrinho para afilhada, surgem recomendações carinhosas, mas que, ao mesmo tempo cobram certa disciplina, como de costume à época. O poder do ouro e do diamante reforça o discurso subjacente ao texto, uma vez que as lavras de cocais simbolizam o período áureo da mineração na cidade de Diamantino, berço de seus pais, como também da família Ferreira Mendes.

Para Zélia Pompeu, MESQUITA busca definir a delicadeza da senhora, cultiva palavras que possam representar bem a bondade, e por fim

*Eis o voto sincero que aqui ponho,  
Como flores, em jardim de tantas flores,  
Sendo boa, terás viver risonho,  
Serás sempre feliz, se boa fores.<sup>182</sup>*

---

<sup>180</sup> Idem. N° 323. 1945. p. 7.

<sup>181</sup> Idem. N° 302.1943. p.10.

<sup>182</sup> Idem. N° 303. 1943. p. 6..

Na busca incessante de firmar seus valores morais e conceituar o belo dentro do universo feminino, MESQUITA escreve no álbum de Dona Maria Fischer Leite:

*A alma da mulher tem duas asas  
Que elevam alto, junto à divindade,  
É com elas que, em surto, aos céus se ergue,  
Num revoar de espiritualidade.*

*Uma é o afeto que vota ao esposo, aos filhos.  
Outra a dedicação à humanidade  
Só as almas eleitas a possuem:  
Chama-se aquela, - amor; esta – bondade.<sup>183</sup>*

É interessante como MESQUITA deixa transparecer, neste poema, uma forte indução para o leitor/leitora da revista *A Violeta*, a idéia de que amor e bondade são características de poucas mulheres de virtude, num claro apelo para que as mulheres reflitam sobre sua condição e que também se posicionem, assumindo de fato o seu lugar (e qual seria?)<sup>184</sup>. Essa invocação já aparecera antes, em O álbum e a vida, em julho de 1940, no último verso do soneto: *seja assim também*. Para outra afilhada, Carmelinda Santa Ana de Guimarães, o padrinho deixa delicada recordação, lembrando que:

*Quando à pia lustral te levei, pequenina,  
Da serra eras botão mimoso, a se entreabrir,  
E hoje, a exalar fragrância e graça peregrina,  
Com que a grata emoção eu te vejo florir!<sup>185</sup>*

Para esta Flor da Serra, o padrinho traz palavras doces e encantadoras, como sempre foi sua relação com a Serra-Acima. MESQUITA costumava fazer longos passeios a cavalo, quer seja para fazer suas visitas, passeios, ou mesmo para suas pesquisas em arquivos eclesiásticos que muito contribuíram para suas genealogias. A visão que tinha da decadente cidade abençoada por Nossa Senhora de Sant'Ana está registrada em muitos textos, como no fragmento:

*Assim foi que a conheci, quando, a 5 de julho de 1924, pela  
primeira vez lá estive, tendo feito a viagem a cavalo, pela  
bocaina e voltado, dias após, pela serra do quebra-gamela.*

---

<sup>183</sup> Idem. Nº 315. 1944. p. 11.

<sup>184</sup> Penso que essa resposta encontra-se no título do segundo item do capítulo I desta dissertação: Mulher, beata, professora.

<sup>185</sup> *A Violeta*. Nº 304-5. 1944. p. 8.

*(...) e foi com indissociável comoção que saltei na praça ampla, toda a crepitar em meio à noite negra, ao clarão das luminárias, enquanto no céu alto e escuro, outras infinitas luminárias se accendiam, como para uma recepção festiva aos viandantes retardatários.*<sup>186</sup>

Os versos cotidianos, a rotina, vão cedendo lentamente aos caprichosos contornos com novas medidas. O vocabulário de MESQUITA simplifica-se, aceita um ou outro vocábulo moderno de menor erudição, incorporando em sua concepção plástica romântico-parnasiana, toques modernistas<sup>187</sup>, como no soneto dedicado a Erzila Moreira, ao brincar com a banalidade das palavras escritas em qualquer álbum de menina.

*Quero evitar o convencionalismo  
E em vez desses eternos leros-leros,  
De um sovado e ridículo lirismo,  
No teu álbum, Zizi, apenas quis  
Gravar os votos simples e sinceros  
De quem só quer te ver sempre feliz.*<sup>188</sup>

Para Yvone Bodstein, o poeta também deseja os mesmos votos, bondade e amor, valorizando os atributos na formação da mulher, e aconselha:

*Sendo boa, põem e sendo sempre crente,  
tudo podes passar, mas terás, certamente,  
o céu na tua vida e Deus no coração!*<sup>189</sup>

Mas nem tudo nas folhas do álbum da vida são flores. Um tom melancólico transparece em Uma flor entre as flores. Esse poema foi dedicado a Elisa Pulquério, a quem o poeta se dirige como Lisoca, grau de intimidade que deixa um ar enigmático, sub-entendido.

*Eu, no outono da vida, ante a melancolia  
Do que foi e a incerteza e o anseio do porvir,*

---

<sup>186</sup> Grandeza e decadência da Serra-Acima. In: *Revista de Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. p. 53

<sup>187</sup> MESQUITA que foi um crítico de primeira hora do modernismo, aos poucos conseguiu relaxar um pouco as formalidades cedendo aos neologismos e expressões mais voltadas para uma aproximação da escrita à fala, como se comportaram os escritores do modernismo brasileiro.

<sup>188</sup> *A Violeta*. Nº 311. 1944. p.8.

<sup>189</sup> Idem. Nº 327-8. 1946. p. 8.

*Somente posso dar-te uma flor sem perfume,  
A pálida saudade, a flor que em si resume  
A vida que passou e que não torna a vir...<sup>190</sup>*

Tempo, tempo, tempo, tempo...para Neila Constantino, MESQUITA deseja

*que o fruto conserve sempre a essência  
do botão que se abriu para a existência  
cujo viço é a beleza e o aroma – o amor!.<sup>191</sup>*

Oni Teixeira recebe a sua Poesia viva, elogio a sua alma de artista, segundo MESQUITA,

*uma poesia...certo a você parecia  
fácil, porque você é tão cheia de poesia,  
Que em seus olhos reluz e em seus lábios sorri.<sup>192</sup>*

Para a filha de seu grande amigo Palmiro Pimenta, com o qual fundou os *Anais Forenses de Mato Grosso*, Dona Lalita, a página de álbum é especial. A ela, o poeta tem simples e sinceras palavras.

*Só há, de fato, uma felicidade  
é essa que vem, Lalita, da bondade,  
que é a beleza do nosso coração.<sup>193</sup>*

Abrindo um álbum vazio, para deixar sua primeira lembrança, MESQUITA dedica a Iza Corrêa da Costa palavras doces e sinceras, indagando o

*que pode o poeta, nesta folha lisa,  
melhor deixar, boa e formosa Iza,  
tua vida, um álbum que iniciais,  
se encha de amor, de sonhos e poesias,  
fazendo-te feliz, como o merecer.<sup>194</sup>*

---

<sup>190</sup> Idem. N° 331<sup>a</sup>. 1946. p. 7.

<sup>191</sup> Idem. N° 337. 1946. p. 11..

<sup>192</sup> Idem. O poema foi escrito em 12 de maio de 1947; não consta do levantamento feito por NADAF, o que dificulta a localização da edição.

<sup>193</sup> Idem. N° 342b. 1948. p. 9.

<sup>194</sup> Idem. N° 330b. 1949. p. 12..

A relação de José de Mesquita com as agremiações culturais e filantrópicas a que pertenceu transcende o viés literário e cultural. Claro que os saraus da Academia, bem como toda a agenda do Clube Feminino e demais instituições eram cruzamentos de atividades da sociedade cuiabana; intersecções de caminhos que representavam conjuntos de procedimentos sociais, padrões discriminatórios, entre outras coisas. A poesia de José de Mesquita extrapolou essa temática e tem em um de seus últimos trabalhos uma linha um pouco diferenciada.

Em *Poemas do Guaporé*, escritos quando de sua atuação como Secretário Geral do Território do Guaporé,<sup>195</sup> relacionamos um poema que pensamos ser especial. Foi escrito, segundo o próprio autor, no aeroporto da PANAIR, em Porto Velho, e é intitulado Poema da hora da Ave-Maria. Nele, o poeta nos concede a gentileza de arrematar nosso raciocínio a respeito da idealização que recobre toda uma obra, parte integrante de toda uma vida; lembra-nos que:

*O silencio era augusto. Nem mesmo as crianças tagarelas  
Ousavam quebrar aquele ritual litúrgico da tarde.  
Tudo se transformava na magia crepuscular.  
Nós também nos transformávamos em seres diferentes  
Ao contacto sutil da varinha de condão da poesia,  
Que humaniza as feras, angeliza ou diviniza homens e  
mulheres...*<sup>196</sup>

---

<sup>195</sup> Atividade que exerceu a partir de 1947, após ter se aposentado da magistratura, em 1945.

<sup>196</sup> *Poemas do Guaporé*. Cuiabá: Edição do autor, 1959. p. 8.

## 4. CABEÇAS DE MEDUSA

Se na arte poética José de Mesquita nos brindou com um montante significativo de poemas em que a mulher surge como elemento idealizado, na prosa, em seus três livros de contos, como em alguns esparsos, seu romance *Piedade*, entre outros, percebe-se que por trás da sociedade cuiabana da época, cenário escolhido por Mesquita para desenvolver sem embaraço suas tramas, esconde-se uma outra mulher, dissimulada, lasciva, apresentada por seus narradores de maneira contumaz, como em *Cavallhada*, primeiro livro de contos publicado em 1928. São dez contos que vieram a público quando o autor já havia publicado *Poesias*, 1919, *Elogio histórico ao Dr. Antonio Correa da Costa*, 1920, *O catolicismo e a mulher*, 1926, *Elogio do capitão Caetano de Albuquerque*, 1926, e *Terra do berço*, 1927.

Na verdade, a inspiração para essas mulheres dissimuladas já aparece em algumas crônicas anteriores, como por exemplo, em Crimes célebres, no tópico IX intitulado *As três Gorgonas*. MESQUITA relata três bárbaros crimes típicos de grandes tragédias da antiguidade. A comparação é rica, uma vez que as gorgonas são representações perversas, malignas e repulsivas que, advindo da mitologia latina nos trazem a figura de Esteno, Euríale e Medusa com seus cabelos de serpentes formando uma alegoria em que a peçonha feminina transformava em pedra a quem fitassem, num encontro de olhar.

Os episódios relatados nesse tópico são taxados de bárbaros por

*Constituir cada um desses crimes negregados a subversão de um daquelles sentimentos que mais ennobrecem a humanidade, a alguns dos quês não se eximem nem mesmo as próprias feras – o amor materno, o amor filial e o amor de irman.*<sup>197</sup>

Parricídios, matricídios e crimes do gênero são hediondos pela própria natureza, uma vez que atentar contra a vida de um ente querido, e muitas vezes por questões banais é injustificável, mas o recorte que nos interessa para a definição dessa mulher desajustada socialmente não é necessariamente esse que MESQUITA aponta em seus Crimes célebres, ou seja, aqueles que têm o álcool ou a constituição hereditária do negro, razões que o jurista aponta para esses desvios.

*Quem quer que venha acompanhando com alguma atenção estes cavacos históricos há de convir que mesmo os casos mais*

---

<sup>197</sup> *Gente e coisas de antanho*. p. 89.

*horripilantes nelles referidos, alguns dos quaes nos deixam a alma medusada, obedeciam ao impulso instantâneo de uma paixão incoercível. (...) ou ao império sinistro e irresistível da embriaguez alcoólica, - quando não desses dois factores combinados (...) que buscaram no 'veneno branco' o estimulante poderoso do delicto.*<sup>198</sup>

Os ensaios a respeito da criminalidade em Cuiabá, já referidos anteriormente, fazem de MESQUITA um pioneiro na historiografia regional a levantar dados estatísticos, quantificar o número de crimes, desde o período colonial até o início do século XX. Filiando-se a uma linha de análise com forte contextualização social, o jurista/escritor, segundo MACHADO FILHO, pertencia à

*escola sociológica, ainda que concordando com a tese basilar do criminoso nato, afirmando que era necessário um meio adverso para que os estados mórbidos, taras e indivíduos degenerados florescessem e dessem origem à violência e ao crime.*<sup>199</sup>

#### **4.1. Mouros X cristãos: a cavalhada não morreu!**

Pensar as Cavalcadas em Mato Grosso é buscar nas raízes de nosso folclore alguns subsídios para compor o ambiente. Santo Antonio do Leverger, Cáceres, Nossa Senhora do Livramento e Poconé são cidades em que, de alguma forma, se mantém a tradição de reproduzi-las, sobretudo esta última. Os festejos de São Benedito fornecem a data do célebre torneio. A cidade se ilumina, as pessoas se organizam em torno de mouros, ou de cristãos e começam os festejos. Primeiro a lembrança da Guerra de Tróia, o incêndio do castelo numa leitura crítica do relacionamento entre os inimigos. Após o encontro dos mantenedores cristão e mouro com seus oponentes embaixadores, dá-se o aviso de guerra.

As provas são divertidas e buscam relembrar a movimentação que era comum na Europa do século XII, quer fosse para a visita de ilustres cavaleiros, uma data de aniversário, ou quaisquer motivos para um bom festejo.

No livro de MESQUITA, de 1928, que retrata essa manifestação, temos no conto título, *A Cavalhada*, uma sub-divisão em sete itens, A porta de Igreja; Lopo; A tarde da cavalgada; A corrida; O torneio; a enfermidade e por último, Noivos. MESQUITA ambienta toda sua construção literária ao redor de AIRES MOUTINHO, personagem que tem uma filha muito

---

<sup>198</sup> Op.cit. p. 98.

<sup>199</sup> Oswaldo Machado Filho. Op. Cit. p. 131.

linda, embora não seja muito afeita a gracejos e risos voluntários. MESQUITA apresenta-nos Inês como sendo *sempre a mesma creatura, orgulhosa e enigmática! Murmurou, entre dentes, o jovem namorado.*<sup>200</sup> O Conde Lopo é personagem que faz a ligação direta com Álvares de Azevedo, autor de poema homônimo, e referência byroniana. Com forte inspiração macabra, de quem herdou certo satanismo, AZEVEDO produziu um poema narrativo bastante extenso, o que nos faz supor o espelho para MESQUITA.<sup>201</sup>

O Lopo de MESQUITA afirma que *As mulheres são muito acessíveis aos zelos: o amor ellas conseguem dissimular; não assim o ciúme, que é a prova indireta daquele.*<sup>202</sup> O autor deixa escapar com essa dita que a transparência de um sentimento não pode ser omitida sem que outrem se aperceba. Pode-se fingir que se ama, mas o difícil é omitir sentimento como o ciúme, intrinsecamente ligado ao amor. Esta temática está por baixo de toda a trama do conto. As moças nos são apresentadas sempre com muita classe, como se pode observar: *a estatua impassível se humanizara, delatando numa commoção irrefreável, a natureza do seu oculto sentir.*<sup>203</sup>

Nas belas tardes de cavalgada que aconteciam na velha Cuiabá, as relações de poder eram exibidas nos mínimos detalhes, uma vez que *a gente rica era seguida do brilhante séqüito de escravos, que conduziam doces e bolos em cestas de vime ou em bandejas cobertas de artísticas toalhas de crivo e bilhas de água fresca de Prainha.*<sup>204</sup>

As inter-relações de MESQUITA se multiplicam e inter-relacionam-se.<sup>205</sup> Em nome da tradição, Mesquita reedita hábitos costumeiros da sociedade de antanho. As corridas que sempre edificaram o sentimento cristão, confrontando mouros e cristãos ainda brilham em suas narrativas. Como se pudéssemos estar ali, vivenciando o embate contra os árabes e toda a sua cultura, representado pela indumentária vermelha, contra as casacas e calças azuis de cetim, dos cristãos portugueses. Os torneios que ainda perduram em Pirenópolis (GO) e Poconé (MT), encham de orgulho a população desses logradouros, encerrando os festejos de

---

<sup>200</sup> *A Cavalhada*. p. 7.

<sup>201</sup> Logo de início, no prefácio do conto, Álvares de Azevedo afirma que *o fim da poesia é o belo. (...) a missão do poeta é, pois o apostolado da beleza, o dever de esfolhar coroas sobre todas as quadras da vida, enfeita-las, enfeitiça-las; e aí desses jardins da natureza colher as flores perfumosas da capela de sua lira, de sua harpa de trovador.* A morte de um poeta anônimo em casa de estranhos traz à tona um montante de poemas românticos e ultra-românticos. *O Conde Lopo* de Azevedo apresenta uma história trágica de traição, a jovem bela troca o amor de Lopo pelo de seu irmão, despertando ciúmes que o conduzem ao premeditado ato de assassinio da moça, fazendo-o levar uma vida de aventuras e total desregramento.

<sup>202</sup> MESQUITA, José. *Cavilhada*, 1928, p. 10.

<sup>203</sup> *Idem*, p. 21.

<sup>204</sup> *Cavilhada*. p. 11.

<sup>205</sup> A atitude do Conde, em relação à sua musa, é a mesma de Pedro e Paulo, irmãos gêmeos de Machado de Assis, no romance *Esau e Jacó*, de 1904, personagens bíblicos com os quais já dialogamos em capítulo anterior.

São Benedito, como aqui no Mato Grosso. O jogo de argolas, as manilhas, os laços de fita, hábitos seculares preservados pela memória viva da população brasileira, a rigidez dos costumes são evidentes nos mínimos detalhes da organização social, o que não dizer nos casamentos, já que *Si é do gosto do papai e da mamãe (...) quero esquecer-me inteiramente de um cavaleiro que se mostrou ainda mais mouro nas ações do que nas vestimentas (...)*<sup>206</sup> Lopo Caldeira era mouro, o que dificultaria um relacionamento com a moça cristã!

No conto Renúncia, por sua vez, Mesquita nos apresenta um homem chucro, bugre, dono de hábitos sisudos e que *não tinha medo de cobras e dizia-se mesmo ser curado contra a peçonha dellas;*<sup>207</sup> Não nos esqueçamos de que Mesquita, quer na poesia, quer na prosa, muitas vezes, de modo acentuado, compara a figura feminina a uma cobra, seus encantos, suas belezas, as curvas sedutoras, são como características do réptil peçonhento que envenena o coração dos homens. O narrador descreve a morena que freqüentava os siriris de domingo (segundo o autor, um misto de jongo e cateretê), como uma mulher de *meia altura, gorduchinha, rosto redondo e picado de alguns signaes, olhos pretos e vivos, collo farto, um todo de veadinha arisca, com meiguices de rola e colleios de serpe – aquela mulher parecera resumir todo o ideal simples e fácil de sua alma rude de sertanejo.*<sup>208</sup>

O autor parece querer o tempo todo nos convencer dos poderes que a sedução dá aos contornos femininos, deixando o leitor em permanente estado de expectativa ao se defrontar com tais perfis. “Seria possível que uma mulher, só por ser bonita e agradar-lhe, conseguisse fazer na sua vida tamanha metamorphose, a elle, sempre frívolo e que sempre zombara das paixões e do amor?”<sup>209</sup>

Em Tia Carola, (Carola, Carolina), o narrador nos apresenta Mariazinha da seguinte forma: *em moça, nunca fora namoradeira, antes sim, recatada e de muito juízo, chegando a recusar mais de uma proposta de casamento, por lhe não ver vantagens.*<sup>210</sup> Mesquita nos apresenta o Charleston como dança que alegrava os salões sociais do período.

Não podemos entender a prosa mesquiteana como representativa da estética romântica, uma vez que há marcas que denunciam hábitos comuns nos altos salões e que manchavam a honra dos poderosos. Como no fragmento de A magia do luar:

*As noitadas deliciosas de idyllio e vigílias torturadas de insomnia, quantas vezes o viera encontrar assim, esse mesmo luar que protege*

---

<sup>206</sup> *Cavallhada*, p. 29.

<sup>207</sup> *Idem*, p. 35.

<sup>208</sup> *Idem*, p. 37.

<sup>209</sup> *Idem*, p. 46.

<sup>210</sup> *Idem*, p. 60.

*os amores nos terraços claros dos palácios e nas senzalas sombrias das fazendas, que favorece os crimes nos ricos solares e nas estradas desertas dos povoados, luar meigo e sinistro, de beijos e traições que lembra entrevistas de amor e emboscadas de sangue, apertar de mãos, tremulas, em despedida, e cruzar de punhaes scintillantes em viellas escusas, luar de sonho e de ansiedade, voluptuoso e mau, a aclarar de brilhos trágicos o balcão florido de Julieta e a esplanada deserta de Elseneur, evocando, na sua dúplice e melancólica expressão, os maiores mysterios da vida. O amor e a morte.<sup>211</sup>*

As descrições amorosas da citação anterior associam o amor carnal a comportamentos adúlteros, ou relacionamentos proibidos, como a comparação a Julieta. Também ao se referir às senzalas, é provável que MESQUITA associe o instinto sexual com forte conotação animalésca, daí o caráter obscuro da narrativa e a aproximação de amor e morte como grandes mistérios da vida.

Em Evocação, o narrador envereda pelos perfis femininos e nos apresenta a musa por meio de cartas, escritas em papéis amarelados, entremeadas por velhas flores de laranjeira, alusão típica à virgindade, requisito para o casamento de uma mulher de boa família. Aqui nos parece estarmos diante de uma mulher casta, pura, pois:

*Devia fazer bem uns 40 ou 50 annos...um suspiro lhe fugiu involuntariamente do peito. Elle morava noutra cidade, longe dali, já velho também e havia seguramente uns 10 annos que elles não se viam...também, verem-se para que? Na mocidade mesmo, depois que elle voltara uma vez ali, a passeio, tinham-se visto muitas vezes e de que valera aquillo?<sup>212</sup>*

Toda a evocação da memória, os tempos da mocidade, da juventude, do *carpe diem* estão muito bem sintetizadas na frase: *a vida de quem ama é toda um constante sobressalto de ciúme e de desejo.*<sup>213</sup> Esses aspectos rústicos de mulheres simples, caboclas, transparecem nas descrições de A provinciana, penúltimo conto do livro e que fala de jovens de 16 a 20 anos e seu gozo límpido da juventude. Para um deles, (Lauro), o amor *Pareceu simples explosão de desejo, sem sombra de espiritualidade e a mulher era, na minha concepção de epicurista, um simples instrumento do gozo, harpa de cordas vibráteis e nervosas em que se dedilham as canções anacreônicas do prazer (...)*<sup>214</sup>

---

<sup>211</sup> Idem. p. 98.

<sup>212</sup> Idem. p. 140.

<sup>213</sup> Idem. p. 143.

<sup>214</sup> Idem. p. 152.

A repulsa ao ideário romântico tratado como mal físico, pieguice ridícula, são elencados pelo narrador para localizar o pensamento dessa juventude moderna, conhecedora de Ibsen, Nietzsche e Flaubert, fruto de estudos fora de casa que, de certa forma abriam as portas do mundo, trazendo novos horizontes para os corações indomáveis. Relatando os hábitos da província, o narrador parece trazer palavras que serviriam muito bem para ilustrar a vida de Mesquita em São Paulo, nos anos em que cursara a faculdade de direito do Largo de São Francisco, tal a semelhança das descrições abaixo: *Por outro lado, soffri, desde a chegada, o influxo poderoso do meio a actuar sobre a minha constituição nervosa e sensível: só quem conhece a vida monótona, mas encantadora, dessas nossas velhas cidades do interior (...).*<sup>215</sup>

Para um homem que cavalgava de Cuiabá a Chapada, serra acima, invariavelmente algumas vezes por ano, toda a cultura serrana é de invulgar invocação em sua obra. As lendas serranas, como a do Véu de noiva, marcaram sua obra. As descrições do lugar com suas credices atuam em nosso imaginário formando deleitosas imagens no espaço e tempo. Não sem um conjunto de informações curiosas como esta em que:

*Pouco aquém do Burity, uma das mais antigas propriedades ruraes da zona serrana, hoje pertencente aos norte-americanos, antes domínio dos Siqueiras – que têm por tronco o Comandante João José – despenha-se de uma altura elevadíssima, o Coxipózinho, este mesmo Coxipó-Mirim, tributário do Cuyabá e tão ligado á história matogrossense desde os dias da primitiva penetração bandeirante.*<sup>216</sup>

A posse das terras do Buriti por americanos se deu por volta de 1923 e pouco se sabe, de fato, sobre as atividades desenvolvidas na região, desde então. Quando da instalação do Parque Nacional de chapada dos Guimarães, um pedaço da área foi doado à União.

O conjunto de imagens estabelecido em nosso cérebro é fruto do encadeamento de fatos que estão amplamente registrados pela pena dos cronistas que aqui aportaram por todo o século XIX. A idéia de Mato Grosso estar incrustado no centro do continente nos é lembrada por GALETTI.

*A localização geográfica de Mato Grosso, no ‘coração da América do Sul’, como frisou o alemão Narl von dan Steinem, acrescentando que ali era o próprio fim do mundo’, favorecia de imediato a imagem de um lugar isolado.*<sup>217</sup>

---

<sup>215</sup> Idem. p. 154.

<sup>216</sup> Idem. p. 167-8.

<sup>217</sup> Lylia Guedes Galetti, 2º parte. p. 5.

Associar esse isolacionismo ao que os cronistas já apontavam, a convivência com negros e negras de moral “duvidosa” provocava uma situação, na qual

*A licenciosidade dos costumes, por exemplo, notada por viajantes em todo Brasil, é considerada, em muitos relatos, ainda maior em Mato Grosso, devido justamente ao seu isolamento. (...) entre as ‘originalidades’ Florence destacava a ‘anarquia’ reinante no campo das alianças afetivo-sexuais, inclusive entre os integrantes das camadas mais abastadas da população.*<sup>218</sup>

A visão privilegiada de FLORENCE, como integrante da Expedição Langsdorff pode ser observada por diversos ângulos, sobretudo pelas descrições de paisagens e ambientes aconchegantes, melancólicos, como em Fazendeiros e cativos:

*Pela grande variedade das paisagens, muito teria aqui um pintor em que exercitar o seu talento; ao geólogo também não faltaria assunto de interessantes indagações, pois nas formas abruptas do São Jerônimo e nas camadas das montanhas estão sem dúvida impressos os vestígios que se estenderam por todo o centro da América.*<sup>219</sup>

O envolvimento de MESQUITA com a Serra-Acima vem de longa data. Autor de dois trabalhos sobre a região<sup>220</sup>, e inúmeras citações sobre a Chapada dos Guimarães, ele parece falar sobre a região como alguém muito íntimo:

*Quem quer que já tenha passado na Chapada uma temporada como o autor deste esboço o fez dezenove vezes em dezesseis anos terá conservado a impressão imperecível desse burgozinho singelo, acolhedor e amigo, perdido entre chapadões imensos e rodeado de serras imponentes, onde vive, quase esquecida dos poderes público, uma população laboriosa e sofredora, mas sempre crente, animada e boa.*<sup>221</sup>

Sendo o ensaio produzido em 1940, podemos calcular que no período de 1924 a 1940 o autor esteve em temporada no Serra-Acima, portanto, mais de uma vez por ano, o que dá conta dessa relação íntima com o espaço. A busca pelos arquivos paroquiais, os passeios a cavalo e as visitas de cortesia estavam entre suas predileções. A relação de GALETTI com a

---

<sup>218</sup> Idem. Op. Cit. Capítulo 4 – *Os habitantes do vazio e o futuro da região*. p. 37.

<sup>219</sup> In: *As Selvas e o Pantanal*. p. 60.

<sup>220</sup> Grandeza e decadência da Serra-Acima, publicado inicialmente no jornal *A Cruz* entre novembro de 1931 e janeiro de 1932, e *A Chapada Cuiabana*, escrito em agosto de 1940 – republicado pela Fundação Cultural de Mato Grosso, em 1977.

<sup>221</sup> *A Chapada Cuiabana*. p. 14.

visão edênica de MESQUITA é uma tentativa de compreender como a ruptura desse isolamento se faria necessária para que Mato Grosso fizesse parte do grande projeto integracionista brasileiro.

## 4.2. Espelho das almas: as divas no divã!

As sutilezas de Mesquita chamam a nossa atenção para a comparação estilizada da cachoeira com a fina cambraia utilizada para a vestimenta da noiva. A fazenda de seu vestido flutuava como a água no despenhadeiro. Uma infinidade de metáforas separa a mulher idealizada da dissimulada em José de Mesquita. O escritor no ano de 1932, quando da edição de seu comemorado livro *Espelho das almas*, laureado pela *Academia Brasileira de Letras* no referido ano, traz na dedicatória a seguinte mensagem: *À memória imortal do grande mestre da introspecção e da psychanalyse Machado de Assis*. Não bastasse a dedicatória, Mesquita ainda brinda o mestre com bela epígrafe em que diz *Cada creatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro (...)*.

*Na versão tradicional, a psicanálise teria sido criada a partir de dificuldades encontradas na utilização do hipnotismo, que era o método de tratamento empregado por Charcot. Na biografia escrita por Jones, compreendemos que, se tais dificuldades eram reais, talvez não fossem suficientes para permitir a revolução freudiana na psicologia. O fato decisivo para essa revolução parece ter sido a neurose de Freud, acentuada ou precipitada pela morte de seu pai. Através da auto-análise é que Freud teria sido levado à idéia do Complexo de Édipo, a partir de então colocado como centro de sua teoria da personalidade e da explicação do desenvolvimento social.*  
222

Em *O amigo dos desconhecidos*, dedicado a Alvaro Moreyra, há um narrador que afirma que *Eu, por mim, o confesso sinceramente, jamais soube ser terno e meigo quando amo (...) basta que eu sinta a menor inclinação por uma pessoa para, perto della, me tornar selvagem, estúpido, incapaz de um gesto ou de uma palavra mais gentil.*<sup>223</sup>

Considerado pela crítica como o mais introspectivo de seus livros, *Espelho das almas*, como o próprio nome diz, encerra uma crítica mordaz a uma literatura superficial, idealizante, uma vez que *Nós todos que bebemos o leite do romantismo, pois que esta geração de*

---

<sup>222</sup> Dante Moreira Leite. *Psicologia e literatura*. p. 25

<sup>223</sup> *Espelho das almas*. p. 16.

*decadentes é filha do consorcio híbrido da escola romântica com o naturalismo – amamos o mysterio, as aventuras, as attitudes estudadas (...)*<sup>224</sup>

Do livro anterior, *Cavallhada* (1928) para este (1932) há um aprofundamento nas questões relativas à condição humana que é bastante nítido. Hilda Magalhães observa isso se referindo à publicação como um livro

*De cunho essencialmente filosófico, no qual o narrador defende teorias ligadas ao comportamento humano. São textos em que ganha importância o aspecto racional em detrimento do elemento transcendental.*<sup>225</sup>

O machismo engendrado em sua estética surge naturalmente ao buscar definições que coloquem a mulher em posição subalterna, como a busca da infelicidade registrada em Fortunato ou o forçado da felicidade. Com epígrafe de Olavo Bilac fazendo alusão ao paraíso de Dante, o narrador de *Mesquita* afirma que (...) *não seriam as mulheres, criaturas frágeis diante do destino, que me trariam a desejada desdita.*<sup>226</sup>

O viés naturalista que surge em algumas narrativas visa zoomorfizar criaturas humanas, de maneira a estabelecer contato com o lado instintivo ligado ao pensamento de Charles Darwin. Em *O Guizo*, que inicialmente parece lembrar sons de uma cobra e na verdade faz referência a uma sineta pendurada no pescoço de um cão, percebe-se as relações com Schopenhauer e Machado de Assis. *Mesquita* o compara a qualquer ser humano, qualquer homem do meio social, semelhança com Quincas Borba, o homem, e Quincas Borba, o cachorro. Mulheres, para o narrador desse conto, parecem estar sujeitas à eterna submissão, impostas a um relacionamento em que estão abaixo do homem em todas as situações, mesmo porque *Quanto ás cachorrinhas novas e ingênuas, vá que fosse, ellas, pela idade e pelo sexo, são levianas e não saberiam distinguir o merecimento dos guizos que andam presos aos pescoços dos cães.*<sup>227</sup>

Em *Flores de um dia*, os contornos femininos vão ganhando novas facetas e a dissimulação se aprofunda. *Mesquita*, neste livro, de conto a conto vai impondo uma representação da mulher ligada a aspectos sórdidos, cruéis, anti-humanistas por excelência, senão vejamos:

---

<sup>224</sup> Idem. p. 17.

<sup>225</sup> Hilda Gomes Dutra Magalhães. *História da Literatura de Mato Grosso*. p. 69.

<sup>226</sup> Idem. p. 29.

<sup>227</sup> Idem. p. 46.

*(...) Era aquilo, pois, a vida? Ella, o seu grande sonho, a sua ilusão sublime, a castíssima e redolente flor do seu ideal, fugia-lhe para se desolhar profanamente, nas mãos rudes e ignóbeis de qualquer amanuense ou guarda-livros que lhe assegurasse renda certa e um filho por anno (...)*<sup>228</sup>

A respeito do amor, apresenta-nos a sua Theoria do imprevisto, em que prega o aforisma de que:

*O imprevisto nos enleia e perturba, mas por isso mesmo nos atrae e seduz. O imprevisto é o sonho que volteja em torno de uma probabilidade feliz que se não realisa; é o desejo que espera uma hora venturosa que nunca chega; é o véu do mysterio a envolver todas as nossas aspirações mais intimas, aquellas aspirações tão recatadas que nós não as confessamos nem a nós mesmos... exigir que se não ame o imprevisto é arrancar da alma humana a ultima parcella de sonho que, nestes tristes dias decadentes, ainda lhe resta, é tornar mais árido e mais vasto esse sahara de sceticismo que envolve os espíritos modernos (...)*<sup>229</sup>.

Escrito no ano de 1929, o conto A morte traduz bem uma verdade poética sobre essa única certeza em nossa vida terrena: essa é uma temática muito cara a MESQUITA, como a todos os de formação clássica que se reuniam à tábua redonda.

A ligação que estabelecemos entre MESQUITA e MICHELET, ainda no primeiro capítulo, se justifica por uma série de procedimentos, entre os quais, o fato de que:

*Hoje já não há temas tabus para o historiador, que ajudado por outras disciplinas, como a antropologia, por exemplo, arrisca-se à investigação de aspectos muitas vezes obscuros do passado. O historiador passou a estudar as atitudes em relação ao gosto culinário, o amor, a religiosidade popular, as mais diversas formas de sensibilidade física e espiritual. Os franceses chamaram essa nova história de 'história das mentalidades', outros estudiosos preferem falar de história da cultura. Todos, entretanto, buscam perscrutar a alma dos antepassados. Foi assim que se chegou a uma história das atitudes dos europeus em relação à morte.*<sup>230</sup>

Quer seja falando sobre a morte da mãe, de filhos, da primeira esposa, ou de qualquer de seus personagens em verso e prosa, MESQUITA de maneira emblemática impõe uma imagem grandiloquente, tal como a historiografia francesa do século XIX o sugerira. A própria morte MESQUITA pensou-a por bom tempo, pelas indicações que seus poemas

---

<sup>228</sup> Idem. p. 78.

<sup>229</sup> Idem. p. 90.

<sup>230</sup> *A morte é uma festa.* João José Reis. p. 22.

sugerem. Talvez pela compreensão e leitura de obras clássicas e interpretação à luz do cristianismo tradicional que via nos rituais fúnebres até o século XIX, o caráter que ganhou, desde o

*Fim da idade média, entre as classes instruídas, um caráter dramático, uma carga de emoção que antes não possuía. Chamaremos a atenção, entretanto, para o fato de que esta evolução reforçou o papel do moribundo nas cerimônias de sua própria morte. Ele prossegue no centro da ação, que não só preside como anteriormente, mas também determina segundo sua vontade.* <sup>231</sup>

*A essa hora o amor faz a sua ronda e a morte a sua colheita sinistra.* <sup>232</sup> Aqui, em todo esse livro, a visão que Mesquita nos apresenta da mulher deixa-nos intrigado. A lição de Mimi, por exemplo, nos põe diante de uma outra mulher, um ser inteligente, com desenvoltura, figuras que *hoje lêem romances de Prevost, dançam o fox-trot, amam por atacado e, si, por vezes, lhes aparecem olheiras, são devidas ao abuso do bistré (...).*(E.A. : p. 120). Esse perfil feminino nos transporta diretamente para a moça frágil, linda e perfumada que aguardava pelos saraus nas tardes de baile para o deleite, ou mesmo com a leitura sufocada de folhetins amorosos, como *A Moreninha* e tantos outros com finais felizes.

De conto para conto a descrição vai num crescendo. A mulher vai surgindo desembaraçada em um contexto sociologizante, em que,

*De sorte que, ao pensar em Dora e na possibilidade de fazer della a minha mulher, esmiucei, com rigor analytico, todos os elementos circunstanciaes que rodeavam aquella – para mim – vaga hypotese matrimonial. E fil-o com um raciocínio seguro, como o negociante que afere a mercadoria que vai receber.* <sup>233</sup>

As definições que os narradores de Mesquita dão para a mulher, em todo este livro, se encontram em meio a uma certeza implacável de que a mulher é, de fato um ser limitado tanto do ponto de vista físico, quanto intelectual, a quem foi dada uma vida com funções limitadas e previsíveis lugares-comuns no meio social. Essa visão contempla boa parte das descrições, pois:

*A mulher que se casa conosco traz, por via de regra, um sonho muito maior do que o nosso e muito menos exequível, o que se explica não só pela sua constituição psychica, mais cheia de*

---

<sup>231</sup> *História da morte no Ocidente.* Phillipe Ariès. p. 53.

<sup>232</sup> *Espelho das almas.* p.108.

<sup>233</sup> *Idem.* p. 134.

*imaginativa romântica, e ignorante da realidade, como ainda porque tendo vivido menos (em geral ella casa muito mais cedo e eu argumento com a hypothese mais provável da mulher mais nova do que o marido) tem ainda muito mais que esperar da vida(...)*<sup>234</sup>

*E muitas vezes, no dia seguinte, era ella que vinha dizer-lhe, com um sorriso Candido e insinuante ao mesmo tempo: Sabe? Sonhei esta noite inteirinha com você... E nunca, nunca lhe quisera contar esses sonhos... A pérfida! Hoje, por certo, repetia essa mesma farça mentirosa com o outro(...)*<sup>235</sup>

O contraponto romantismo/realismo surge no decorrer da narrativa, como se observa na simples comparação: *a doce burguezinha que eu amei casimirianamente, na flor dos meus 20 anos, (...)*<sup>236</sup> Não nos esqueçamos que Casimiro de Abreu era o poeta da saudosa infância, aquela que não volta mais, o poeta dos verdes anos, das *Primaveras*, seu único livro de poesia ultra-romântica. Além desse aspecto, toda a literatura romântica está fortemente marcada pelas reticências, as maneiras reticentes com as quais o homem deixava transparecer, já que *acertamos sempre! Concluiu Áurea, fechando o período com um beijo, que tanto poderia ser um ponto final como uma prolongada reticência (...)*<sup>237</sup>

### **4.3. Corá, ou - De Lylith a Eva: descaminhos do pecado original!**

No mesmo ano em que recebe o prêmio da Academia de Letras, por *Espelho das Almas*, 1932, José de Mesquita publica o conto *Corá*, na *Revista Nova* de São Paulo, publicação na qual já tivera outros textos veiculados. O conto, de fortes feições naturalistas traz a personificação da mulher como um enviado do demônio, uma cobra coral capaz de enfeitiçar a todos os que a rodeiam. Escolástica, a protagonista, é apresentada como uma ninfa sertaneja sedutoramente irresistível. Simbolizando todas as pecaminosas revelações que o ser humano pode desfrutar, surge na vida de um homem pacato para infernizar seu dia-a-dia.

---

<sup>234</sup> Idem. p. 141.

<sup>235</sup> Idem. p. 159.

<sup>236</sup> Idem. p. 165.

<sup>237</sup> Idem. p. 170.

O conto<sup>238</sup> traz à tona uma complexa rede de instigantes comportamentos em que a erotização e o sensualismo sobrepujam-se ao enredo linear da trama. Esta narrativa foi publicada em uma coletânea intitulada *As Selvas e o Pantanal*, no ano de 1959. José de Mesquita recebe um exemplar de seu amigo Antonio Arruda, dando ciência disso em missiva datada de 5 de dezembro de 1960, conforme transcrição abaixo:

*Arruda amigo:  
Saúde e paz a V. e aos seus. Venho acusar recebido e agradecer-lhe, cordialmente, o valioso mimo que, em sua bondade, quis enviar-me, constante do interessante livro “As Selvas e o Pantanal”, em que vem o meu conto ‘Corá’, publicado há quase 30 anos na ‘Revista Nova’.*<sup>239</sup>

Trazendo um misto de literatura, folclore e credices populares, constrói uma trama em que a cultura e a sabedoria popular se mesclam com certo grau de erudição na construção signífica de verdadeiro drama existencial.

O conjunto de representações entabulado por estas três personagens produz sentidos distintos em cada leitor. Não há aqui uma oposição entre erudito e popular, rico e pobre, homem e mulher. Pai Chico representa a sabedoria popular, cultura autêntica, mas sobre a qual repousa um esquecimento que a desvaloriza no meio social em que vive. Cora é um misto de mulher e demônio, construção metafórica repleta de simbologias, fruto de uma narrativa que comporta aspectos relevantes da história cultural, uma vez que a *história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido.*<sup>240</sup>

É o próprio CHARTIER quem afirma que

*São os grandes escritores e filósofos que afirmam com o maior grau de coerência, através das suas obras essenciais, a consciência do grupo social de que fazem parte, são eles que atingem o máximo da consciência possível do grupo social que exprimem.*<sup>241</sup>

Pai Chico, Corá e Manézinho são as personagens principais nesta obra que apresenta uma série de questionamentos de ordem social que refletem os costumes de antigamente. Se

---

<sup>238</sup> É bom lembrar que este conto ficou popularizado recentemente pela publicação na revista *Vote*, número 5, junho 2001.

<sup>239</sup> Revista da Academia Matogrossense de Letras. 1959/61 – dezembro de 1961. p. 60.

<sup>240</sup> Roger Chartier. *A história cultural – entre práticas e representações*. p. 27.

<sup>241</sup> Idem. *Ibidem*.

pensarmos que a imagem de uma serpente é forte e vibrante e que necessita de uma certa discursividade para ganhar vida <sup>242</sup>, e que:

*(...) como uma das fortes imagens da serpente é a Uroboro, a serpente que morde a própria cauda – símbolo de universo, começo e fim que se juntam, eterno retorno, vida e morte, poder-se-ia dizer que esse monstro em forma de serpente, do rio Cuiabá, mesmo que eu não queira (?) volta e meia se reencontra comigo, ou melhor, nos reencontramos. E tudo recomeça.* <sup>243</sup>

A história de amor entre Manezinho e Escolástica não é bem aceita pelo pai que conhece a fama da moça pelas redondezas. Como os casamentos eram realizados dentro da própria classe social, Manezinho não abriu mão de seu direito. Descrições de caráter naturalista que enfatizam a composição psíquica da protagonista nos sugerem uma imagem contrastante entre a opinião do pai e o desejo do filho.

*O nome dela está dizendo o que ela é – continuou, sem perturbar-se, Pai Chico. – cobra corá (...) você já botou tento em como ela anda, toda se requebrando, toda num zigue-zague, num remelexo de cobra a se arrastar no chão? E as feições dela, Manézinho? Aquilo é vê cobra corá, tal e qual (...) Os olhinhos dela, a cor da pele, muito corada, a cabeça, muito preta, curta, quase sem pescoço, o jeito de mexer (...) os dentes – já viu bem os dentes de Corá? – os de cima muito saídos, com aquelas presas (...) hum (...) pode ser que me engane, mas ali ela tem, deve ter veneno guardado!* <sup>244</sup>.

A zoomorfização, característica básica das obras naturalistas, aparece o tempo todo na tessitura do texto, identificando aspectos evolucionistas que se reforçam com as teorias da seletividade biológica em vários momentos, numa pulsão tipicamente determinista em que o meio, o momento histórico e a raça contribuem para uma leitura rígida de costumes. A visão mais que segura de que essa mulher tem

*lábias para enganar bobos. A mim é que não pega. Olhe, assim foi a mãe dela, a Batica, que hoje anda aí por esses mundos de Deus...Aquilo é de raça, é de família e não há pior desgraça para um*

---

<sup>242</sup> Segundo Bachelard, a serpente ‘desempenha um papel grande na imaginação literária. A serpente, tão inerte na representação figurada, em pintura ou em escultura, é, portanto, em primeiro lugar, uma imagem literária pura. Ela necessita da discursividade da imagem literária para que se atualizem todas as suas contradições, para que se mobilizem todos os símbolos ancestrais. A serpente – In: *A terra e os devaneios do repouso*. p. 205.

<sup>243</sup> Mário César S. Leite. *Monstros-Serpentes, mulheres: de Lilith ao Minhocão*. UNIVERSITÁRIA.

p.124.

<sup>244</sup> *As Selvas e o Pantanal*. p. 197.

*homem direito, sério, que quer trabalhar, do que topar com uma diaba dessas (...)*<sup>245</sup>

O pai, decidido a convencer o filho com seus cuidados de protetor, lança mão de um conselho do avô: *não te cases com mulher de condição superior, que te humilhe, nem inferior, que te vexa*<sup>246</sup>, assertiva que demonstra bem a estrutura rígida das famílias menos abastadas.

O texto *Corá* é de 1932, findo, portanto o período áureo das discussões darwinistas e evolucionistas. José de Mesquita, Desembargador e presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso no período, reproduzia com fidelidade em suas obras os desígnios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual se tornou sócio correspondente, a partir de 1939. Sua obra, de alguma forma se filia à construção de uma nacionalidade.

*Assim, se ao adotar o jargão evolucionista e racial essas elites letradas acabavam assumindo uma espécie de consciência do atraso, também buscavam nele respaldo para redimensionar uma discussão sobre a igualdade entre os homens e, por conseguinte, sobre critérios de cidadania.*<sup>247</sup>

O vocabulário do conto é permeado por expressões da cultura negra, que vão da feição das pessoas à culinária. Vancê, vassuncê, caruru, e outras palavras povoam a escritura de um colorido especial; a palavra carimbola, por exemplo, remonta ao descendente de europeu e índio, ou caboclo, ou seja, mestiço. São inúmeras as comparações de Escolástica com o animal peçonhento. Corá, bécora, - espécie de cobra coral, serpente, o andar coleado, serpe. Este último, muito utilizado na poética como designação de serpente, de caráter popular.

*Parte-se da convicção de que a mulher é bíblicamente condenada nas considerações, pois diz o Eclesiaste: 'Não há pior veneno do que o das serpentes, não há pior ira do que a da mulher. Seria mais agradável estar com um leão ou com um dragão do que morar com uma mulher má.'*<sup>248</sup>

A insistência do autor nas comparações ao réptil, nos faz crer que a utilização dessa denominação de caráter poético, segundo a dicionarização, nos apresenta uma característica modernista, aproximação da escrita à fala, como também traz características de poema em

---

<sup>245</sup> Idem. Ibidem. p.196.

<sup>246</sup> *As Selvas e o pantanal*. p. 197.

<sup>247</sup> Lília Moritz Schwarcz. . *O espetáculo das raças*. p. 241.

<sup>248</sup> Roberto Sicuteri. *Lylith – ou a lua negra*. p. 113.

prosa, no bom estilo de formação simbolista no esteio baudelaireano. Estamos aqui de frente com a tradição da oralidade, do contador de causos que leva adiante seu repertório de lendas, crendices e tradições, como a prosódia versátil que se espalha em meio a uma gente de antanho, com pouca tradição de escrita. E Lylith é uma lenda. A lenda da lua negra – quem tentou Eva no paraíso. *E o seu riso satânico tinha o estridulo som dos silvos das serpes, suas irmãs (...).*<sup>249</sup> A aliteração do fonema /s/ marca o ritmo dessa passagem, como em tantas outras na melhor tradição da literatura oralizada.

Segundo Hilda Gomes Dutra Magalhães, citando Lenine Povoas, *O sensualismo confere, a uma expressiva parte de sua obra, um tom dionisíaco. [...] a força literária mesquiteana, continua Povoas, estava na sede dos sentidos, ou , para dizer com mais propriedade, na mulher, que é a fonte em que ela se desaltera.*<sup>250</sup>

A importância da figura feminina em sua obra, mesmo que vista de maneira difusa, também é registrada por Magalhães, uma vez que:

*A mulher é, aliás, um tema recorrente na obra de José de Mesquita e, em geral, acha-se ligada à erotização, à dissimulação ou à santificação. [...] Outro traço característico da prosa de José de Mesquita e que nos atesta uma faceta não apolínea de sua obra é a escolha de temas ligados à psicopatia, à nevralgia herdada dos simbolistas. Do mesmo modo. Observa-se uma insistente (embora velada) transgressão à norma, um velado fascínio pelo marginal ou pelo desconhecido, o que faz com que a trama se torne atraente ao leitor.*<sup>251</sup>

A religiosidade, outra marca inconfundível do texto mesquiteano, está presente o tempo todo. A alcunha de Corá cai à personagem como uma designação popular para quem, aos olhos da população, assume um comportamento dissimulado. Seu nome nos remete a um ramo da filosofia medieval que funde as teorias aristotélicas com o dogmatismo católico. Um elevado grau de espiritualidade, seguidor das doutrinas de uma escola em arte, ciência e pensamento. A simples escolha de datas para o enlace é feita de maneira lapidar por Manezinho, certa para as tradições do catolicismo, *Será tudo que vancê diz, meu pai, mas eu é que já não vivo sem aquela mulher! Sinto ter de o contrariar; apesar do respeito que lhe devo, declaro que, domingo, peço Corá e antes do Natal ela será minha mulher (...).*<sup>252</sup>

---

<sup>249</sup> Corá. José de Mesquita. In: *As selvas e o pantanal*. p. 206.

<sup>250</sup> Hilda Gomes Dutra Magalhães. Razão e sensualismo na literatura de José de Mesquita. In: *História da Literatura de Mato Grosso*. p. 58.

<sup>251</sup> Idem. p. 61.

<sup>252</sup> *As selvas e o pantanal*. p. 198.

Domingo é dia de missa, tradicional para os católicos e natal (grafado em maiúscula por Mesquita) é a data máxima da cristandade. As relações antitéticas bem/mal, sagrado/profano e demais oposições, encontram em Corá a personificação.

Ronaldo Vainfas expõe a importância que o diálogo da história com outras disciplinas tem e que em Thompson, por exemplo, se valorizam

*A resistência social e a luta de classes em conexão com as tradições, os ritos e o cotidiano das classes populares num contexto histórico de transformação. Vem daí o apreço do autor pela antropologia, capaz de ancorar interpretações verticalizadas de ritos e comportamentos comunitários,... processos simultâneos de construção de uma identidade popular no campo cultural.*<sup>253</sup>

É preciso que o historiador, sobretudo face às novas temáticas suscitadas pela história nova, no que diz respeito *ao progresso no sentido de uma história total e o imaginário*<sup>254</sup> o encare sabendo que

*Ele deve se realizar, antes de mais nada, pela consideração de 'todos os documentos' legados pelas sociedades: o documento literário e o documento artístico, especialmente, devem ser integrados em sua explicação, sem que a especificidade desses documentos e dos desígnios humanos de que são produto seja desconhecida. Vale dizer que a dimensão – essencial – que, em grande parte, ainda falta à história é a do imaginário, essa parte do sonho que, se deslindarmos bem suas relações complexas com as outras realidades históricas, nos introduz tão longe no âmago das sociedades.*<sup>255</sup>

O jogo entre mulher carinhosa e dissimulada aparece no momento em que Manezinho precisa ausentar-se do leito pela primeira vez, por conta do trabalho. A moça fica um dia inteiro no quarto, sem se alimentar para, no dia seguinte, surgir, cheia de um apetite ambíguo.

*No outro dia apareceu, já na hora do almoço, com as feições abatidas, um tudo nada de languidez, de abandono de si mesma. Trazia um roupão vermelho, de largas listras pretas, que lhe viera no enxoval, mas que, pela primeira vez, usava. Arrastando as chinelinhas de couro, numa apatia de quem se interessava por tudo, veio, quieta e tristonha, sentar-se no batente da porta, ao lado do velho, que cachimbava, macambúzio. Esperou que saísse um vizinho, que viera falar a Pai Chico, de um milho que queria comprar mesmo*

---

<sup>253</sup> Ronaldo Vainfas. História das Mentalidades e História Cultural. In: *Domínios da História*. p. 157.

<sup>254</sup> Lê Goff. In|: as tarefas da nova história – *A História Nova*. p. 55.

<sup>255</sup> Op. Cit. p. 55.

*em espiga, e propôs ao sogro pôr a mesa no terreiro para almoçarem juntos.*<sup>256</sup>

O que acontece com Pai Chico parece-me encontrar eco na problemática da castração. A relação de oposição entre o castrado e o não-castrado pode ser edificada a partir da comparação antagônica de bem e mal, bem como todas as categorizações de ordem antitética.

*A castração, no entanto, é compreendida como uma ‘punição’, e só será generalizada como uma característica do sexo feminino com a descoberta de que apenas as mulheres podem parir. O menino deixa de atribuir, dessa forma, um pênis à mãe.*

*Esse ponto exige uma atenção especial, pois Freud implica o afalicismo materno na problemática da castração, implicação esta que fora explicitada em “A Cabeça de Medusa” (1922): o terror à Medusa é relacionado ao terror à castração, mais precisamente à visão dos genitais da mãe, ou seja, à castração materna. Esse tema será retomado também no texto ‘Fetichismo’ (1927), articulando o fetiche a uma substituição do falo materno, causado pela recusa ou desmentido do sujeito de perceber a falta do pênis materno, que remete à sua própria castração. Como mencionado anteriormente, esse termo será o centro da teoria psicanalítica das perversões.*<sup>257</sup>

Observa-se a intenção do autor em construir uma imagem da mulher sob o prisma contraditório e paradoxal da sua existência. O tudo/nada a que se refere à descrição de sua indumentária, que mais parece o próprio couro da cobra, o fato de usá-lo pela primeira vez, induzindo o leitor a perceber a dissimulação de Escolástica na ausência do marido, as chinelinhas de couro que arrastava, analogia com o andar rastejante dos répteis, a apatia e languidez, bem como outras colocações anteriores que vão ganhando significação.

Corá é morena clara, e como tal, à luz das teorias científicas do final do século XIX, é considerada inferior, mais fraca que as matrizes branca e negra, viés naturalista bem explorado ao longo do texto. Na linha direta da mulher realista/naturalista, demarcada por Flaubert, Zola, Eça de Queirós e Machado de Assis, dentre tantos outros, a personagem de Mesquita se revela cruel e sedutora, maligna e brincalhona, desrespeitando a honradez do homem, do ‘macho’, em uma sociedade que se pretende tradicional e conservadora: a Cuiabá de antanho.

---

<sup>256</sup> *As selvas e o pantanal*. p. 199.

<sup>257</sup> Ana Laura Prattes. Op. Cit. p. 3

O perfil de Corá se define por características ambíguas, por uma dissimulação exagerada, a exemplo de Nana, personagem de Zola. É RAGO quem nos apresenta a visão da *femme fatale*:

*Nesse contexto, a 'mulher fatal' é produzida na literatura como alguém dotada de uma super sexualidade, como uma figura perigosa, noturna, má, bela e sedutora, primado do instinto sobre a razão, e, portanto, ameaçadora para a civilização. Esta figura, que deseja a ruína de todos os homens, mesmo dos que poderia amar, invade o imaginário dos poetas, pintores, artistas, assim como dos médicos, juristas, criminologistas do período. Certamente, a 'mulher fatal' não nasce nesta segunda metade do século, mas torna-se uma figura relevante, um tipo de destaque, contracenando com o herói obscuro, vitimizado, inferior, minimizado pela sua força malevolente.*<sup>258</sup>

Esse retrato, essa representação, faz parte de um ramo da historiografia – a história cultural, que:

*(...) tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço a ser decifrado.*<sup>259</sup>

Os romances sugeridos pelo narrador de *Corá*, colocam a protagonista na linha direta da linguagem sígnica estudada por Deleuze, a partir da obra de Proust.<sup>260</sup>

Por trás da teia discursiva, do emaranhado de situações a que o leitor é direcionado, percebe-se a substituição de um signo por outro, sobrepondo mundos e situações distintas.

*O verossímil narrativo deriva aqui de um modelo muito conhecido. O da história contada, ou da história dentro da história: o narrador está dentro da história (pois corteja Mme de Rochefide) e fora dela (pois ele a conta). A história contada retira uma verossimilhança aumentada do fato de que ela suprime – ou parece suprimir – o*

---

<sup>258</sup> RAGO, op. cit. p.15.

<sup>259</sup> Roger Chartier. Introdução. In: *A História Cultural – entre práticas e representações*. p. 16/17.

<sup>260</sup> Gilles Deleuze *Proust e os signos*.

*artifício de um contato puramente cultural entre um “autor” e um “leitor”, entidades muito marcadas pela instituição literária.(...) certas línguas, como se sabe, comportam um modo testemunhal e que têm a vantagem de afastar de um golpe o artifício da narração anônima, impressa, restaurando assim a lembrança, um pouco nostálgica, ao que parece, de uma literatura oral: a história imita a história, a escrita a fala, mais “verdadeira” que ela, como se a boca fosse um órgão mais natural que a mão.*<sup>261</sup>

Corá, Manezinho e Pai Chico, personagens de Mesquita, são expostos ao leitor como vértices de um triângulo que se pretende trágico, reproduzindo modelos em que a mulher é vista como símbolo de desgraça. Todas as descrições da personagem são cuidadosamente feitas de maneira a compará-la com o réptil. Uma série de signos é colocada pelo narrador a serviço do leitor, para que se crie dentro de sua onisciência um caminho que o conduza a um final trágico. O leitor vagarosamente é conduzido a esse raciocínio. Da habilidade do narrador depende o sucesso da empreitada, como relata de maneira excepcional Walter Benjamin:

*A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos[...] A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. ‘Quem viaja tem muito que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.*<sup>262</sup>

Em *Corá*, José de Mesquita nos apresenta um narrador que conduz o leitor, com bastante maestria e inventividade, a um espaço/tempo repleto de situações instigantes. *A esse respeito afirma o próprio autor que prefere, na prosa, os ‘temas de introspecção e psicanálise, sobretudo feminina’, por achar que a mulher é o ‘melhor campo de experimentação artística’, só comparável aos ‘estudos de costumes.*<sup>263</sup>

Com a psicanálise muito em voga na literatura produzida no início do século XX, a literatura mato-grossense também apresenta-se em dia com os modismos artísticos. Calasans Falcon, em artigo sobre a questão da representação, cita Castoriadis e Durand, para explicar o imaginário social e suas representações. Com relação ao primeiro, diz que:

---

<sup>261</sup> Roland Barthes. *Masculino, Feminino, Neutro*. p. 9.

<sup>262</sup> Walter Benjamin. O narrador. In: *Obras Escolhidas*. Vol. 2. p. 198.

<sup>263</sup> Hilda Gomes Dutra Magalhães. *Op cit*. p. 64.

*A partir da leitura de alguns dos textos mais conhecidos desse autor, filósofo e psicanalista acerca do imaginário, percebe-se que seu ponto de partida é a polaridade irreduzível entre psique e sociedade. A psique se torna indivíduo em decorrência de um processo de socialização (atividade social) que acessa um mundo de significações imaginárias sociais já existentes e instituídas social e historicamente. O social-histórico é um 'nível de ser', coletivo anônimo, cujo 'modo de ser' se apresenta como imaginário radical 'criador e instituidor de significações'.<sup>264</sup>*

Mesquita insere no texto uma trova em que se percebe, na melhor formatação das cantigas de antanho, compostas em redondilhas maiores, a temática envolvente e fascinante do conto, adorada por Corá: “A mulher é como a cobra, / Vem quando menos se quer (...) / Quem não tem corpo fechado / Ai! Cuidado! / Não se chegue com mulher (...) /”. Sem a idealização romântica, despida dos trejeitos líricos, a mulher, em *Corá*, se apresenta, não raro, dissimulada, numa conformação realista/naturalista. o que a aproxima da figura da medusa, elemento mitológico representado pelas três górgonas que dialoga com a idéia do pecado original, paralelo fundamental de acordo com a formação intelectual de José de Mesquita.

A morte de Corá se dá em função da dissimulação que fez de pai Chico um assassino. Se na escrita de Crimes célebres José de Mesquita incorpora a visão de que o álcool é o principal fator na geração de crimes por parte de pessoas de classes sociais mais baixas, em *Corá* isso não ocorre. Aqui nos parece mais aceitável a tese de que a miscigenação, aos olhos de MESQUITA seria a responsável pelo desequilíbrio. Conforme MACHADO FILHO,

*Se a bebida, ou melhor, a embriaguez era a responsável pela ocorrência da maioria dos crimes praticados por indivíduos da “infima” classe, havia outros fatores, também considerados unanimidades nos relatórios dos presidentes da província, que agravavam ainda mais o quadro: a falta de instrução moral e religiosa e a ociosidade em que supostamente viva a população.<sup>265</sup>*

A observação de MACHADO FILHO encaixa-se muito bem na conformação da personagem Pai Chico. Homem do interior, sertanejo, mestiço, pobre, reprodutor da cultura negra em contraste com a branca. A escatologia dentro da literatura européia de caráter medievo, nos lembra DUBY que:

---

<sup>264</sup> Francisco Calasans Falcon. História e Representação. In: *Representações – contribuição para um debate interdisciplinar*. p. 53.

<sup>265</sup> Oswaldo Machado Filho. Op. Cit. p. 140.

*Em primeiro lugar no 'Livre dès dix chapitres', (...) Marbode (...) tratando 'Da prostituta', desenhara em noventa versos, vigorosamente forjados, um pavoroso perfil da mulher. Ela já era mostrada como inimiga do 'gênero masculino', estendendo suas redes por todo lado, suscitando escândalos, rixas, sedições. Traidora – era Eva: 'Quem convenceu a provar do que era proibido?' – briguenta, avara, leviana, ciumenta, e, por fim, encimando esse elenco de ruindades, ventre voraz. Marbode retomava aqui a imagem de quimera antiga: uma cabeça, a do leão, meduséia, carnicheira; uma cauda, a do dragão, viscosa, semeando a morte, a danação. Mas, entre as duas, ele não colocava um corpo de cabra, colocava uma fornalha, nada mais.*<sup>266</sup>

A construção desse perfil diabólico da mulher tem em Mesquita mera reprodução do que se vê ao longo da literatura e história do ocidente. Verdadeiro arquétipo essa medusa enfeitiçadora correu mundos e fronteiras as mais diversas trazendo no olhar toda essa dicotômica atuação no convívio familiar.

*Essa ambigüidade fundamental da mulher que dá a vida e anuncia a morte foi sentida ao longo dos séculos, e especialmente expressa pelo culto das deusas-mães. A terra mãe é o ventre nutridor, mas também o reino dos mortos sob o solo ou na água profunda. É cálice de vida e de morte.*<sup>267</sup>

DELUMEAU esclarece para o leitor leigo uma série de ações produzidas a fim de conter o desregramento feminino e sua insubmissão. Lembrar da relação próxima das mulheres com a feitiçaria é apenas um desses aspectos. E o faz, a exemplo de MICHELET, com muita propriedade. Como no fragmento em que demonstra, via Jean Bodin, os defeitos essenciais que levam a mulher para a feitiçaria, senão vejamos:

*Sua credulidade, sua curiosidade, seu natural mas impressionável que o do homem, sua maldade maior, sua presteza em vingar-se, a facilidade com que se desespera e, afinal, sua tagarelice. (...) em seus ditos peremptórios enfoca as asserções de três altas ciências: a teologia, a medicina e o direito.*<sup>268</sup>

O retrato descrito por DELUMEAU fica ainda mais nítido com outra passagem. O pensador francês nos leva a um passeio pela demoniologia da idade média quando faz referência à associação da mulher com os pecados capitais, através de iconografia parisiense do século XVI. Na referida pintura, DELUMEAU indica que:

<sup>266</sup> Georges Duby. *Eva e os padres*. p. 17.

<sup>267</sup> Jean Delumeau. *A história do medo no ocidente*. p. 312.

<sup>268</sup> Jean Delumeau. *Op. Cit.* p. 336.

*Apenas a avareza é figurada no masculino (um homem contando seu ouro). Os seis outros vícios são atribuídos ao outro sexo. A gula é uma mulher sentada à mesa e que vomita, a luxúria é Vênus acompanhada por um amor. A preguiça é simbolizada por uma mulher dormindo sobre a palha perto de um asno; a ira pela assassina de uma criança – e atrás dela arde uma cidade. O orgulho por uma aristocrata ricamente adronada olhando-se num espelho, com um pavão, a seu lado. A inveja por uma velha feia e nua, mordida por serpentes. No segundo plano, o artista colocou o diabo e evocou o juízo final.*<sup>269</sup>

#### 4.4. As cadeirinhas de antanho

Buscar um entendimento do tecido social através da interpretação de todo e qualquer monumento é, no rastro do pensamento de LE GOFF,<sup>270</sup> abrir espaço para um grau de subjetividade que encontra outros caminhos na análise monumental. A valorização do conhecimento lingüístico, independente da natureza narrativa, confere ao texto/documento o *satus* de manancial sobre o qual, o mergulho do historiador/pesquisador trará como produto um novo substrato que categorize as informações transformando-as em historiografia.

Em *No Tempo da cadeirinha*,<sup>271</sup> o grau de erudição de MESQUITA se faz perceber em qualquer de seus escritos. Os contos que foram publicados isoladamente no período de 1932 a 1945, agrupados em volume único reconstroem o imaginário social ao longo do século XIX, à luz da tradição folclórica e cultural da província de Mato Grosso. Logo no primeiro conto, *O Salamaleque de Pai João* encontramos uma descrição do ambiente:

*A Vila real do Bom Jesus pompeava o esplendor dos seus grandes dias festivos, a fim de receber, com as honras devidas à fama que o precedia, o oitavo governador da capitania, João Carlos Augusto d'Oyenhausem Grevenburg. (...) as festas que se projectavam, com luminárias durante três noites, carros de alegoria, representações teatrais e cavalhadas. Isto só pela parte profana, sem falar nas grandes solenidades religiosas – deveriam marcar época na memória dos moradores: da vila e das cercanias.*<sup>272</sup>

---

<sup>269</sup> Idem. p. 346.

<sup>270</sup> Documento/monumento. *História e Memória*.

<sup>271</sup> Terceiro livro de contos de Mesquita, publicado em 1946, em Curitiba, onde reúnem-se quatorze contos publicados anteriormente nas revistas da Academia, como também em demais publicações nacionais com as quais contribuía, sistematicamente.

<sup>272</sup> *No tempo da cadeirinha*. p. 9 e 10.

Na tarefa de reconstruir pela arte o universo temático do século XIX, MESQUITA pareceu pertencer a um grupo de pensadores preocupados com um tipo de registro cultural atrelado aos interesses da elite. Lloyds Kammer, a respeito da imaginação histórica lembra

*Como White e La Capra salientaram reiteradamente a seus colegas (algumas vezes hostis ou indiferentes), a tendência da história de manter-se situada dentro de paradigmas literários e científicos que datam do século XIX, enquanto a literatura e a ciência já há muito tempo deixara para trás essas fases iniciais de seu desenvolvimento.*<sup>273</sup>

Através do fragmento podemos captar a estrutura sócio-econômico-cultural de uma comunidade. Seus usos e costumes, hábitos e vícios, numa mescla de sagrado/profano, o que pode metonimicamente refletir a constituição de tal tecido social.

*Entrara a quaresma e, como de costume, saía todas as sextas-feiras a 'encomendação das almas'. Alta noite, pelas ruas silenciosas e escuras da cidade colonial, ouvia-se, ao som cavo e plangente do rabecão, a voz soturna do 'tirador de reza', a imprecar, a espaços, as orações dos vivos pelos que, no chão frio das igrejas, dormiam o sono de que não se acorda.*<sup>274</sup>

O hábito de se enterrar as pessoas nas igrejas perdurou por muito tempo em Mato Grosso<sup>275</sup>, até que no dia 03 de agosto de 1802, Caetano Pinto de Miranda Montenegro manda publicar as disposições de Carta Régia de 11 de janeiro de 1801, proibindo que se enterrassem corpos quer fossem em igrejas, quer em capelas. MENDONÇA nos adverte que aqui a obediência ao que dizia a C.R. não foi tão bem cumprida como em outras unidades do Império; sobretudo por intransigência de algumas irmandades.

As confrarias católicas que eram as responsáveis pelo controle das irmandades assumiam diversos encargos dentro dos rituais em que se homenageavam santos em devoções. João José Reis, informa que elas

*Além de regularem a administração das irmandades, os compromissos estabeleciam a condição social ou racial exigida dos sócios, seus deveres e direitos. Entre os deveres estavam o bom comportamento e a devoção católica, o pagamento de anuidades, a participação as cerimônias civis e religiosas da irmandade. Em troca, os irmãos tinham direito à assistência médica e jurídica, ao socorro em momento de crise financeira, em alguns casos ajuda para a compra de alforria e, muito especialmente, direito a enterro*

---

<sup>273</sup> Lloyds Krammer. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. In: *A nova história cultural*. p. 134.

<sup>274</sup> A encomendação das almas. *Tempo da cadeirinha*. p. 17.

<sup>275</sup> Estevão de Mendonça. *Datas Mato-grossenses*. p. 70.

*decente para si e membros da família, com acompanhamento de irmãos e irmãs de confraria, e sepultura na capela da irmandade.*<sup>276</sup>

Em Tibanaré, o romance frustrado de Rodrigo e Umbelina nos é apresentado de maneira trágica: a separação por interferência do pai fez com que o jovem apaixonado fosse

*Segui-lo e, apesar dos conselhos maternos arranhou um bom animal, uma boa garrucha e partiu. Dias depois voltava, a pé, sem arma, quebrada a coragem que antes lhe fuzilou. No ardido olhar morreram-lhe o coração ao saber, em chegando à terra, que Umbelina casara com um primo, rico, 'senhor de engenho' e três vezes mais velho do que ela.*<sup>277</sup>

Nesse mesmo conto, MESQUITA nos lembra a influência da passagem de Langsdorff na assimilação de danças como a *prussiana* em substituição ao *passapiê* e ao *minueto*. Em A volta da tropa, na personagem de Dona Luisa se percebe toda a força de uma mulher centralizadora que tratava dos seus iguais com fineza e ela, inflexível com os que, por qualquer motivo, discrepavam da linha do dever *tornando-se mesmo rude e áspera de maneiras quando se lhe antolhava discorrer qualquer deslize de seus apaniguados.*<sup>278</sup>

*No que diz respeito à maciça emigração masculina ocorrida a partir do século XVIII, teria ela acentuado o papel das mulheres como fonte de auxílio, tanto na agricultura como em outras atividades, possibilitando, de um lado, a auto-suficiência econômica dessas mulheres, e, de outro, um certo relaxamento dos costumes e da moral.*<sup>279</sup>

A disciplinarização da família era um dos objetivos da parceria Igreja/Estado, sendo fundamental para que essas instituições funcionassem sem correr riscos de se perder o controle.

Em A promessa de João Gualberto, outro conto da edição, por conta de uma promessa João Gualberto tem de casar-se com a jovem Maria Amélia, de apenas 13 anos de idade; a promessa tem que ser cumprida, uma vez que a moça sobreviveu ao estado febril em que se encontrava. Tal qual a *Inocência*, de TAUNAY, a jovem prostrara-se ao leito por dissabores afetivos; recusa-se a melhorar. A personagem de MESQUITA sobrevive, ao contrário da de TAUNAY e o casamento pode se realizar. Sendo de bom grado à família e nos moldes da

---

<sup>276</sup> José Carlos Reis. *A morte é uma festa*. p.50.

<sup>277</sup> In: *Revista de Cultura*. Nº 224-228. 1945. p.115.

<sup>278</sup> *No tempo da cadeirinha*: p. 30.

<sup>279</sup> Maria Adenir Peraro. *Bastardos do Império*. p. 71.

Igreja e da lei, esse casal disciplinado, essa família responsável, eram inteiramente subordinados à figura do pai.<sup>280</sup>

Alexandrina, filha de Carmelino e Dona Rosa, em O Drama do arrombado tinha nos pais um foco difuso do padrão da época. O pai, pedreiro livre, a mãe, religiosa. Com a morte precoce do pai,

*Alexandrina, toda de preto, foi levada para a escola, como interna. Tinha então nove anos e era uma pequena raquítica, enfezadinha e feiosa. Pouco mais sabia que a cartilha e o b-a-ba. (...) sustinha-a, porém, o receio de que Alexandrina, em casa, pudesse fazer coro com a maledicência, suspeitar de suas relações com o Pedroso, perder o respeito que lhe devia, diminuindo assim a autoridade que pretendia exercer sobre a filha.*<sup>281</sup>

A revelação de que Xandoca e Álvaro são irmãos traz à tona, mais uma vez a temática do incesto. É no conto que encerra a obra, As flores de Sinhá Custódia, dedicado a Dona Maria Müller, que MESQUITA repousa seu olhar sobre a tradição, desde o intróito:

*Quem, há um século atrás, nesta cidade do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, não conhecia a formosa dona custódia Maria de Santa Cruz, filha do sargento-mór Antonio Joaquim Moreira Serra, senhor do engenho 'Santo Antonio', e esposa do capitão José Ramos e Costa, homem de negócios, dono de lavras e possuidor de numerosa escravatura.*<sup>282</sup>

Filha de sargento-mór, casada com um capitão, o primeiro, senhor de engenho, o segundo, homem de negócios, repleto de escravaria e, portanto, terras, sinônimos de poder. A moça, desde cedo já encantava a todos e

*Aos quinze anos era o ai Jesus da terra, o feitiço dos rapazes e dos velhos, quando, na sua cadeirinha tirada por dois possantes negros do engenho passava, toda em sedas, faiscante de jóias, pelas ruas de Cuiabá colonial, radiosa e petulante, como rainha cônica do seu poder sem se dignar lançar a esmola de um olhar aos que lhe mendigavam, das esquinas ou das janelas, a graça misericordiosa da mais ligeira atenção.*<sup>283</sup>

---

<sup>280</sup> Idem. p.120.

<sup>281</sup> O Drama do Arrombado. *No tempo da cadeirinha*. p. 46/47.

<sup>282</sup> *No tempo da cadeirinha*. p. 131.

<sup>283</sup> Idem. p. 133.

Custódia acaba escravizada por um casamento infeliz que tem como pano de fundo o governo de Magessi.<sup>284</sup> O endividamento da província e a pobreza da população eram comuns na sociedade de então. Todo o espaço antagônico rico VERSUS pobre, branco VERSUS negro, moderno VERSUS antigo, nos remete a juízos de valor que, não raro nos fazem refêns de teorias superpostas, ou divergentes. Ao tomarmos esta ou aquela personagem como representativa de parcela da comunidade, nos utilizamos de um tropo de contigüidade, a metonímia o que nos cobra um cuidado especial. As relações autor/atores sociais, texto/contexto são relações que devem ser compreendidas como relações textuais.

*Evitaríamos, assim, os riscos da racionalização do personagem, ou seja, de seu aprisionamento numa identidade racial de teor essencialista e que, ao final, mais explica o que já se pretende saber a priori do que permite compreender e refletir sobre uma experiência de vida passada e seus possíveis diálogos com o nosso presente.*<sup>285</sup>

#### **4.5. Entre o Caminho de Damasco e a natal do comunista!**

A obra de José de Mesquita é, qualitativa, como quantitativamente falando significativa. O que se percebe é que o volume de publicações, o conjunto de textos publicados ao longo de quase 50 anos produziu um discurso em que o caráter dogmático de sua formação religiosa comandou a diegese textual. Conteúdo e forma; discurso e metalinguagem.

O homem que, em 1933 recebe a condecoração do papa Pio XI, com a comenda de São Silvestre, por serviços prestados à ação católica,<sup>286</sup> reproduz a construção discursiva em que:

*Triunphava o amor sobre o ódio, o perdão sobre a violência, Jesus de Nazareth sobre o torvo e sinistro Karl Marx...e o natal do comunista, em vez de tingir-se de sangue e recair-se de lagrimas, foi uma alvorada de preces e de bençãos, no lar de SergioPetrovich Sovaroff.*<sup>287</sup>

---

<sup>284</sup> Francisco de Paula Magessi de Carvalho sucede a Oeynhausien por nomeação em Carta Régia de 7 de julho de 1817, assumindo o governo a 6 de janeiro de 1819. Foi o responsável pela transferência da capital de Vila Bela da Santíssima Trindade para Cuiabá. Ver mais em Elisabeth Madureira Siqueira. Op. Cit. p. 74.

<sup>285</sup> Célia Maria Marinho de Azevedo. *A nova história intelectual de Dominick La Capra e a noção de raça.* p. 134.

<sup>286</sup> Clóvis de Mello. O centenário de José de Mesquita, fundador da Academia Mato-grossense de Letras. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. p. 1

<sup>287</sup> O natal do comunista. In: *Revista de Cultura*. Volume XIX. p. 212.

Ora, é preciso aplicar-se aqui um corretivo. O papa Pio XI teve lá o seu lado moderno, uma vez que:

*O pontífice declarou abertamente que era impossível falar do problema racial sem tomar em consideração a religião e a filosofia.*

*Ouvindo o discurso de Pio XI sentia-se a impressão de que sua santidade desejava esclarecer qualquer falsa interpretação dada pela imprensa mundial a suas anteriores declarações sobre nacionalismo extremado.*<sup>288</sup>

O que nos parece, depois de tantas leituras, de mastigação de tantos pseudônimos, é que José de Mesquita, neste caso, Hélio Maia, é uma pessoa que confunde um pouco alguns conceitos básicos, utilizando analogias pouco trabalhadas para se produzir um raciocínio mais elaborado. Isto fica claro quando diz que: *Na Alemanha, o nazismo se opõe ao comunismo, mas faz obra comunista, perseguindo a igreja – bella advertência aos católicos, ou melhor, aos crentes em geral!*<sup>289</sup>

Em o que é um Romance católico<sup>290</sup>, artigo publicado no mesmo ano em que MESQUITA recebe a condecoração do papa, observamos a relação aceita entre o romancista e o leitor, pelo filtro cristão da recepção literária. Para DURÃO:

*O romancista devendo basear-se na vida, não pode omitir a pintura do mal; não deve, porém, fazê-lo de modo provocante. Como procederá? Norma difícil, mas não impossível. (...) onde começa o excesso inútil da análise passional? Onde, a secreta indulgência que vai lisongear as inclinações sensuais do leitor? Onde, o pormenor que, sem nada acrescentar ao valor da descrição, lhe pode desvirtuar o sentido? Contudo, em vez de teoria há sempre uma norma prática excelente. A consciência delicada do artista, o respeito sincero das almas de seus leitores, uma espécie de instinto da consciência cristã.*

*Com tais disposições poderemos deixá-lo pintar a vida; e nem por isso acharemos em suas obras obscenidades nefandas, pinturas desinvoltas ou pormenores revoltantes.*<sup>291</sup>

Este discurso está incorporado na *Ação Católica* que coordena publicações como por exemplo o jornal *A Cruz*, dirigido por MESQUITA por duas décadas. Braço religioso e intelectual de combate ao trabalho das milícias populares, como todo o levante comunista, avançava na profanação do poder instituído pela clerezia e as oligarquias de caráter

<sup>288</sup> O santo padre e o racismo. Anônimo. In: *O Liceu*. Outubro de 1938. Sem número de página.

<sup>289</sup> Duas Tiras. Hélio Maia. In: *O Liceu*. Junho 1937. Sem número de página.

<sup>290</sup> Paulo Durão. *Revista de Cultura* – Ano VII – 1933. p. 92.

<sup>291</sup> Idem. *Ibidem*.

latifundiário, leia-se a *intelligentsia* dominante. Pensar a salvação da alma como ruptura do livre arbítrio em função da reprodução das forças irmanadas no poder é algo que não nos cabe associar.

Pensar no comunismo como algo diametralmente oposto à salvação das almas, como se capitalismo e socialismo fossem dignatários da última batalha terrena em busca da metáfora da salvação é assumir a maçã, a serpente e a vida sexual ativa como amostras de um inferno espiritual em que o materialismo dialético fosse confinado ao onanismo espiritual: *decifra-me ou devoro-te*.

A capacidade que MESQUITA tem de dogmatizar o itinerário de seus personagens, de se predispor a um discurso em que o objetivo maior passa a ser a conjecturação de toda uma movimentação ideológica de suas crias, a brincadeira de ser Deus e manipular livremente os personagens toma conta de seu inquieto e perscrutador espírito de escritor.

Em *O Caminho de Damasco*, a amizade de Amaral e Mendonça, separados pelo tempo e espaço há um bom tempo, volta a se firmar por conta de um insuperável reencontro. Após anos de um sumiço de ambos, um no campo, outro na cidade, a tranqüilidade e fluidez do encontro produzem contrastes. Percebe-se um lugar comum na literatura de MESQUITA. As amarrações temáticas a datas típicas do calendário religioso. Aqui, estão em evidência os festejos de São João.<sup>292</sup> Toda a analogia com a conversão de Saulo, aliás, Paulo, rumo a Damasco, tem uma componente profana com a situação em que se encontra Mendonça.

MESQUITA produz uma literatura de caráter prosaico, da qual se aproveita uma leitura espetacular dos usos e costumes, do trivial, do malemolente discurso romântico que tapa com peneira de furos grandes as disparidades de caráter sócio-econômico-cultural. Ler a prosa mesquiteana é, sem embargo, mergulhar em um pântano selvagem, mangue de conflitos e obliterações, região de areia movediça da qual o viés psicanalítico e a vertente sócio-positivista do pensamento natural seja apenas aspas, raspas de um circunlóquio ornamentado pelo credo religioso.

O romance *Piedade* não foge a esse padrão. Não há novidade alguma para o leitor já acostumado com referências a amores entre primos, o culto à morte em tenra idade, a suposta democracia racial e um panorama folclórico da sociedade cuiabana. O sofrimento amoroso,

---

<sup>292</sup> Os festejos de São João têm particularidades em todo o mundo cristão. Em seu clássico *O Grande Massacre de Gatos*, Robert Darnton nos lembra que *Os gatos também figuram no ciclo de São João Batista, que ocorria a 24 de junho, na ocasião do solstício de verão. Multidões faziam fogueiras, pulavam sobre elas, dançavam em torno e atiravam dentro objetos com poder mágico, na esperança de evitar desastres e conseguir boa sorte durante o resto do ano. Um objeto favorito eram os gatos – gatos amarrados dentro de sacos, gatos suspensos em cordas, ou gatos queimados em postes. Os parisienses gostavam de incinerar sacos cheios de gatos, enquanto os Courimauds (caçadores de gatos) de Saint Chamond preferiam correr atrás de um gato em chamas, pelas ruas. (vide bibliografia) p. 114.*

as doenças respiratórias e preocupações com a ancestralidade e vida eterna sucumbem à mesmice do período.

Também no romance *Piedade* as referências arditas estão presentes. *Tinha para si o Machiavel de saias, Talleyrand aperfeiçoado pela astúcia atávica de Eva* <sup>293</sup>. As referências homéricas continuam a aparecer: “si possível fosse repartir-se a fatal Helena, numa outra que reunisse os trinta pontos da formosura integral recapitulados pelo conígero, estou – e você, também, leitor – que nós lhe preferíamos qualquer moreninha picante, mas graciosa, de nossa intimidade”. <sup>294</sup>

Em artigo dedicado a Alberto Rangel, sob o título *Predestinação*, Mesquita faz algumas considerações interessantes sobre a mulher:

*Já observaste, leitor, que não há cousa para nos pôr alegres e de bom humor como um sorriso de mulher bonita, quando se percebe dado com certo ar de preferência, de carinho, ou de intimidade? [...] – Há dellas muitas que sorriem, sempre, a toda hora e por qualquer motivo e até mesmo sem motivo. Segredou-me o demoniozinho inimigo das mulheres, que vive num apartamento do meu cérebro.* <sup>295</sup>

No mesmo artigo, algumas páginas a frente, ele afirma que *Queria achar era um amor e uma mulher, reunidos, e não ter de me dar ao luxo de possuir uma mulher para uso externo ou social, e outra ou outras para satisfação da alma e dos sentidos.* <sup>296</sup> A visão que Mesquita tinha das mulheres não é de todo desconhecida. É típica do comportamento masculino de sua época, carimbada e rotulada em publicações de norte a sul do Brasil. Visão essa extrapolada em publicações as mais variadas, como na própria *Revista do Centro Acadêmico Onze de Agosto*, com a qual Mesquita muito colaborou. Em artigo intitulado *Da mulher e o seu Culto*, sem assinatura, lê-se o discurso em que:

*A mulher é anjo, deusa; (...) não é um ser biológico como nós outros os homens, mas uma entidade toda espírito, ideal, vagando erradia na imperfeição contingente do universo... Não há poetaastro iniciante que apenas na florescência da puberdade, não haja dedilhado todas as cordas dos sentimentos na exaltação da beldade. [...] não concordamos com Platão, com Santo Agostinho, com Erasmo, com Schopenhauer. – a mulher não é um animal irracional, nem invenção*

---

<sup>293</sup> *Piedade*. p. 47.

<sup>294</sup> *Idem*. p. 53.

<sup>295</sup> *Revista da Academia Mato-grossense de Letras* 1936/37. Ano IV – nº VII e VIII. p. 47.

<sup>296</sup> *Idem*. p. 52.

*do diabo; bastante frívola e doidivas, não é, entretanto, criação da loucura.*<sup>297</sup>

O papel da mulher na decadente sociedade patriarcal, redimensionado pelo regime republicano, em nada contribuiu para destacar os aspectos inteligíveis dessas senhoras. A elas o espaço do lar, a continuação da educação dos filhos, como professora e o espaço por excelência de amor ao próximo, a beatificação do discurso filantrópico nas barbas da Igreja. Ao olhar de uma medusa, somente o espelho protege.

Machado de Assis, Epicuro, Renan, Jackson de Figueiredo, Austregésilo de Athaide, Afonso Arinos, Euclides da Cunha, Taine, Eça de Queirós, Erasmo de Rotterdam, Proust, enfim, uma enumeração gigantesca de influências estão registradas na vida e obra de José de Mesquita. Na galeria de tipos que criou defendeu a idéia implícita de ser o escritor um modelador de almas. O caráter doutrinário de sua literatura por si já mostra essa intenção.

*Mo-de-la-dor de almas... –syllabou Theophilo. Que linda expressão! Como você sabe definir as cousas! O artista, realmente, trabalha como um esculptor. Modela. Faz maquettes às vezes, esboços que ficam tão somente nisso. Outras vezes, sae a obra perfeita e acabada, filha de uma inspiração divina, que arranca ao seu auctor o “parla, dunque” du genial italiano... e que prazer para nós, o sentir que os nossos “modelos” vivem muito mais do que os polichinellos que elles copiavam...*<sup>298</sup>

---

<sup>297</sup> *O Onze*. Julho/agosto – 1916. p. 80 a 83.

<sup>298</sup> *A Cruz*. Nº 1397. p.2.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após longo itinerário de uma viagem que não acaba nunca, é chegada a hora de se pôr um ponto final; repensar a utilização de fontes, as escolhas e as desistências ao longo da jornada. Por termos escolhido uma temática ampla, *a representação da mulher na obra de José de Mesquita*, nos deparamos com uma infinidade de possibilidades e um conjunto de obras riquíssimo, quer seja do ponto de vista literário, jornalístico, historiográfico, jurídico ou memorialista.

Ao optarmos por uma descrição do ambiente de sua formação, pudemos claramente estabelecer áreas de contato entre a sua formação acadêmica e a prospecção religiosa, que emerge do fundo de sua escrita. Durante todo o percurso buscamos não nos afastar do conceito foucaultiano de que *tudo é discurso*, o que nos facilitou manobrar conceitos em meio a construções de caráter hegemônico e utilitário.

José de Mesquita reinou nos movimentos agremiativos de que fez parte e contribuiu solidamente para a construção de um patrimônio entre as letras, área em que atuou dando suporte ao discurso das elites dominantes que se manifestavam de várias formas na organização social e cultural. Nessa trajetória, a mulher esteve sempre presente, quer seja como devota na corte do quase reinol Dom Aquino Corrêa, em que o papel de beata dignifica a mulher cristã, quer seja como professora – atividade, para ele, das mais dignas para a mulher branca e rica da elite cuiabana; e obviamente, como mãe, no melhor estilo de uma matriarca da literatura brasileira, como Júlia Lopes, com a qual a cuiabania dialogou por bom tempo nas páginas de *A Violeta*.

Enxergar as relações entre Mesquita e Michelet e não ter condições de avançar nessa proximidade por uma questão de tempo nos fez repensar as dimensões do ideário romântico de base iluminista; acreditamos estar tudo por um fio, o fio da espada, lâmina que sangra a historiografia com brasões de todas as cores, e ferros em brasa que açucaram a carne negra, como os disparos de arma de fogo atraindo os índios para ciladas. Todas as culturas estão aí, como curiosidades no balcão antropofágico do Mato Grosso.

Pensar questões pertinentes à raça, etnia e religiosidade, dentro de um percurso que pretenda discutir a história cultural, é refletir sobre vários aspectos relevantes da cultura brasileira. Um país mestiço como o nosso, fruto de um caldeamento de fenótipos

que vai da matriz indígena à branca, acrescido da contribuição de ascendência afro, permite uma leitura ampla que caracteriza nossa diversidade cultural.

A relação de José de Mesquita com o Centro Mato-grossense de Letras, posteriormente transformado em Academia Mato-grossense de Letras, pode ser comparada, guardadas as devidas proporções, com a de Machado de Assis com a Academia Brasileira de Letras. A influência do bruxo do Cosme Velho sobre o mato-grossense é de longe apontada por muitos de seus leitores/críticos.

MESQUITA elege suas musas. Predomina a mulher branca e rica, da tradicional cuiabania como musa oficial, embora haja espaço, mesmo que de maneira não crítica para se elencar outros perfis. Percebemos que, conforme era caro à historiografia oficial, leia-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o projeto de constituição de uma história oficial do país, patrocinado pelos órgãos oficiais impunha uma certa distinção nos registros. Mulheres brancas, negras e índias se encontram na obra de Mesquita, notadamente afetadas por questões evolucionistas, ligadas a aspectos instintivos, não raro com deformações congênitas.

Se compreendermos que discutir questões de fundo cientificista e ligadas à uma visão evolutiva do ser humano é passar pela questão biológica, como também social, percebemos, que esta determina aquela, no contexto penumbriado, que representa as relações culturais, sociais e econômicas do fim do século XIX e início do século XX. E aí relembremos Teresa de Benguela e a índia Rosa, personagens que, sinteticamente trabalhadas por MESQUITA, nos são apresentadas de maneira superficial e puramente retórica, sem um mergulho na constituição de mártir, ou uma representação mais bem elaborada.

O lugar social do escravo, primeiramente associado ao paganismo, já o colocava em situação de inferioridade, era o do negro, que sempre foi também o do pobre, independente de cor. Corá, por sua vez, personagem fictícia de MESQUITA, é uma mulher pobre, afro descendente e afetada por um comportamento instintivo que o autor busca reforçar para demonstrar deformação de caráter, ligando-a à construção elaborada ao longo do final do XIX e primeiras três décadas do XX de que o negro (homem ou mulher) está fortemente ligado ao tempero, quer seja na cama, ou na mesa.

Questões de gênero sempre são interessantes, garantem um olhar multifacetado e acirram a relação intelectual homem VERSUS mulher, dinamizam as relações humanas. Acreditamos que esse jogo de forças ficou bem claro na construção do pensamento de José de Mesquita. O cuidado que tinha em fazer recomendações às suas afilhadas, o

carinho pela família e o apreço pela constituição da sociedade deixaram registros que fundamentam esse caminho. As relações de poder entre os órgãos agremiativos, as irmandades, a política distintiva da Academia e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso ajudam a compreender a força de sua pena.

Talvez o auge da produção de MESQUITA concentre-se no período do Estado Novo. Ao longo de todo o governo VARGAS, de um Brasil paternalista. A *bélle époque* tupiniquim se fazia presente com um *glamour* decadente. Essa visão glamourosa encontra em Mato Grosso amplo espaço para se expandir. A contribuição da revista *A Violeta* foi muito importante. E lá estava nosso escritor.

MESQUITA formou-se no ano de 1913 como bacharel em ciências jurídicas na então melhor faculdade de direito do país, e uma das mais antigas. O Largo de São Francisco que lhe deu como colega de turma ninguém mais que Menotti Del Picchia. Sua geração viu passar pelos corredores da centenária instituição baluartes como Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Monteiro Lobato e Viveiros de Castro. O homem da fala fácil, de retórica compassada e de um certo brilho de conferencista foi escolhido para ser o orador da turma, e turma que tinha entre os pares um dos baluartes do modernismo brasileiro, em sua vertente nacionalista, Menotti Del Picchia.

Procuramos demonstrar que os vínculos das instituições culturais, sobretudo das academias com o catolicismo vêm de longa data. O funcionamento da faculdade de direito no convento de São Francisco, de 1828 até 1930, sinaliza para essa afinidade. MESQUITA passou boa parte de sua vida realizando pesquisas em que oficializou o que chamava de As mães da raça, ou a gênese das primeiras famílias cuiabanas. Suas leituras e escritas dos cronistas, desde Barbosa de Sá, bem como seus levantamentos genealógicos dão conta dessa visão nobiliárquica que pautou suas pesquisas.

O afastamento das temáticas do Desembargador das de seu grupo de faculdade, sobretudo da íntima relação que teve com DEL PICCHIA, se dá muito em função da volta para Cuiabá, para o Mato Grosso, e o enquadramento que sofreu por parte do bispo-presidente, poderoso general da ação católica, que comandou com pouca moderação o cenário político, histórico e cultural, de 1918 a 1922.

Na prosa de MESQUITA é que encontramos um sem número de registros de tradições e de visões estereotipadas do ponto de vista social. O grau de erudição e ao mesmo tempo de domínio da cultura popular faz da prosa de MESQUITA algo de intenso valor. O registro de manifestações de rua, unindo elite e “povão”, como nas manifestações das cavalhadas, as discussões psicossociais entronizadas em seu *Espelho*

*de almas*, como também o conjunto de práticas sociais *No tempo da cadeirinha* são verdadeiros documentos/monumentos que podem ser utilizados para a re – construção de um passado à luz de outras fontes puramente historiográficas. Mas é no conto *Corá*, em que os princípios da Escolástica são devassados, que encontramos o grande escritor, aquele capaz de produzir uma narrativa de intensa crítica social, mordaz em que o próprio mordente parece estar incomodando ao algoz. É essa mulher que já surgia em seus Crimes célebres, a estreita ligação entre os desequilíbrios mentais, as paixões humanas encarceradas pelo álcool, entre outros agentes a espreitar os pilares da sociedade cuiabana.

Entre o final da primeira grande guerra e a Semana de Arte Moderna, período de quase um lustro, Mato Grosso experimentou um governo que se distinguiu dos demais, em vários aspectos. A criação do Instituto Histórico e Geográfico, bem como a do Centro de Letras, foram duas iniciativas do bispo-poeta-presidente, e tiveram atuação bastante dinâmica. Entre o pecado original, os descaminhos da sedução e a sedição de outro tipo de mulher, enxergamos os deslizos do ser humano e as tentativas de salvação. Como servo da ação católica, inclusive tendo sido premiado pelo Papa Pio XI, MESQUITA põe em curso as diretrizes do movimento. Se por um lado busca dar legitimidade ao discurso da salvação, como Saulo na sua conversão no caminho de Damasco, por outro lado vemos a perseguição a todo e qualquer comunista em qualquer espaço social. E não são poucas as tentativas de colocá-los à margem da sociedade.

O conjunto dessas preocupações, analisado sob a ótica da educação e da formação do Estado Novo, com seu viés nacionalista, está presente e busca transparecer certa contundência no pensamento dessa elite branca e católica que ocupou o lugar mais alto das estratificações sociais da época. Considerando o Brasil um país em que a harmonia entre os povos sempre se escondeu por um fino manto que recobre a indiferença com os menos favorecidos, ou desafortunados, justifica-se a criação das políticas assistencialistas em que o coronelato se impõe. A indústria da caridade acaba se fazendo presente das mais variadas formas.

## 6. FONTES

MESQUITA, José de. Genealogia paulista e matogrossense. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: RIHGMT, 1925.

\_\_\_\_\_ *O catholicismo e a mulher*. Cuiabá: Typografia Salesianas, 1926.

\_\_\_\_\_ *Terra do berço*. Cuiabá: Edição do autor, 1927.

\_\_\_\_\_ *A Cavalhada*. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1928.

\_\_\_\_\_ Epopéia mato-grossense. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: RIHGMT, 1930.

\_\_\_\_\_ *Semeadoras da bondade*. Cuiabá: Typografia Salesianas, 1930.

\_\_\_\_\_ Semeadoras do futuro. In: *Revista da Academia Mato-grossense de Letras-período X; tomo XVII*. Cuiabá: AML, 1930.

*Espelho das almas*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1932.

\_\_\_\_\_ Grandeza e decadência da Serra-acima. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: IHGMT, 1932.

\_\_\_\_\_ O sentido da literatura Mato-grossense. In: *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. Cuiabá: RAML, 1937.

\_\_\_\_\_ *Piedade*. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1937.

\_\_\_\_\_ Ritmos novos. In: *Revista do Grêmio Literário José de Mesquita*. Cuiabá: Typografia Epaminondas, 1938.

\_\_\_\_\_ Epítome da história literária de Mato Grosso. In: *Revista de Cultura*. – fascículo 148. Rio de Janeiro: 1939.

\_\_\_\_\_ *Revista de Cultura – fascículo 14*. Rio de Janeiro: 1928.

\_\_\_\_\_ *Revista de Cultura – fascículo 20*. Rio de Janeiro: 1936.

\_\_\_\_\_ *Pela boa causa*. Nictheroy: Sallesianas, 19

\_\_\_\_\_ *Professoras novas para um mundo novo*. Cuiabá: Typografia Salesianas, 1940.

\_\_\_\_\_ Três Poemas da Saudade. In: *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. Cuiabá: RAML, 1943.

\_\_\_\_\_ *Escada de Jacó*. Cuiabá: Escola Industrial Salesiana, 1945.

\_\_\_\_\_ *No tempo da cadeirinha*. Curitiba: Guaira, 1946.

\_\_\_\_\_ *Roteiro da felicidade*. Cuiabá: Edição do autor, 1946.

\_\_\_\_\_ Corá. In: *As selvas e o pantanal*. São Paulo: Cultrix, 1959.

- \_\_\_\_\_ *Poemas do Guaporé*. Cuiabá: Edição do autor, 1959.
- \_\_\_\_\_ *A Chapada cuiabana*. Cuiabá: Fundação Cultural, 1977.
- \_\_\_\_\_ *Gente e coisas de antanho. Cadernos cuiabanos, n° 4*. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1978.
- \_\_\_\_\_ *Genealogia mato-grossense – Nobiliário mato-grossense*. São Paulo: Resenha Tributária, 1992.
- \_\_\_\_\_ Corá In: *Revista Vote, n° 5*. 2001. Cuiabá: Prosa Virtual,
- \_\_\_\_\_ Folhas de Álbum. In: *A Violeta*. Edições de 192... a 1950.
- \_\_\_\_\_ Graça. Capítulos de novela. In: *A Cruz*. 1932-1950

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento.* Rio de Janeiro: Alfalit Brasil, 1996.
- ALBUQUERQUE Jr, Durval. *A invenção do nordeste e outras artes.* Recife/São Paulo: Massangana-Cortez, 2001.
- ALVES, João de Medeiros. *O quilombo do Quariterê.* WWW.historianet.com.br.
- ARENDDT, Hannah. O conceito de história – antigo e moderno. In: *Entre o passado e o futuro.* São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ARRUDA, Antonio. *No limiar dos 90 anos.* Rio de Janeiro: Edição do autor, 2001.
- \_\_\_\_\_ *Um olhar distante.* Cuiabá: Edição do autor, 1997.
- ASSIS, Joaquim M. Machado de. *Esau e Jacó.* Goiânia: Planeta, 2004.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho. A nova história intelectual de Dominick La Capra e a noção de raça. In: *Narrar o passado, repensar a história.* UNICAMP: Campinas, 2000.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis.* São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso.* São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BACKES, Marcelo. Prefácio. In: *O Uruguai.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.
- BARROS, Gilda Naécia Maciel. *Platão, Rousseau e o Estado Total.* São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.
- BARTHES, ROLLAND. Masculino Feminino Neutro. In: *Masculino Feminino Neutro.* Porto Alegre: global, 1976.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Volume I.* São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BIOSCA, José Lavasquial. (versão) *O bom aluno.* Nyctheroy: Tipografia Salesiana, 1916.
- BORGES, Vavy Pacheco. Aos trinta e política: história e historiografia. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva.* São Paulo: Contexto, 2003.
- BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: *Tempo e História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales.* São Paulo: UNESP, 1990.
- \_\_\_\_\_ *A escrita da história.* São Paulo: UNESP, 1992.

- CARDOSO, Ciro F. e MALERBA, Jurandir (orgs.) *Representações: contribuições a um debate interdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.
- CARVALHAL, Tânia Franco et alli. *Masculino Feminino Neutro*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- CARVALHO, Carlos Gomes. *A poesia em Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.
- CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora. *O projeto republicano de educação nacional na versão de José Veríssimo*. São Paulo: ANABLUME, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CHALLOUB, Sydney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_ Para que servem os narizes? In: *Arte e Ofícios de curar no Brasil* Campinas: UNICAMP, 2000 .
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.
- CONRAD, Roberto Edgard. *Tumbeiros – o tráfico de escravos para o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CORRÊA, Francisco de Aquino. Cristianismo e feminismo. In: *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. Número VI. Cuiabá: AML, 1935.
- \_\_\_\_\_ *Nova e vetera*. Brasília: Senado Federal, 1985.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. São Paulo: Graal, 1999.
- COSTA E SILVA, Paulo Pitaluga. *Estudo Bibliográfico da História, Geografia e Etnologia de Mato Grosso*. Cuiabá: CCS, 1992.
- DARWIN, Charles. *A origem do homem e a seleção sexual*. São Paulo: HEMUS, 1974.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de Gatos*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1996
- DELLEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DIHEL, Astor Antonio. *A cultura historiográfica brasileira*. Passo Fundo: EDUPF, 1998.
- DUBY, Georges. *Eva e os Padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DURÃO, Paulo. O que é um romance católico. In: *Revista de Cultura*. Volume XIII. Rio de Janeiro: 1933.

- FALCON, Francisco J. Calasans. História e Representação In: *Representações. Contribuição a um Debate Transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.
- FARIA, Sheila de Castro. História da Família e Demografia Histórica. In: *Domínios da História*. Rio de Janeiro: CAMPUS, 1997.
- FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FOULCAULT, Michel. A vontade do saber. In: *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1993.
- \_\_\_\_\_ *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1986.
- GALETTI, Lylia Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo:USP, 2000.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *A Donzela Guerreira*. São Paulo: SENAC, 1998.
- GRANJA, Lúcia. A língua engenhosa: o narrador de Machado de Assis, entre a invenção de história e a citação da história. In: *A história contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- HALL, Stuart. A identidade em questão. In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.
- HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In: *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da literatura. In: *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: UNICAMP, 2000.
- HERMANN, Jacqueline. História das religiões e das religiosidades. In: *Domínios da História*. Rio de Janeiro: CAMPUS, 1997.
- HOBBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_ *A era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- HUFTON, Olwen. Mulheres/homens: uma questão subversiva. In: *Passados Recompuestos*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da república. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2003.
- KRAMER, Lloyds. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. In: *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza de ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e literatura*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1987.
- LEITE, Mario César Silva. Monstros-serpentes, mulheres – de Lylith ao Minhocão. In: *Revista das Faculdades Integradas Toledo*, nº 2. Uberlândia: Toledo, 2000.
- LIMA, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- MACHADO FILHO, Oswaldo. *Ilegalismos e jogos de poder: um crime célebre em Cuiabá (1872) e suas verdades jurídicas (1840-1880)*. UNICAMP: Campinas, 2003.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato-Grosso*. Cuiabá: UNICEN, 2001.
- MARTINS, Ana Paula Vesne. O caso Naná: representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX. In: *História – questões e debates*. Curitiba: UFPR, 2001.
- MATOS, Maria Izilda Santos. Construindo a paulistaneidade: as representações do feminino e do masculino no discurso médico-eugênico, São Paulo (1890-1930). In: *História revista*. Goiânia: UFGO, 1996.
- MELO, Clovis de. O Centenário de José de Mesquita, fundador da Academia Mato-grossense de Letras. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: IHGMT, 1992.
- MELO, Evaldo Cabral. *O nome e o sangue: Uma fraude genealógica do Pernambuco colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MENDONÇA, Estevão de. *Datas mato-grossenses*. Nicteroy: Salesiana, 1919.
- MENDONÇA, Rubens de. *Igrejas e sobrados de Cuiabá*. Cuiabá: Fundação Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_ *Nos bastidores da História mato-grossense*. Cuiabá: UFMT, 1983.
- \_\_\_\_\_ *Sátira na política de Mato Grosso*. Cuiabá: Edições do Meio, 1978.
- MICHELET, Jules. *A bíblia da humanidade*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2001.
- \_\_\_\_\_ *Joana D'arc*. São Paulo: Imaginário / Polis, 1995.
- \_\_\_\_\_ *A Feiticeira*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- MONTELLO, Josué. *Pequeno anedotário da Academia Brasileira*. São Paulo: Martins, 1961.
- NADAF, Yasmin Jamil. *Diálogos da escrita*. Rio de Janeiro: Lidador, 2003.

- \_\_\_\_\_ *Sob o signo de uma flor*. Rio de Janeiro: SETTELETRAS, 1993.
- \_\_\_\_\_ *Presença de Mulher*. Rio de Janeiro: Lidador, 2004.
- \_\_\_\_\_ *Rodapé das miscelâneas*. Rio de Janeiro: SETTELETRAS, 2002.
- NETO, Edgard Ferreira. História e Etnia. In: *Domínios da História*. Rio de Janeiro: CAMPUS, 1997.
- NEVES, Josélia. *Representações de gênero em Casa Grande e Senzala*. WWW.mulher500.org.br/artigos.
- NEVES, Maria Manuela Renha de Novis. *Elites políticas: competição e dinâmica partidário-eleitoral (caso de Mato Grosso)*. São Paulo: Vórtice, 1988.
- PARENTE, Temis Gomes. Mulheres (in) visíveis: cotidiano nos sertões do norte de Goiás no século XIX. In: *Revista da Universidade Católica de Goiás*. Goiânia: RUCG, 2002.
- PERARO, Maria Adenir. *Bastardos do Império*. São Paulo: Contexto, 2001.
- \_\_\_\_\_ (org.) *Memória da Igreja em Mato Grosso*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. *Professoras alfabetizadoras*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- POVOAS, Isác. *Escritos depoimentos Cartas*. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1987.
- POVOAS, Nilo. *Galeria dos varões ilustres de Mato Grosso*. Cuiabá: Fundação Cultural, 1977.
- PRATES, Ana Laura. *Feminilidade e experiência psicanalítica*. São Paulo: Hacker/Fapesp, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- RAGO, L. Margareth. De Eva a santa, a dessexualização da mulher no Brasil. In: *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_ amores ilícitos na Paris de Émile Zola. In: *História e perspectiva*. Uberlândia: UFMG, 1988.
- REGO, Maria do Carmo de Mello. *Escritos Completos*. Cuiabá: IHGMT, 2002.
- REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SÁ, Joseph Barbosa de. *Relação das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. Cuiabá: UFMT, 1975.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SALDANHA, Nelson. *A escola do Recife*. São Paulo: Convívio, 1985.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_ *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SICUTERI, Roberto. *Lylyth – a lua negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SILVA, Martiniano J. *Racismo à brasileira – raízes históricas?* Goiânia: O Popular, 1985.

SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. *História de Mato Grosso – da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SMITH, Bonnie. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru: EDUSC, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988.

\_\_\_\_\_ *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

SOIHET, Raquel. História das mulheres. In: *Domínios da História*. Rio de Janeiro: CAMPUS, 1997.

STUART-HALL. A identidade em questão. In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas femininas. In: *História: questões e debates*. Curitiba: UFPR, 2001.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: EDUSP, 2001.

\_\_\_\_\_ *Meta-história*. São Paulo: EDUSP, 1973.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VENANCIO, Giselle Martins. Lugar de mulher é...na fábrica: estado e trabalho feminino no Brasil (1910-1934). In: *História – questões e debates*. Nº 18. Curitiba: UFPR, 2001.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *Cativos do sertão. Vida cotidiana e escravidão em Cuiabá – 1850-1889*. São Paulo: USP, 1991.